



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



PAULO GEOVANE SOUSA ALMEIDA

MEMÓRIA E IDENTIDADE EM *SÉRGIO Y. VAI À AMÉRICA* E *COLORO DE ALEXANDRE VIDAL PORTO*

TERESINA
2023

PAULO GEOVANE SOUSA ALMEIDA

MEMÓRIA E IDENTIDADE EM *SÉRGIO Y. VAI À AMÉRICA E CLORO DE ALEXANDRE VIDAL PORTO*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito para aprovação de Defesa de Mestrado. Área de concentração: Literatura e Cultura. Linha de pesquisa em Literatura, Historiografia e Memória Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Margareth Torres de Alencar Costa

TERESINA
2023

A447m Almeida, Paulo Geovane Sousa.
Memória e identidade em *Sérgio Y. vai à América* e *Cloro* de
Alexandre Vidal Porto / Paulo Geovane Sousa Almeida. – 2023.
103 p.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI,
Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, *Campus* Poeta Torquato
Neto, Teresina-PI, 2023.

“Orientadora: Profa. Dra. Margareth Torres de Alencar Costa.”
“Área de Concentração: Literatura e Cultura.”

1. Memória. 2. Identidade. 3. *Sérgio Y. vai à América*.
4. *Cloro*. 5. Alexandre Vidal Porto. I. Título.

CDD: 801.95



TERMO DE APROVAÇÃO

Memória e Identidade em Sérgio Y. vai à América e Cloro de Alexandre Vidal Porto

PAULO GEOVANE SOUSA ALMEIDA

Esta dissertação foi defendida às 09:00h, do dia 31 de Março de 2023, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí. O candidato apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO (Aprovado, não aprovado).

Professora Dra. Margareth Torres de Alencar Costa – UESPI
Orientadora

Professora Dra. Maria Suely de Oliveira Lopes – UESPI
Membro interno

Professor Dra. Luizir de Oliveira – UFPI
Membro externo

Professora Dra. Raimunda Celestina Mendes da Silva – UESPI

Visto da Coordenação:

Dr. Franklin Oliveira Silva (Matrícula: 286.154-2)
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UESPI

A Deus, primeiramente, por ser o nosso criador e do universo. Toda minha força e luta diária vem desse ser de luz. Através da minha crença posso lutar por um mundo mais justo e cada vez melhor.

As todas as pessoas LGBTQIAPN+, pelo respeito a sua vida, por suas conquistas diárias, por visibilidade dentro de uma sociedade e principalmente pelas lutas do reconhecimento de sua identidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, criador do céu e da terra.

À Universidade Estadual do Piauí, por ter me dado essa oportunidade de compartilhar conhecimentos entre colegas e mestres.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação, em nome do Coordenador Prof. Dr. Franklin Oliveira Silva e a todo corpo docente, técnicos e serviços diversos que fazem parte desta Instituição.

À minha professora e orientadora Dra. Margareth Torres de Alencar Costa, por ter me acolhido nessa jornada de conclusão da dissertação. Agradeço ainda por seu carinho, por sua compreensão, e por me fazer entender o verdadeiro significado da palavra orientação, e, finalmente, por me ajudar na construção deste trabalho.

Quero registrar a minha gratidão aos professores Dr. Luizir de Oliveira e a Dra. Suely Lopes, por aceitarem o convite, e participarem, com suas contribuições e conhecimentos, como avaliadores desta banca examinadora de Defesa de Dissertação.

A meus pais, José de Ribamar da Costa Almeida e Francineide Sousa Almeida, por sempre respeitarem minhas decisões, mesmo que por uma vez ou outra não concordarem com tudo e usarem o diálogo como ferramenta imprescindível para uma boa união de pais e filho.

Às minhas irmãs Paula, Fernanda e Janice, pelo apoio, por acreditarem no meu potencial de estudante.

Aos meus sobrinhos, Afonso, Olavo, Maria Fernanda e Maria Aparecida, que despertam em mim o sentimento de amor, ternura, alegria e felicidade.

Ao meu amigo e companheiro, José, não tenho palavras para agradecer o apoio, as conversas, as leituras e as reflexões acerca das obras literária *Sérgio Y. vai a América e Cloro*.

Aos meus amigos do Mestrado, Daniel, Kelson, Lennon, Maria Clara, Venâncio e Wagner, pelas conversas, pelos trabalhos em grupo, por muitas vezes esclarecerem minhas dúvidas e por me ouvirem nos momentos difíceis, obrigado!

Aos meus amigos, estes, por serem mais que especiais, pois a amizade é um dos sentimentos mais nobre e verdadeiro que existe no mundo;

E a todos que torceram por mim, o meu muito obrigado!

A verdadeira viagem se faz na memória.

Marcel Proust

RESUMO

Este trabalho tem como temas de investigação a memória e a identidade na literatura contemporânea. Para tanto, realizamos uma análise dos romances *Sergio Y. vai à América e Cloro*, do autor Alexandre Vidal Porto. Ambos se caracterizam como literatura contemporânea e trazem uma relação com a memória e identidade numa perspectiva LGBTQIAPN+. Ante o exposto e com a leitura das obras, levantamos os seguintes questionamentos: Qual o lugar e a importância de Alexandre Vidal Porto no contexto de literatura contemporânea? Como se constrói a memória identitária dos protagonistas nas obras *Sergio Y. vai à América e Cloro*? Qual a relação dialógica dos romances *Sergio Y. vai à América e Cloro*? O estudo propõe como objetivo geral analisar o processo memorialístico e identitário nos romances contemporâneos *Sergio Y. vai à América e Cloro*, de Porto. Assim, no intuito de estreimar as finalidades, tem como objetivos específicos: compreender o lugar e a importância de Alexandre Vidal Porto no contexto de literatura contemporânea; investigar como se dá o processo de construção da memória e da identidade dos protagonistas sob a perspectiva LGBTQIAPN+; e identificar como se constrói a relação dialógica das obras *Sergio Y. vai à América e Cloro*. Desse modo, a presente pesquisa é sistematizada a partir do seguinte referencial teórico: Agamben (2009), Alós (2012), Candau (2011), Carvalhal (2006), Halbwachs (2006), Perrone-Moisés (2016), Pollak (1992; 1989), Posso (2005), Porto (2014; 2018), e Schøllhammer (2009), dentre outros. A proposta metodológica partiu de uma pesquisa bibliográfica qualitativa. Ser contemporâneo é pertencer a um tempo e ter a capacidade de se distanciar dele para compreendê-lo melhor, ou seja, é ter um comum acordo com o próprio tempo. Entendemos, com nossa pesquisa, que literatura contemporânea se caracteriza como um resgate do passado para o presente, transformado numa nova roupagem. Essa literatura entra em cena quando resolve confrontar a escrita clássica e conservadora numa perspectiva renovadora, podendo estar pautada em tragédias cotidianas, em personagens com conflitos familiares e questões sociais. Os dois temas principais, que são a memória e a identidade, apresentam-se de forma individual e coletiva e a identidade como imagem que o indivíduo constrói de si mesmo. Os resultados apontam para a memória coletiva se caracterizando como um processo de reconstrução identitária, no qual são constituídas de fragmentos e essas frações vão formando o lugar social do indivíduo e de suas relações com os outros.

Palavras-chave: Memória. Identidade. *Sergio Y. vai à América. Cloro.* Alexandre Vidal Porto.

ABSTRACT

This work has as its research themes memory and identity in contemporary literature. For that, we carried out an analysis of the novels *Sérgio Y. vai à América e Cloro* by the author Alexandre Vidal Porto. Both are characterized as contemporary literature and bring a relationship with memory and identity from LGBTQIAPN+ perspective. In view of the above and with the reading of the works, we raise the following questions: What is the place and importance of Alexandre Vidal Porto in the context of contemporary literature? How is the identity memory of the protagonists built in the works *Sérgio Y. vai à América e Cloro*? What is the dialogic relationship between the novels *Sérgio Y. vai à América e Cloro*? The study proposes as a general objective to analyze the memorialistic and identity process in the contemporary novels *Sérgio Y. vai à América e Cloro* from Porto. Thus, in order to achieve goals, it has the following specific objectives: to understand the place and importance of Alexandre Vidal Porto in the context of contemporary literature; investigate how the memory and identity construction process of the protagonists takes place from the LGBTQIAPN+ perspective; and to identify how the dialogical relationship of the works *Sérgio Y. vai à América e Cloro* is built. Thus, this research is systematized from the following theoretical framework: Agamben (2009), Alós (2012), Candau (2011), Carvalhal (2006), Halbwachs (2006), Perrone-Moisés (2016), Pollak (1992; 1989), Posso (2005), Porto (2014; 2018), e Schøllhammer (2009), among others. The methodological proposal started from a qualitative bibliographical research. To be contemporary is to belong to a time and to have the ability to distance oneself from it in order to understand it better, that is, to have a common agreement with time itself. We understand with our research that contemporary literature is characterized as a rescue from the past to the present, transformed in a new guise. This literature comes into play when it decides to confront classical and conservative writing in a renewing perspective and may be based on everyday tragedies, characters with family conflicts and social issues. The two main themes which are memory and identity are presented individually and collectively and identity as an image that the individual builds of himself. The results point to collective memory being characterized as a process of identity reconstruction, in which they are made up of fragments and these fractions form the social place of the individual and his relationships with others.

Keywords: Memory. Identity. *Sérgio Y. vai à América e Cloro*. Alexandre Vidal Porto.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 LITERATURA DE TESTEMUNHO E MEMÓRIA	14
2.1 As vozes dos excluídos na literatura de testemunho.....	14
2.2 Refletindo sobre os conceitos da memória.....	19
2.3 Retrospectiva da identidade na perspectiva LGBTQIAPN+	29
2.4 A importância da memória e identidade nos estudos de <i>Sérgio Y. vai à América e Cloro</i>	40
3 ALEXANDRE VIDAL PORTO E A LITERATURA CONTEMPORÂNEA	48
3.1 Perspectivas da Literatura contemporânea	48
3.2 Contexto contemporâneo das narrativas de Alexandre Vidal Porto	65
4 SÉRGIO Y. VAI A AMÉRICA E CLORO E A CONSTRUÇÃO MEMORIALÍSTICA E IDENTITÁRIA	74
4.1 Construindo a memória identitária de Sandra Yacoubian em <i>Sérgio Y. vai à América</i>	74
4.2 Construindo a memória identitária de Constantino em <i>Cloro</i>	84
4.3 A relação do diálogo em <i>Sérgio Y. vai à América e Cloro</i> , de Alexandre Vidal Porto	91
5 CONCLUSÃO	100
REFERENCIAS	102

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a memória sempre teve um papel fundamental na formação da sociedade, assim como a identidade. A relação de complementariedade entre elas se dá em função da subjetividade, aspecto eminentemente individual. Nesse sentido, constrói-se a compreensão de si mesmo, a partir do que se vive e recorda. Nessa relação, entra em cena a memória coletiva que perpassa de uma geração a outra e circula entre os membros de uma determinada comunidade. Esta resulta da combinação de valores, crenças e ideologias perpassadas e reforçadas entre os membros do grupo a que pertence.

O estudo das duas obras, *Sérgio Y. vai à América* e *Cloro*, justifica-se pela semelhança temática, no qual se propõe, dentro dos estudos literários, trabalhar na perspectiva dos estudos comparados. Assim como a relação com o escritor, as obras estreitam laços com a vida do pesquisador e demonstram aspectos dentro da narrativa de fatos semelhantes que aconteceram em sua vida, marcados por traumas e preconceito, ainda que, dentro do movimento LGBTQIAPN+, possuam condições diferentes. É pertinente ressaltar a necessidade do estudo sobre essa temática, porque na nossa sociedade esse tema alcança números expressivos de mortes no Brasil, visto que só no ano de 2021 subiu para 33,3% os números de mortes violentas do público LGBTQIAPN+ em relação ao ano anterior, dados obtidos pela Agência Brasil¹.

A obra *Sérgio Y vai a América* possui como personagem principal Armando, psiquiatra, viúvo, pai de uma filha, que está no auge de sua carreira aos seus setenta anos que, determinado dia, recebe um paciente chamado Sérgio Y, que o deixa intrigado, pois é um rapaz bonito, bem afeiçoado, de família rica e inteligente, que se questiona por não ser feliz. No entanto, pouco tempo depois, o próprio paciente se dá alta, afirmando que está bem e que não precisa mais da terapia, deixando Armando intrigado. Logo depois de algum tempo, acontece um fato: Armando descobre, através da mãe de Sérgio, que ele está feliz e morando em Nova York. Contudo, o que lhe causa grandes questionamentos é quando toma conhecimento de uma notícia triste: o assassinato de Sérgio Y. Desse momento em diante, Armando vai atrás de informações sobre as várias dúvidas e inquietações a

¹ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-05/numero-de-mortes-violentas-de-pessoas-lgbti-subiu-333-em-um-ano>. Acesso em: 21 nov. 2022

respeito de Sergio ter abandonado a terapia. Nessa sua busca, descobre que Sergio se mudou para Nova York e que passou a se chamar Sandra. Sua maior inquietação é o fato de não ter percebido os sinais de Sergio no que diz respeito a sua sexualidade, algo tão intenso que o levou a mudar de gênero, justo ele, Armando, um psiquiatra tão experiente e capacitado.

A obra *Cloro* conta a história de Constantino, homem de meia idade, no auge dos 50 anos, casado, pai de dois filhos, advogado renomado e que passa a contar a sua história de vida após sua morte. Relata toda a sua vida desde a infância e sua fuga incessante contra a sua natureza, o que já caracteriza a obra como sendo relato de memórias e, portanto, pertencente ao gênero da escrita de si, sua sexualidade, por questões familiares ou até mesmo medo da estigmatização, como ele mesmo traz em suas palavras, ou seja, o peso da palavra "bicha", rotulação contra a qual ele lutava, revelando assim a memória traumática que o acompanhou em toda sua trajetória por conta de sua sexualidade. Após a morte do filho, de forma violenta em que nunca foram descobertos os culpados, começa a compreender e aceitar a sua sexualidade, primeiramente apenas assistindo aos vídeos na internet, até dar o primeiro passo e marcar um encontro com um homem. Depois passou a ter uma vida dupla e, por causa da opinião dos outros, manteve-se dentro do armário por um bom tempo. Determinado dia, em uma viagem ao Japão, não resistindo aos seus anseios, vai para uma sauna gay e lá sofre um infarto fulminante e morre.

O escritor dos romances, Alexandre Vidal Porto, nasceu em São Paulo em 19 de março de 1965. É diplomata brasileiro e mestre em Direito pela Universidade de Harvard. Ao longo dos anos residiu em vários lugares: São Paulo, Fortaleza, Brasília, Nova Iorque, Santiago, Cidade do México, Washington e Tóquio. Atualmente, mora com o marido em Frankfurt², fato que nos remete a dados autobiográficos neste texto.

Buscamos nas obras do autor trazer a discussão da temática LGBTQIAPN+³. Apesar de essa abordagem ter sido muito explorada na literária atual, grandes editoras ainda se recusam a publicar obras com esse enfoque, esquivando-se de lhes dar o devido reconhecimento.

O romance *Sérgio Y. vai à américa*, de Alexandre Vidal Porto, faz uso de uma percepção heteronormativa a respeito do tema que se caracteriza por transcender

² Disponível em: <http://www.alexandrevidalporto.com/>. Acesso em: 28 jul. 2022.

³ Disponível em: <https://orientando.org/o-que-significa-lgbtqiap/>. Acesso em: 04 out. 2022.

as barreiras impostas pelo conservadorismo. Já o outro romance, *Cloro*, traz discussões sobre o quanto é possível se esconder de si mesmo. Para tanto, traz o relato de uma tragédia de uma família tradicional e a desestruturação desse núcleo com a revelação de um homossexual.

Nesse sentido, a hipótese que levantamos se dá como a memória e identidade vão se apresentando com as experiências do dia a dia de cada indivíduo e da sua experiência com o coletivo. Dessa forma, podemos deduzir que nosso processo de identidade acontece principalmente nas relações sociais. Devemos destacar ainda, como hipótese, a fragmentação da memória. Ela pode ser um divisor de várias identidades, ou seja, sabemos que as memórias são constituídas de fragmentos e essas frações vão formando o lugar social do indivíduo e suas relações com os outros. Convencemo-nos também que os corpora estudados se apresentam em forma de capítulos curtos, como estilhaços, corroborando para o sentido de fragmentação das narrativas. Dessa forma, os enredos se despedaçam em um mundo em que a noção de totalidade perde o sentido.

No que tange à metodologia, o estudo é qualitativo, de cunho bibliográfico, pois foi construído a partir de material já elaborado, cuja principal vantagem, conforme Gil (2016), está no fato de permitir ao pesquisador uma gama muito mais ampla de fenômenos do que a obtida diretamente.

Nesse sentido, a pesquisa tem como objetivo analisar o processo memorialístico e identitário nos romances contemporâneos *Sergio Y. vai à América e Cloro*, de Alexandre Vidal Porto. Para tornar um estudo mais particular utilizamos como objetivos específicos: compreender o lugar e a importância de Alexandre Vidal Porto no contexto de literatura contemporânea; investigar como se dá o processo de construção da memória e da identidade dos protagonistas sob a perspectiva LGBTQIAPN+; e identificar como se constrói a relação dialógica das obras *Sergio Y. vai à América e Cloro*.

Com relação ao material teórico, o estudo se fundamenta no pensamento de Halbwachs (2006), Pollak (1992; 1989) e Candau (2011), que trouxeram suas análises a respeito de memória e identidade. No que tange à identidade queer / LGBTQIAPN+, foi feito uso de Alós (2012) e Posso (2005), dentre outros autores que contribuíram com a temática. Em relação a literatura contemporânea, Agamben (2009) e Schollhammer (2009) deram suas contribuições sobre o tema.

As pesquisas ampliaram-se com leitura de textos das plataformas acadêmicas como Scielo e Google Acadêmico, envolvendo artigos, dissertações e teses tanto em relação à obra de Alexandre Vidal Porto quanto ao tema da pesquisa.

A presente dissertação encontra-se estruturada em três capítulos. No capítulo “Literatura de Testemunha e Memória” discutiremos sobre as vozes dos excluídos, fazemos uma reflexão de alguns conceitos de memória, resgatamos uma retrospectiva da identidade numa perspectiva LGBTQIAPN+, e apontamos como se dá a importância da memória e identidade nos dois romances. No capítulo “Alexandre Vidal Porto e a literatura contemporânea” discutiremos sobre Porto, analisando de forma breve o autor, a sua literatura contemporânea e os romances que serão analisadas ao longo do estudo e, ao mesmo tempo, relacionando-os com o que trazem os autores aqui citados.

Por fim, no terceiro capítulo será realizada a análise dos romances *Sérgio Y. vai a América* e *Cloro* e a construção memorialística e identitária. Desse modo, discutimos nesse capítulo de análise um estudo comparativo, apoiado na representação memorialística e na construção identitária dos personagens principais.

A partir do que foi escrito, buscamos com esta pesquisa trazer subsídios para abordagens da literatura produzida no contexto contemporâneo que envolve a narração de episódios violentos e/ou dolorosos, como das obras do autor estudado, e que reforcem a temática LGBTQIAPN+, principalmente por ainda se caracterizar como um tema “marginalizado”. Ainda é um longo percurso, no entanto, expor essa análise de obras consagradas que reforçam a questão LGBTQIAPN+ traz uma questão muito importante: a de que essas pessoas estão por aí, tanto no Brasil como no mundo, e esse tema precisa ser debatido, ser identificado, pois tais pessoas possuem história, são donas de memória e identidade.

2 LITERATURA DE TESTEMUNHO E MEMÓRIA

Nesta seção, abordamos a respeito da literatura de testemunho e da memória, a partir da visão de teóricos e pesquisadores. No percurso, apresentamos três subseções: no primeiro, tecemos considerações sobre a literatura de testemunho, como conceitos e algumas características; no segundo, discutimos sobre a relação da memória. Por fim, na terceira subseção, debatemos sobre as questões de como esta memória está atrelada à comunidade LGBTQIAPN+.

2.1 As vozes dos excluídos na literatura de testemunho

A expressão “literatura de testemunho” é um conceito atual, sendo mencionada em livros, revistas e na imprensa a partir dos anos 1990. Pelo termo, e quando imaginamos essa literatura de testemunho, pensamos logo em violência, talvez porque quando se ouviu falar nessa literatura, ouviu-se também a palavra Holocausto, o que não deixa de ser um fato. O nosso entendimento é que a literatura de testemunho mantém relação estreita com a violência, com a escrita e com a exclusão social presente nos dois textos corpus deste estudo. A literatura de testemunho, no que diz respeito a violência, está ligada aos estudos dos últimos tempos sobre literatura latino-americana, africana e alemã.

Para nos apoiar nas discussões dessa subseção, no que tange à literatura de testemunho, nos apoiamos em teóricos como: Ginzburg (2008), Marco (2004), Gagnebin (2004), Sarlo (2007) e outros textos, que serviram como leituras e reflexões acerca do tema proposto.

A crítica que se faz nos dias atuais, quanto a literatura contemporânea, seria a compreensão de entender que o subalterno, aquele(a) que é marginalizado(a) no espaço da literatura, e, por fazer parte de um grupo minoritário, dono de sua história legítima, tem de aceitar um narrador privilegiado a contar sob seu ponto de vista fatos da sua história real. O romance *Sérgio Y. vai à América* faz uso desse recurso, quando utiliza o narrador Armando para tal função. Segundo Porto (2014, p. 179), “Escrevo com a memória. Escrevo como me lembro. O que conto é apenas a minha interpretação das coisas”. Será que Armando tem notoriedade para contar a história de Sérgio/Sandra sob sua ótica? Mas Marco (2004) defende que esse narrador é um narrador de ofício:

O perfil do texto literário seria a constituição do objeto livro como resultado do encontro entre um narrador “de ofício” e um narrador que não integra os espaços de produção de conhecimento considerados legítimos, mas cuja experiência, ao ser contada e registrada, constitui um novo saber que modifica o conhecimento sobre a sociedade até então produzido. Desenha-se o testemunho com traços fortes de compromisso político: o letrado teria a função de recolher a voz do subalterno, do marginalizado, para viabilizar uma crítica e um contraponto à “história oficial”, isto é, à versão hegemônica da História (MARCO, 2004, p. 46).

Temos de um lado o narrador de ofício e do outro um narrador real, pois a literatura de testemunho supõe essa relação de dois narradores. Mas afinal, quem é a testemunha? Entendemos que a testemunha seria o primeiro narrador, porque, além de ter a função de registrar e organizar a voz do subalterno, testemunha a história de uma voz excluída pela esfera da sociedade. Segundo Marco (2004), existem testemunhos imediatos, que são os depoimentos, as cartas, os diários, as memórias, as autobiografias, bem como outros não ficcionais, os testemunhos etnográficos e historiográficos. Podemos ressaltar que nossa pesquisa se vale dos registros memorialísticos, pois é através dessa memória que vamos analisar a história de Sergio (no primeiro momento), depois Sandra e Constantino.

Nosso estudo nos faz refletir sobre a literatura de testemunho. *Sérgio Y. vai à América* é uma obra na qual há esse encontro de narradores, evidenciando assim a teoria levantada por Marco (2004). Mas não podemos dizer o mesmo da obra *Cloro*, pois temos apenas um narrador, que conta sua própria história, apesar de que, em um dado momento do romance, o autor da obra dá voz a vários personagens, transformando-os em outros narradores, narrando assim o ponto de vista desses narradores sobre Constantino, como no caso de Débora, esposa de Constantino, que diz:

Um dia você recebe um telefonema às seis em ponto. Como seu marido está no Japão, você imagina que seja ele, atrapalhado com fuso horário, querendo saber de notícias.

Ao telefone – “Alô, eu poderia falar com dona Débora?” -, é estranho não ser a voz do marido do outro lado. O inesperado da voz desconhecida àquela hora da manhã torna tudo mais difícil de entender.

“Dona Débora, aqui é Antônio Gandolfini, cônsul-geral do Brasil em Tóquio. Desculpe-me ligar tão cedo, mas, infelizmente, devo informar que Constantino Curtis, seu marido, faleceu aqui no Japão. Lamento ter de dar essa notícia triste. Meus sentimentos...” (PORTO, 2018, p. 130)

Mesmo os personagens não fazendo parte dos excluídos da sociedade, e sim, de um grupo hegemônico, devemos também configurar a obra *Cloro* como literatura de testemunho. A literatura de testemunho conjectura o encontro de narradores, o que acontece em *Cloro*, em que define o restante da teoria levantada por Marco (2004), quando afirma que o editor/organizador elabora o discurso do narrador excluído da esfera da sociedade, na qual esse narrador deve ser representado por um segmento social ou pertencer a uma comunidade minoritária. O interessante é perceber que, apesar de Sergio/Sandra e Constantino fazerem parte de um grupo minoritário, onde são chamados de personagens subalternos, por pertencerem a um segmento social ou a comunidade LGBTQIAPN+, não podemos deixar de mencionar que essas personagens também fazem parte de um grupo elitizado.

Na primeira obra temos um Psiquiatra de setenta anos, renomado e com a carreira brilhante, como ele mesmo se apresenta, “sou um dos melhores médicos desta cidade” (PORTO, 2014, p. 11). Somente com essa expressão podemos concluir que não se trata de “qualquer pessoa”. Sabemos que a medicina é uma das profissões mais notáveis e elitizada do nosso país. Ainda na obra *Sergio Y. vai à América*, temos Sergio, filho único, de pais ricos, que estudava nas melhores escolas de São Paulo, e passava férias em Nova York, registrado na passagem “Nessas quatro semanas, Sergio foi para Nova York com os pais” (PORTO, 2014, p. 43). Foi a única vez que Armando suspendeu o tratamento de Sergio por quatro semanas.

Em *Cloro*, temos Constantino, “homem branco, um metro e noventa e dois de altura [...] jaz numa bandeja de aço no necrotério de um país estrangeiro” (PORTO, 2018, p. 14). Constantino era advogado, outra profissão consagrada pela sociedade brasileira. Quando morreu, Constantino estava em outro país, sempre viajava, então, imaginamos que não se trata de alguém com pouco dinheiro. Mais uma vez, notamos que essas personagens fazem parte de grupos elitizados, pelas famílias que tinham, pelas profissões, e por seu próprio contexto de vida.

Quando se iniciam as discussões e as reflexões sobre o testemunho, existe um entendimento de que tais estudos partem de investigações a partir de textos hispânico-americano, africanos e alemães, esses últimos voltados principalmente para o Holocausto. Devemos ressaltar a proximidade que o Brasil tem com essas

regiões, no sentido não só de localização, como é o caso dos países americanos, onde se fala a língua espanhola, mas também no seu contexto histórico, com os países africanos, e ainda sabemos da forte ligação com o Holocausto, acontecido na segunda guerra mundial, visto que esse genocídio prejudicou os judeus e a população mundial.

A partir desses estudos, apreendemos que o testemunho contempla outras questões associadas à escrita de resistência e à exclusão social. Essa escrita de resistência refere-se principalmente à colonização da África, portanto, os estudos apontam que esse testemunho se conecta com o tema. Embora nossa pesquisa não trate desse viés, e sim, no que tange à exclusão social de um grupo minoritário, mesmo o grupo fazendo parte de uma sociedade elitizada. É importante lembrar que Ginzburg (2008), nas palavras de Hatley (2000), afirma que o “interesse pelo testemunho se associa à responsabilidade social perante o passado”. E o que temos, aqui nessa pesquisa, é um estudo sobre a memória, que condiz exatamente como essa perspectiva de fazer um reparo ao passado, usar essas lembranças através de seus testemunhos para entender e corrigir o preconceito vivido pela comunidade LGBTQIAPN+.

As obras *Sergio Y. vai à América* e *Cloro* vão de encontro ao estudo testemunhal, pois esses textos estão associados a um contexto traumático. Embora a escrita desses romances seja considerada simples, por não possuir a linguagem de uma obra canônica, ainda assim nos faz refletir sobre seu conteúdo, trazendo temas complexos, como a transexualidade e o gay casado com sua melhor amiga de infância, que vive no armário. Todas essas histórias são traçadas por sofrimento e traumas, conforme é possível perceber no trecho abaixo:

Depois que descobrir e entendi o que havia passado com Sérgio Y., entrei em choque. Foi como se tivesse adoecido. Até hoje, não entendo exatamente o que me aconteceu. Fiquei apático. Não conseguia me concentrar. Parei de comer. Em um mês apenas, emagreci quase seis quilos.

Quando ia chegando a hora de dormir, sentia um desconforto, um incômodo tão grande, de que eu só me livrava com um banho morno e um ansiolítico. Às vezes, dormia bem durante a noite e acordava relaxado. Outras vezes, porém, passava a noite toda com insônia, sem conseguir, sem conseguir dormir até que o dia já estivesse claro (PORTO, 2014, p. 66-67).

Esse episódio, retratado por Armando, comprova um trauma ao descobrir a verdadeira identidade de Sérgio. E não somente isso, mas a forma como foi brutalmente assassinado. Depois, o narrador se sentiu na obrigação de retornar às notas de sessões que fazia com Sergio, em busca de informações para entender o que realmente tinha acontecido, por não perceber o óbvio. Como diz Sarlo (2007, p.9) “não se dispensa do passado pelo exercício da decisão nem da inteligência, como também convocado por um ato da vontade. O retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente”.

A informação mais precisa que Armando tirou dessas anotações foi o sentimento de infelicidade de Sergio. Tinha seu bisavô Areg como uma referência para buscar a felicidade, pois ele era fonte de inspiração. Areg Yacoubian era um refugiado armênio que, ao chegar no Brasil, começou a trabalhar com seu conterrâneo Hagop Moskofian, depois se tornaram sócios e a vida prosperou. Para Sergio, se Areg tivesse ficado no seu país de origem, com certeza teria morrido. Então, Sergio queria fazer o mesmo.

Em contrapartida com os traumas vivenciados na obra *Sérgio Y. vai à América* temos *Cloro*, a história de um narrador morto, o que nos remete a outro narrador defunto famoso no livro “Memórias Póstumas de Brás Cubas” de Machado de Assis. Para Seligmann-Silva (2003, 55), a escrita do sobrevivente se vincula à memória daqueles que não sobreviveram. Nesse sentido, escrever é também uma forma de dar túmulo aos mortos, para que não sejam esquecidos. Parece perceber que é assim que Constantino se sente, ele vai ser sua própria testemunha, narrando episódios traumáticos durante sua vida, já causando estranheza nos leitores conforme o trecho ilustrado abaixo.

Terei de falar de mim, e você saberá coisas que eu não gostaria que ninguém soubesse. Mas não faz sentido mentir. Morto, tenho de ser honesto. Um cadáver encontrado nas condições em que foi o meu perde todo o direito à privacidade. Um dia, me chamaram de bicha. Foi o Marcos Bauer quem, do nada, me chamou de bicha e me deu um soco na barriga na saída da escola, na frente de todo mundo. Foi uma ofensa definitiva, que ficou ecoando para sempre na minha cabeça. Ele arremedava os meus gestos, ria de mim, me ridicularizava. Fez com que eu sentisse medo e vergonha. Tornou minha vida um inferno. Cheguei a pensar em suicídio. Eu tinha oito anos (PORTO, 2018, p. 14).

Os traumas que uma criança carrega por toda vida podem ser fatais. Essas questões ainda na infância fizeram Constantino tomar outro rumo em sua vida, adotar uma identidade que não era sua. Os preconceitos vivenciados pelos homossexuais parecem sempre iguais, muitas vezes até são. Quantas crianças não sofrem ou sofreram esse tipo de abuso psicológico na infância? Acreditamos que em sua maioria, mas devemos dizer que muitos não sabem lidar com a situação. Constantino era uma criança de oito anos e já pensava em suicídio. Os traumas de sua vida o fizeram esconder durante a vida toda sua verdadeira identidade. Constantino foi seu próprio testemunho, só que diferente, na voz de um morto. Como diz Ginzburg (2008), o testemunho significa assumir que aos excluídos cabem falar, definindo seus próprios modos de fazê-lo. Foi o que fez Constantino.

2.2 Refletindo sobre os conceitos da memória

O estudo da memória abarca várias áreas do conhecimento, dentre elas: a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia, dentre outras. Conforme Le Goff (1990), alguns aspectos referentes ao estudo da memória permitem trazer para a realidade cotidiana, muitas vezes de forma simbólica, traços e problemas que compõem a memória histórica e a social. No que tange ao estudo desses dois tipos de memória, Le Goff assevera:

O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento. No estudo histórico da memória histórica é necessário dar uma importância especial às diferenças entre sociedades de memória essencialmente oral e sociedades de memória essencialmente escrita como também às fases de transição da oralidade à escrita (LE GOFF, 1990, p. 368-369).

A construção de uma memória engloba inúmeros eventos/acontecimentos. O autor faz essa comparação da relação entre memória e história, assim como distingue que ela pode ser perpassada para outrem de forma oral ou escrita. As fases as quais se refere o autor relacionam-se ao destaque do processo de evolução da memória escrita, ou seja, inicialmente, a sociedade sem a memória escrita era tida como "selvagem" ou "pré-história". Logo em seguida, com o processo de desenvolvimento da oralidade, a escrita chegou à Antiguidade. Acompanhando esse

processo, a memória medieval, que se caracteriza por manter o equilíbrio entre oral e o escrito, dá continuidade à memória escrita do século XVI que se estendeu até os nossos dias e, por fim, até os atuais desenvolvimentos da memória, na qual podemos citar o surgimento das tecnologias como novas formas de memória escrita, com a digitação e o armazenamento.

Cabral (2015) ressalta a importância de historiadores, jornalistas e antropólogos de se manterem na luta pela democratização da memória social, considerando que esse espaço vem sendo conquistado por diversos grupos, tais como: índios, negros, judeus, dentre outros, que estão sempre a buscar suas instituições de memória para contarem as novas gerações à sua história.

Diferentemente de Cabral (2015), que relaciona a memória social a uma democratização difundida por grupos étnicos, Mesentier (2006) apresenta em sua abordagem que a memória social tem como referencial para a sua construção o patrimônio cultural, ou seja, nas palavras desse autor, é “como um estímulo externo que ajuda a reativar e reavivar certos traços da memória coletiva em uma formação socioterritorial” (MESENTIER, 2006, p. 3). Desse modo, para ele, há um favorecimento na construção de identidades que é a preservação de patrimônios urbanos. Nesse sentido, Mesentier (2006) afirma que

A memória social é construída ao longo de muitas gerações, tornando possível a compreensão do papel fundamental de que o indivíduo assume na construção coletiva da memória através do seu patrimônio cultural. Porém, é importante esclarecer que memória individual e memória social têm diferenças intrínsecas que evidencia: Diferentemente da memória individual, a memória social se constrói ao longo de muitas gerações de indivíduos mergulhados em relações determinadas por estruturas sociais (MESENTIER, 2006, p. 03).

A memória social se caracteriza pelas vivências do passado que se apresentam vivas na memória do coletivo, cada uma delas possuindo uma distinção. No caso da coletiva, ela é marcada por histórias construídas por gerações.

Halbwachs (2006) considera a lembrança como reconhecimento e reconstrução. A primeira explica que é a medida em que se abrem as portas daquilo que já foi visto; a segunda é considerada em dois sentidos: de um lado, por não ser a repetição linear de acontecimentos, mas um resgate deles e, de outro, por ser diferenciada, destaca-se do grupo de acontecimentos e vivências que, em um determinado tempo e espaço, são evocados e localizados.

Esse pensamento vai ao encontro da compreensão de Pollak (1992), que afirma que a memória não está resumida apenas à vida de uma pessoa, pois ela é uma construção coletiva que herdamos uns dos outros. Nesse sentido, nas narrativas de *Sérgio Y. vai à América* e *Cloro*, os protagonistas invocam suas memórias. Em ambas as obras existem esse resgate da memória coletiva quando os personagens realizam essa recordação, rememorando sobre momentos que vivenciaram com o paciente, a família, os filhos e outras pessoas de suas relações sociais.

Segundo Bosi (2003), a memória se tranca em si mesma, no entanto, quando existe alguém disponível para escutá-la, esta partilha todo o seu conteúdo, sendo definida como o próprio ato de contar. A autora acrescenta que a cada momento somos capazes de recapitular detalhes do nosso passado, mas o primordial do relato é que permite ser feito para os outros, dando às nossas vivências dimensões sociais.

Os autores Pollak (1989) e Halbwachs (2006) adotam o mesmo pensamento quando analisam o interior da estrutura social de poder. Eles afirmam que tendem a ser menos universalizadas as memórias referentes às culturas minoritárias e dominadas a partir do momento em que são comparadas com as de grupos hegemônicos, apresentando-se como memórias subterrâneas que, para a sua manutenção e sobrevivência, precisam da tradição oral.

Bosi (2003, p. 15) reafirma a importância da memória oral. Para ela, "a memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vistas contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza". Dessa forma, percebemos a importância da memória oral e da participação do outro nessa construção.

Seguindo a linha de Bosi (2003), Pollak (1992) considera como privilegiada a história oral para a restituição e a construção do passado, tanto em relação à individual quanto às grupais. Pollak (1989) destaca o poder de agência de sujeitos nessa situação, cujo armazenamento memorialístico é importante para as práticas individuais, seja de construção, mudança ou atualização das estruturas sociais. Portanto, a agência de sujeitos é reconhecida pelo autor como algo que influencia nas lembranças e em como elas vão se construir.

Bosi (2003) afirma que a memória oral é um instrumento precioso, assim como os ensinamentos dos velhos, das mulheres, dos negros, dos trabalhadores

manuais, ou seja, das camadas, por tempos, excluídas da sociedade. Desse modo, ele acrescenta:

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura (BOSI, 2003, p.15).

Compreendemos, então, a relevância da memória oral como uma ponte para atuar como mediadora entre o passado e o presente, e, apesar de essa memória ser um instrumento valioso para os grupos de minoria, não devemos esquecer de outras instituições, que são responsáveis por propagar ideologias. É preciso reconhecer a memória oral como um instrumento poderoso, pois traz em seus relatos vivências de grupos que foram marginalizados e excluídos.

Não há capacidade da memória individual para armazenar todos os acontecimentos passados. Desse modo, a escrita é necessária, assim como as instituições de memória, para que a memória coletiva permaneça, sendo que esta se caracteriza como um elemento essencial daquilo que costuma ser chamado de identidade, individual ou coletiva, e que nas sociedades de hoje é uma das atividades fundamentais dos indivíduos.

Halbwachs (2006) traz uma diferenciação entre memória histórica e memória coletiva: a histórica guarda as mudanças e principalmente as diferenças que ocorrem ao longo dos anos nas distintas sociedades, enquanto a coletiva realiza um retrocesso ao passado até um certo ponto limite, conforme o grupo a qual pertença o indivíduo.

Ainda conforme Halbwachs (2006), em muitos casos, o interesse da história é o passado e não o presente. No entanto, o passado é o que está melhor entendido para os grupos atuais e a memória coletiva precisa esperar o desaparecimento de grupos antigos para que se fixem a imagem e a sucessão dos fatos. Contudo, grupos do presente e do passado se permitem acesso à localização de lembranças de referência espaço-temporal, as quais vão possibilitar a constituição de algo específico do fluxo contínuo das vivências. Portanto, a memória se destaca por seu trabalho de reconhecer e de construir as molduras sociais que as lembranças podem articular entre si. Por fim, constatamos que a memória se apresenta de inúmeras

formas e acompanha o processo de desenvolvimento da sociedade, como a tecnologia. Em *Sérgio Y. vai à América*, Armando ganha, de presente de Natal, um gravador da filha. “No natal de 2003, ganhei da minha filha um gravador digital, desses que não precisam de fitas. Depois disso, comecei a fazer apenas anotações genéricas e a gravar discretamente as sessões, para posterior consulta” (PORTO, 2014, p. 15).

Halbwachs (2006) ressalta que o indivíduo está inserido em grupos de referência, ou seja, para esse autor, a memória é sempre construída no grupo, mas também se caracteriza por um trabalho individual. Assim, a memória está primeiramente relacionada ao individual, posto que as pessoas localizam em suas lembranças aquilo que reconhecem. Ressalta, ainda, que o testemunho de membros do grupo é necessário para reforçar, enfraquecer ou completar uma lembrança, contudo, afirma que nós somos, eventualmente, nossas primeiras testemunhas.

Ainda conforme Halbwachs (2006), as “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós”. É fato que mesmo a memória individual faz parte de um coletivo e nossas vivências são compartilhadas socialmente. Sobre isso, Halbwachs afirma que

É no contexto dessas relações que construímos as nossas lembranças e elas estão impregnadas das memórias dos que nos cercam, de maneira que ainda não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências (HALBWACHS, 2006, p.67).

O autor defende que a duração da memória individual está condicionada à duração da memória do grupo em que o indivíduo está inserido. A nossa imagem construída frente as lembranças, memórias, identidades, consistem numa liberdade que nos permite construir experiências, tanto individual quanto coletiva, um reconhecimento em conjunto com a sociedade mostrando nossas histórias, que podem contar sobre nossas vidas e também constroem a história de um universo.

Ainda conforme o autor, a memória coletiva se destaca por ser a soma, combinação ou resultados de memórias individuais, geralmente pertencentes ou

comuns a uma sociedade (HALBWACHS, 2006). Apoiados nessa perspectiva, destacamos o que traz Nora (1989):

Há tantas memórias como existem grupos, a memória é por natureza múltipla e específica, coletiva, plural, e ainda assim individual, a memória é tudo que identifica uma pessoa ou lugar, podendo ser ela ser escrita, falada ou documentada, podendo ser ela uma identificação de um país (NORA, 1989, p. 21).

Assim, podemos afirmar que a memória é a essência do ser humano. Todo e qualquer indivíduo e sociedade possuem memórias, sendo que estas se completam e fazem essa cultura, essa identidade, dando características e objetivos a serem seguidos e almejados. Desse modo, a memória é construída naturalmente, fazendo parte do cotidiano de todos.

Pollack (1992, p.201) aponta, em suas análises, os elementos que considera constitutivos da memória. Todavia, levanta um questionamento a respeito deles: "individual ou coletiva?". Conforme o autor, primeiramente existem os acontecimentos pessoais, em seguida os que chamaríamos de "vividos por tabela", o que significa que boa parte da memória do indivíduo é herdada, não se limita apenas à sua vida física e, no momento em que essa memória está sendo movimentada, ela sofre flutuações. Temos também que considerar pessoas, personagens, como constituintes da memória, assim como lugares. Pollak (1992) ressalta que

Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também da projeção de outros eventos (POLLAK, 1992, p. 202).

O que temos é simplesmente o contexto que compõe a memória, como ela se processa, pois ela precisa de pessoas para contar, dos personagens que compõem o enredo, e do lugar onde tudo ocorreu.

Ainda de acordo com Pollak (1992), a fragilidade e fragmentação da memória é ocasionada pelo seu próprio processo de formação, pois, em meio ao processo de lembrança e esquecimento, algumas recordações deixam de fazer parte e serão lembrados apenas alguns pontos de destaque específicos. O autor acrescenta que

existe a necessidade de comprovar os fatos, pois o relato do indivíduo acaba sendo contaminado pelos seus sentimentos, e ele acaba agindo com parcialidade.

Conforme o que traz o referido autor, o indivíduo, em sua maioria, não guarda totalmente a lembrança, por isso ele fala em fragilidade ou mesmo fragmentação, pois compreende-se que, com o tempo, ocorrem os desgastes dessa lembrança, já que a nossa memória age de forma seletiva.

Pollak (1992), em seus estudos, considera a memória flutuante e mutável, no entanto, afirma que se faz necessário acrescentar que existem marcos ou pontos que se apresentam invariantes, imutáveis. Ele cita, como exemplo, quando um indivíduo realiza entrevistas de história de vida, e esta é geralmente longa e de ordem cronológica, acontece de, no decorrer da entrevista, ele retomar algumas vezes os mesmos acontecimentos, não obedecendo geralmente à cronologia dos fatos. Há nesses retornos a determinados períodos de vida ou fatos uma certa característica invariante.

Desse modo, reiteramos que o processo de construção e armazenamento das memórias é tão complexo que, de certa forma, inviabiliza a possibilidade de mudanças de certas lembranças. Partindo dessa perspectiva, apoiamo-nos em um trecho da obra *Cloro*, no qual Constantino descreve uma memória na qual nunca se esqueceu e apresenta-se como imutável conforme se pode observar a seguir:

[...] Até o dia de minha morte, porém, eu me lembrava do cheiro do cloro no corpo do professor de natação. Em minha memória, não há abraço mais antigo que o dele. Se você perguntasse ontem, dez minutos antes de morrer, se ainda me lembrava do cheiro de cloro no corpo do professor de natação, minha resposta seria sim. Três vezes sim. Poderia descrevê-lo. Minha cabeça de criança contra seu peito molhado. Seus Pelos. O vapor subindo da piscina aquecida, água morna entrando por minhas narinas. Eu nos seus braços, suas mãos no meu corpo, me segurando, me ensinando a nadar (PORTO, 2018, p. 17-18).

No tocante à citação apresentada, observamos como a descrição de uma memória antiga e afetiva ainda se permite descrever cada detalhe. Isso mostra que, quando essa lembrança tem uma importância, ela persiste. Conseguimos lembrar de detalhes significativos e descrevê-los com facilidade.

Para Halbwachs (2006), o grupo com o qual uma pessoa já estabeleceu uma comunidade de crenças ou fez parte caracteriza-se como sendo de referência, pois, de certo modo, o que vale para o indivíduo é o interior, não especifica ou

fundamentalmente por causa de sua presença física, mas pelas possibilidades que ele possui de poder retomar os modos de pensamentos e experiências que foram comuns ao grupo. Podemos citar aqui de exemplo *Sergio Y. vai à América*, pois Armando, narrador personagem da obra, reforça suas memórias em seu ex-paciente Sergio:

Sempre que um paciente me abandonou, senti uma infelicidade profunda: infantil e injustificável. Algo semelhante à impotência que sente uma criança ao descobrir que seu brinquedo favorito foi quebrado por outra criança mais nova, sem que nada se possa fazer a respeito. [...] algumas obsessões foram superadas facilmente. Outras, porém, perseguiram-me por anos a fio, mesmo depois que se encerrou a relação terapêutica. Acho que foi isso que aconteceu com Sergio Y (PORTO, 2014, p. 16).

Armando evidencia suas memórias de grupo citando um paciente específico, no caso, Sérgio. Sendo assim, permite-se evocar e identificar as memórias de uma forma específica, dando certa relevância aos fatos. Desse modo, percebemos que o personagem realiza seu resgate no que tange a uma memória de crenças, pois criou um vínculo com seu paciente e este largou a terapia de uma forma inesperada, sem uma explicação plausível, deixando o personagem, que é uma pessoa de ego elevado, frustrado.

O teórico Izquierdo (2018, p. 01) traz conceitos pertinentes a respeito da memória, afirmando que essa é uma aquisição, formação, conservação e evocação de informações. Ele acrescenta também que a memória tem suas deformações. Nesse caso, o narrador personagem Armando pode ser um exemplo de memória deformada. Trata-se de um psiquiatra renomado, com anos de profissão, um senhor experiente que, ao evocar suas memórias, descarta o trivial e aciona fatos não reais. Compreendemos, com isso, que a memória é seletiva, no entanto, no caso do narrador personagem em questão, o que vem à tona selecionado pela memória se mistura a fatos imaginários.

Ademais, levando em consideração que Armando é um profissional que trabalha com a mente e que recebe pacientes em seu consultório, fazer anotações tornou-se obrigatório por conta do cargo que exerce, pois, para ele, sempre existe a possibilidade de perder algo importante e necessário sobre os diagnósticos dos pacientes. Isso é tão notório que o personagem destaca como gostou de ganhar de sua filha um gravador, o qual permitiu não perder nenhum detalhe de suas

consultas. Conforme esse personagem, além de escutar a voz, percebe o timbre e a respiração, detalhes significativos na maneira de se expressar.

Segundo Izquierdo (2018, p. 23), as memórias podem ser classificadas conforme sua função, sua duração e o seu conteúdo. Para ele, a memória de trabalho é também chamada memória operacional ou memória *on-line*. Entendemos que a memória de trabalho conserva a aquisição em alguns segundos, em poucos minutos, a informação que está sendo acionada. Ela é uma memória que acontece a todo momento como um monitoramento de tudo que estamos fazendo. Diferencia-se das demais porque não deixa registros. Diferentemente da memória de duração, existem as memórias de conteúdos, que são as que registram fatos, eventos ou conhecimentos.

Izquierdo (2018) traz uma reflexão sobre a memória do trabalho, ela é melhor definida com a utilização de exemplos. Ele cita o fato de que, quando conversamos com as pessoas, em certo momento, esquecemos a terceira palavra que falamos, todavia, o fato de reter essa palavra nos foi útil para a compreensão da frase. Com isso, fazemos uso da memória do trabalho para guardar algo importante por um determinado tempo, como um número de telefone e, quando não nos é mais necessário, esquecemos.

Assim, tanto Armando quanto Constantino, protagonistas de *Sérgio Y. vai à América* e *Cloro*, respectivamente, podem ter suas memórias classificadas de acordo com o que Izquierdo (2018) propõe: tanto uma memória de trabalho, relacionada às lembranças passageiras, quanto uma memória de conteúdos, baseada em fatos e eventos, acontecimentos vivenciados por ambos os personagens, alguns eventos essenciais, e outros nem tanto.

Não só a nossa lembrança, mas também a do outro pode confirmar ou mesmo validar essas memórias. Exemplos específicos Halbwachs (2006) nos dá quando fala de um encontro com um amigo em uma viagem feita sozinho. Discorre ele:

[...] Quando voltamos a encontrar um amigo de quem a vida nos separou, inicialmente temos de fazer algum esforço para retomar o contato dele. Entretanto, assim que evocamos juntos diversas circunstâncias de que cada um de nós lembramos (e que não são as mesmas, embora relacionadas aos mesmos eventos), conseguimos pensar, nos recordar em comum, os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós. Não os

vemos agora como víamos outrora, quando ao mesmo tempo olhávamos com os nossos olhos e com os olhos de um outro. [...] Chego a Londres pela primeira vez e por ali passeio em muitas ocasiões, ora com o companheiro, ora com outro. Ora, um arquiteto, que atrai minha atenção para as edificações, suas proporções, sua disposição. Ora, com um historiador, de quem fico sabendo que essa rua foi traçada em tal época, que essa casa viu nascer uma personalidade conhecida, que aqui ou ali ocorreram incidentes dignos de nota. [...] (HALBWACHS, 2006, p. 29-30).

As lembranças acontecem de forma diferente em um determinado momento da vida. Ter recordações de algum amigo do passado estando sozinho no ambiente é diferente daquela recordação compartilhada, as imagens da lembrança tornam-se mais viva, os fatos têm maior clareza. É possível que a memória precise de uma reativação com o decorrer do tempo. Para que isso aconteça, faz-se necessário que haja um estímulo de tal modo que as informações vividas sejam novamente acessadas e associadas ao contexto atual, na qual poderá sofrer mudanças, uma vez que a forma de recordar o passado possa a ser ressignificado.

Desse modo, para recordar uma história vivida em uma determinada situação, Halbwachs (2006) discorre que, quanto mais pessoas estiverem para lembrar, mais se consegue descrever o que foi vivido. Um exemplo simples são as reuniões de família em outro momento para dialogar e lembrar acontecimentos. Nelas, todos vão formando, através das suas lembranças, a sequência da cena. Obviamente, existem fatos curiosos na vida de cada pessoa que foram marcantes, mas que outras pessoas podem também notar isso, por terem presenciado, porém, ainda não seria suficiente para lembrarem com tanta eficiência.

Podemos também chamar de memória seletiva quando não temos intenção de lembrar daquilo proposto pelo grupo. Halbwachs (2006), mais uma vez, exemplifica essa contestação:

Suponhamos agora que tenhamos feito uma viagem com um grupo de companheiros que desde então não tivemos oportunidade de rever. Nosso pensamento estava ao mesmo tempo muito perto e muito longe deles. Conversávamos. Com eles nos interessávamos por detalhes na estrada e dos diversos incidentes da viagem. Ao mesmo tempo, nossas reflexões individuais seguiam um curso que a eles escapava. Trazíamos conosco ideias e sentimentos originados em outros grupos, reais ou imaginários; interiormente nos entretínhamos com outras pessoas e, percorrendo essa região, nós a povoávamos em pensamento com outros seres: tal lugar, tal

circunstância agora assumiam para nós um valor que não poderiam ter para os que nos acompanhavam. [...] (HALBWACHS, 2006, p. 38)

Portanto, depois de algum tempo, quando alguém resolveu fazer a alusão particularmente à viagem, toda e qualquer lembrança em conjunto foi extinta, pois “durante o evento” o pensamento dos amigos estava em direções contrárias. Oposto a isso, as lembranças eram individuais, sem que ninguém do grupo pudesse saber. Todavia, as testemunhas não terão a capacidade de reconstituir as lembranças que foram apagadas pelo grupo, como também destruirão lembranças não informadas. Assim, para a reconstrução de uma memória, não basta apenas juntar a imagem de um acontecimento, pedaço a pedaço, para a obtenção dessa lembrança.

Para que a reconstrução da memória funcione, Halbwachs (2006) diz que é necessário partir de dados ou noções comuns que estejam tanto no espírito de um indivíduo como no dos outros, pois elas sempre estão passando destes para aqueles e vice-versa. Apenas dessa forma é possível compreender que uma lembrança é simultaneamente conhecida e reconstruída.

Dando continuidade, no próximo tópico abordaremos sobre uma retrospectiva da identidade numa perspectiva LGBTQIAPN+, para pensarmos de como se foi construindo a história da sexualidade, e como até hoje ainda permanece em construção, buscando ainda compreender como a memória se ampara no entendimento desse processo de construção.

2.3 Retrospectiva da identidade na perspectiva LGBTQIAPN+

Na contemporaneidade ainda existem perseguições e abusos em torno da sexualidade que remontam ao passado histórico em que governo e entidades civis procuravam coibir e reprimir esse impulso natural do ser humano.

Dentre as várias formas da sexualidade, a homossexualidade é uma delas. Conforme Ullmann (2005), a sexualidade adentra a história desde a Grécia Antiga, cujo sexo se caracteriza como um polo magnetizador entre os indivíduos, seja de interesse ou de pura curiosidade.

A homossexualidade estava amplamente espalhada em toda a Grécia durante o século VI a.C., o que demonstra não ser uma situação recente. Como existia pouca oposição, aceitavam “sem problemas o intercuro sexual entre os homens”

(ULLMANN, 2005, p. 16). Não havia estereótipos quanto à relação entre dois homens do mesmo sexo, isso era visto como uma troca de conhecimento.

Em seus estudos, Ullmann (2005) afirmou que havia também a pederastia, muito comum naquela sociedade, em que consiste na relação socialmente reconhecida entre um adulto e um jovem do sexo masculino, geralmente na adolescência. Essa foi uma característica social dos períodos arcaico e clássico, ou seja, era caracterizado na época com um rito de passagem, de iniciação para a vida adulta. Foi com o cristianismo que muitas situações relacionadas à sexualidade mudaram e passaram a ser vistas de outra forma.

Conforme Pereira e Esgalhado (2012), ainda nos dias atuais, existe uma forte pressão sobre os indivíduos que se identificam como homossexuais, seja em âmbito familiar ou social, representada através do preconceito e discriminação.

No Brasil, não é diferente essa pressão, principalmente por ser visto por outras nações como um país da permissividade sexual. Segundo Posso (2009), vários estudos no Brasil tentam mudar o mito de permissividade sexual, principalmente relacionado ao carnaval, evento que é visto como transgressor e, a igreja, de alguma forma, tenta regulá-lo, assim como o homossexual desinibido que se mostra apenas nesse período.

O referido autor relata como se o carnaval se apresentasse como um momento de mostrar o que o indivíduo oculta, trazendo um discurso de afirmação, mostrando que a homossexualidade não pertence ao mundo da ordem e da responsabilidade, sendo que na Quarta-Feira de Cinzas tudo retorna ao “normal”.

Posso (2009) discute sobre a descriminalização da sodomia na década de 1830 no Brasil e a regularização da homossexualidade por vagos códigos criminais e apoio da Igreja Católica que, de certo modo, visava proteger a “decência pública”. No entanto, nos governos ditatoriais de Vargas e Médici, rígidas políticas sociais de restrições anti-homossexuais surgiram. Reforçava-se o apoio da mídia, assim como os ensinamentos cristãos tradicionais que atuavam na condenação da homossexualidade e afirmavam ser algo nocivo para a estrutura familiar. Nesse sentido, percebemos que esse discurso conservador e repressor se estende até a contemporaneidade e vem ganhando muitos adeptos, mesmo com a evolução nas leis e conquistas dos movimentos LGBTQIAPN+.

Na década de 1990, com a redemocratização do Estado e o aumento dos movimentos gays, houve sucesso na luta de muitos ativistas que levantaram essa

bandeira, após a legislação brasileira também colocar o preconceito como crime (POSSO, 2009). No tocante a essa discussão, continua Posso:

Pode-se dizer, portanto, que, ao longo de suas variadas configurações políticas durante o século 20, o Estado brasileiro, compreendido mais amplamente como uma rede de instituições reguladoras e seus aparatos – governo, Igreja, polícia e a mídia, que, às vezes, é dirigida pelo autoritarismo – tem perseverado como um construto heterossexista. (O papel desempenhado pela mídia na história do heterossexismo brasileiro não pode ser desprezado: sob regimes fascistas, ela censurou a “imoralidade” homossexual, e mais recentemente, ela propagou estereótipos gays negativos, especialmente pela televisão – que hoje reina suprema nos lares brasileiros – onde personagens gays são constantemente ilustrados como afeminados objetos do ridículo.) (POSSO, 2009, p. 16).

Existem leis que propõem o controle do corpo do indivíduo, estabelecendo como deve ser sua sexualidade ou não e como, de certo modo, a sociedade aceita e atua de forma “hipócrita”, pois a família “aceita” essas concepções e se esconde atrás de falsos valores. Tomemos como exemplo a obra *Cloro*, na qual, obedecendo esses valores de família estabelecidos pela sociedade, Constantino passou cinquenta anos escondendo sua verdadeira sexualidade. Se desde o começo ele tivesse se aceitado, talvez muita coisa tivesse sido diferente. Até mesmo a sua morte poderia não ter ocorrido de forma tão banal.

Contudo, Posso (2009) diz que, no início do século XX, no Brasil, apenas aqueles homens afeminados que adotavam supostamente o papel de passivos em relações sexuais penetrativas, com um parceiro ativo, eram considerados homossexuais. Foi a partir desse argumento que apenas os indivíduos que eram identificados como fêmeas ou invertidos, frente a sua recusa ao patriarcalismo e fuga dos preceitos do Estado Católico, eram perseguidos. Desse modo, a “bicha”, ainda hoje permanece a sofrer a violência simbólica, em sua maioria física, na sociedade brasileira.

Se realizarmos um comparativo com as obras de Alexandre Vidal Porto, podemos dizer que na obra *Cloro* Constantino buscou fugir da palavra “bicha”, pois a relacionou com algo ruim, já que testemunhara, ainda criança, que o termo não tinha bom significado. Então, primeiramente buscou desligar-se do estereótipo da “bicha”, tentando se aproximar de uma menina e namorá-la, depois agradar o menino que o

insultava com essa palavra, para que, de alguma forma, o visse como uma “pessoa legal”.

No entanto, por toda a vida, essa terminologia o perseguiu e, de certa forma, Constantino, apesar de reconhecer após os cinquenta anos sua sexualidade, por conta de tudo que relacionou em sua memória sobre a homossexualidade e até mesmo o que testemunhou, ainda não se sentia bem com essa terminologia. Ainda de acordo com Posso (2009, p. 19), “a bicha é um constante objeto de escárnio e vergonha, que serve para estigmatizar e marginalizar as manifestações do gênero desviado, enquanto, ao mesmo tempo, reforça os padrões normativos de masculinidade e feminilidade”.

Para tanto, Posso (2009) destaca que os homossexuais utilizavam uma tentativa de evitar o preconceito, na década de 1960, para se referirem a si mesmos, fazendo o uso da terminologia “entendidos”, uma forma de reafirmar a necessidade de continuar escondido e fugir do termo “bicha”. Toda essa busca para se esconder possui relação com as exigências da sociedade heterossexista que exigia algo que não fosse afeminado, na qual permitia identificar o homossexual, ou seja, algo que tornasse público a sua vida privada.

Tomando ainda as análises de Posso (2009), fica evidente, relacionando com Alós (2012), quando este autor traz a questão da hierarquia entre os gêneros, que o fato de a “bicha” deter o papel de passivo da relação faz com que ela assuma uma certa inferioridade em relação ao ativo. Contudo, é a mesma inferioridade que o patriarcado estabelece em relação ao feminino e ao masculino. Nas palavras de Alós (2012, p. 50), “a questão do poder não parece estar restrita a uma disputa entre hegemônico e subalterno, entre o masculino e feminino”.

Ainda de acordo com Alós (2012), foi através dos discursos das feministas que as distinções entre sexo e gênero passaram a ser estabelecidas, partindo do intuito de questionar a premissa que estabelecia que a biologia era destino. Todavia, apesar de a diferença sexual estar situada no âmbito da biologia, esta diferença fica evidente quando é transferida para os domínios da linguagem e da cultura, a qual reproduz a diferença entre os gêneros.

Desse modo, Alós (2012) traz que o discurso heteronormativo, que sustenta o funcionamento da matriz heterossexual, é baseada em uma relação binária que determina simultaneamente os opostos e complementaridades dos gêneros masculino e feminino. A regulação do gênero procede, assim, do discurso de

reprodução e manutenção da espécie, ao identificar os papéis distintos e irreversíveis de masculino e feminino, e a prática do desejo heterossexual como única expressão sexual legítima.

De acordo com Costa (2019), foi na 1ª Conferência Nacional GLBT no ano de 2008 que se aprovou a denominação LGBT, a qual se refere a lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e a transgêneros. Porém, ao longo dos anos, essa denominação vem se expandido e, eventualmente, assumindo outras variantes. Recentemente, a sigla pode ser entendida como LGBTQIAPN+, contudo, as letras QIAPN referem-se às identidades queer, intersexo, assexual, pansexual e não binárias.

Pereira e Esgalhado (2012) questionam sobre o que faz um indivíduo se considerar homossexual. Esse não é processo único, apesar de existirem os aspectos individuais para a construção e desenvolvimento de uma identidade gay ou uma identidade lésbica. Esse processo envolve uma divisão que parte do reconhecimento e da aplicação de um determinado rótulo que desempenha um importante papel juntamente com a internalização das categorias.

Pereira e Esgalhado (2012) apresentam os modelos de identidade homossexual, pois existem muitas controvérsias no que tange à compreensão da maneira como gays, bissexuais e lésbicas realizam o desenvolvimento de seu sentido integrado de identidade sexual, que parte da noção central de sua formação da identidade homossexual, o “sair do armário”. Neste ponto, muitas transformações pessoais vão se desenvolvendo para chegar ao reconhecimento da sua orientação sexual.

Ainda segundo Pereira e Esgalhado (2012), muitos teóricos, desde a década de 1970, vêm trazendo modelos explicativos sobre esse processo de construção da identidade. Todavia, em sua maioria, assentam-se em pressupostos teóricos de uma formação faseada⁴, que se baseia em uma identidade construída tal como um “processo de aprendizagem do self sexual⁵ e respetiva nomeação” (PEREIRA; ESGALHADO, 2012, p. 171).

Contudo, Pereira e Esgalhado (2012) realizam as suas análises seguindo as perspectivas de vários autores, tais como: Woodman e Lenna (1980); Cass (1979);

⁴ Que se dividiu em fases ou fracções.

⁵ O self-sexual diz respeito a um conjunto de percepções cognitivas que uma pessoa possui a respeito de sua própria sexualidade.

Coleman (1981; 1982); Newman e Muzzonigro (1993); e Morris (1997). Cada um desses autores deu sua contribuição no que tange aos modelos de construção de identidade LGBTQIAPN+, conforme quadro abaixo:

Quadro 1: Modelos de Construção de identidade LGBTQIAPN+

AUTOR	CONTRIBUIÇÃO
Woodman e Lenna (1980)	Apresentaram um modelo de quatro etapas, baseado nas seguintes dimensões: negação dos sentimentos homoeróticos, confusão identitária, negociação e depressão ou integração saudável da orientação sexual.
Cass (1979)	Desenvolveu um modelo mais interacionista baseado na assunção de que a mudança e a estabilidade apenas podem ocorrer como uma função da interação social e interpessoal.
Coleman (1981; 1982)	Propôs um modelo de cinco etapas descrevendo cinco fatores fundamentais na formação da identidade: o <i>pré-coming out</i> , o <i>coming out</i> , a exploração, as primeiras relações e a integração identitária
Newman e Muzzonigro (1993)	Estudaram o desenvolvimento da identidade entre estudantes, propondo três fases no desenvolvimento: sensibilização, tomada de consciência com confusão, negação, culpa e vergonha e, finalmente, aceitação.
Morris (1997)	Propôs um modelo para a identidade lésbica baseado nas seguintes etapas de formação da identidade sexual: tomada de consciência de uma sexualidade homoerótica, abertura e comunicação dessa sexualidade aos outros, a expressão e o comportamento homossexuais e a consciencialização lésbica, referindo-se ao modo como as lésbicas se veem a si próprias no contexto social.

Fonte: Pereira e Esgalhado (2012, p. 171).

Os autores caracterizam como modelo a forma como cada um dos estudiosos por ele citado compreende como se dá o processo de identidade LGBTQIAPN+ dos indivíduos. Conforme o quadro anterior, há uma falta de consenso e de uma análise em comum acordo, pois cada autor apresenta um método distinto quanto à identidade LGBTQIAPN+; no entanto, todos entram em acordo no que tange à tomada de consciência.

Compreendemos que o processo de construção de identidade LGBTQIAPN+ possui percepções distintas para cada estudioso que trata da temática. Desse modo, partiremos nosso estudo para compreender a literatura LGBTQIAPN+ a partir das análises de Alós (2012), que são de grande contribuição para iniciar essa discussão. Em seus estudos, o autor faz uma breve descrição sobre seu interesse pela literatura e sua obra busca analisar a literatura LGBTQIAPN+, citando grandes

autores que, de alguma forma, contribuíram com textos que problematizavam a literatura homossexual.

O referido autor cita *Devassos no paraíso*, publicado em 1986, do escritor João Silvério Trevisan, tida como obra chave para a temática, pois se dedica a descrever a história silenciada da homossexualidade na sociedade brasileira. No entanto, sua obra apresenta um vácuo, pois não aborda nada sobre a história das lésbicas.

Para preencher a essa lacuna, Luiz Mott, em 1987, publica *O lesbianismo no Brasil*, dedicando-se de forma exclusiva a rastrear essa história duplamente silenciada (ALÓS, 2012, p. 31). Com isso, Mott tenta preencher a lacuna deixada no trabalho de Trevisan, dedicando-se exclusivamente a trazer a história das lésbicas na literatura brasileira, preocupando-se com essa representação que, por questões patriarcais da sociedade, ficou escondida.

Seguindo esse raciocínio, a literatura homossexual por muito tempo se manteve no submundo, vista de forma marginalizada e discriminada. Todavia, na década de 1990, a Academia Brasileira de Letras dá início aos encontros específicos sobre literatura e homossexualidade. É a partir daí que passa a existir uma nova realidade para esse público, ganhando mais visibilidade. Vários foram os encontros, destacando-se o *Seminário Homoerotismo e literatura: I encontro de pesquisadores universitários*, na Universidade Federal Fluminense (UFF) no ano de 1999. Acontece na mesma instituição, no ano 2000, a segunda edição do evento.

Em 2001, ainda na UFF, com a necessidade de trazer abordagens que ultrapassassem os limites disciplinares dos estudos literários, o evento passa a ser chamado de *Homoerotismo e cultura: III encontro de pesquisadores universitários*. A partir da ocorrência desses três encontros, abre-se espaço para o surgimento da ABEH (Associação Brasileira de Estudos da Homocultura). No entanto, foi em 2002, no Espírito Santo, que o primeiro congresso sob a rubrica da ABEH é organizado na Universidade Federal do Espírito Santo. Conforme Alós:

Estes encontros foram de suma importância para cristalizar a 'homocultura' como um lugar reconhecido para o pensamento brasileiro em torno da homossexualidade, através da institucionalização de um espaço plural de tendências teóricas e metodológicas, o que colabora para a emergência de uma epistemologia *queer*, entendida como uma política do conhecimento (ALÓS, 2012, p. 34, grifo do autor).

Percebemos como é recente a inserção da homocultura que abre espaço para o discurso *Queer*. Segundo Alós (2012), foi uma conquista que permitiu uma nova perspectiva para as obras que trazem a temática LGBTQIAPN+. Cabe, porém, reiterar que, buscando sistematizar uma certa tradição, seguindo uma “linha evolutiva” que permita evidenciar a organicidade de uma literatura brasileira de/ para/ sobre homossexuais, nela estão os autores João Silvério Trevisan, Denílson Lopes (2002), James Green (2000) e Marcelo Secron Bessa (1997).

Como consequência, Alós (2012) assinala que, em suas estratégias analíticas, encontram-se presentes apropriações teóricas provenientes da narratologia, da literatura comparada e dos estudos *queer*. De acordo com Alós:

O termo *queer* possui, em inglês, uma saturada carga política, intraduzível para o português ou castelhano. *Queer*, em inglês, significa bizarro, estranho, anormal. É também um potente vocábulo mobilizado pelo *hate speech* (o “discurso do ódio”), no sentido de agredir verbalmente gays, lésbicas, bissexuais e travestis. “Sapatão”, “puto”, “bicha” e “viado” seriam traduções aproximadas para este sentido do termo em português, assim como “rosquete”, “maricón” e “marimacho” seriam alguns de seus correspondentes em castelhano. O estratagema retórico mobilizado pelos teóricos *queer* na academia estadunidense, nesse sentido, é o de reapropriar-se de um termo cujo uso corrente é de ordem do pejorativo, em um gesto que recupera a possibilidade de uma “autodesignação” para estes sujeitos sociais, ao mesmo tempo em que “desarma” o discurso homofóbico e heteronormativo através do desmantelamento da carga semântica negativa de seus itens lexicais fundamentais (ALÓS, 2012, p. 37).

Apesar de, por muito tempo, o termo *queer* representar uma agressão para a comunidade LGBTQIAPN+, hoje se faz uso de forma invertida, mesmo sabendo seus significados. Conforme Alós (2012), no que tange aos estudos *Queer*, uma de suas mais incisivas subversões estão estruturadas em caracterizar a identidade não como um todo acabado e, sim, como algo que se mostra a partir de um processo ao qual se faz sempre reiterado.

A partir do exposto, o campo de discussão sobre a homossexualidade levou-nos a compreender como se construiu a identidade LGBTQIAPN+ que está relacionada à noção de “sair do armário”, debatida nas obras de Alexandre Vidal Porto. O narrador personagem do romance *Cloro* relata todos os seus conflitos, na sua luta contra sua verdadeira identidade, sua verdadeira necessidade sexual, por

anos fugindo do estigma de "bicha", percebeu-se que realmente era gay. No entanto, continuou fechado em seu "armário", vivendo uma vida no submundo.

Entendemos que a identidade consiste em algo construído em seu meio social e no desenvolvimento do indivíduo, sendo que, dependendo da fase de vida, ela vai se modificando, caracterizando-se como mutável e sendo construída a partir das relações sociais com o meio. Como afirma Costa:

Identidade é um conceito complexo, que compreende o sentido de pertencimento e reconhecimento que o indivíduo possui em relação às diversidades de diferentes grupos, tais como cor, raça, religião, classe, gênero, entre outros. A questão identitária do indivíduo é uma relação mutável, ou seja, não é única e definitiva, podendo ser alterada durante o tempo e estão diretamente relacionadas às vivências de cada pessoa, sendo resultado de uma construção histórica e social do indivíduo (COSTA, 2019, p. 18).

A identidade é idealizada tal como a performatividade, ou seja, está sempre mudando. A identidade se caracteriza por ser um conceito muito debatido na atualidade pelas teorias sociais. Tais teorias buscam demonstrar que as velhas identidades são as responsáveis pela estabilidade do mundo social e apresentam-se em declínio. Desse modo, para Hall (2006) as velhas identidades passam a ser substituídas pelas novas identidades, nas quais a fragmentação do indivíduo moderno é a sua principal característica e que vem promovendo grande mudança estrutural nas sociedades.

Essa “crise de identidade”, como é chamada por Hall (2006), é compreendida como parte de um processo de mudança ainda mais amplo “que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2006, p. 7).

Segundo Alós (2012), existe ruptura epistemológica em relação à sexualidade desde que Michel Foucault reorganizou a maneira de estudar e pensar sobre esse tema. Entretanto, a sexualidade deixa de ser vista como um acontecimento e passa a ser vista com outros olhos, como uma construção social e carregada de historicidade, constituída daquilo que é simbólico e cultural. Para Alós (2012), Monique Wittig faz o mesmo com os estudos feministas quando escreve sobre o polêmico ensaio *The straight mind* que tinha como objetivo entender a heterossexualidade como um regime político. Nesse sentido, compreendemos que

essa ruptura deu outras possibilidades de investigação a respeito dos estudos de minoria dentro dos estudos culturais.

Para Alós (2012), a literatura se caracteriza como uma expressão da perspectiva do artista e de um conjunto de interesses específicos, utilizando-se de inovadoras estratégias textuais e intertextuais para aliviar algumas tensões que foram criadas pelas premissas das teorizações gays, lésbicas e feministas, buscando minimizar ou acabar com as bases dos estereótipos sexuais que estão enraizados na cultura.

As obras de Porto deixam isso bem evidente, elas trazem nas suas tramas esse desenrolar das tensões. Ambas, *Sérgio Y. vai à América* e *Cloro*, levantam discussões relacionados às premissas homossexuais. Por exemplo, a obra *Sérgio Y.* debate a transexualidade e a maneira como Sergio buscou assumir sua identidade como Sandra, fugindo do país e se refugiando em um lugar onde ninguém o conhecia, livrando-se, de certa forma, do preconceito. Na obra *Cloro*, o debate é mais delicado, pois Constantino, apesar de reconhecer sua sexualidade aos 50 anos, precisava se esconder, se manter “dentro do armário”, pois estava em jogo a sua família, seu trabalho, e o que a sociedade iria pensar.

Alós (2012) ressalta que, embora gênero e sexualidade se caracterizem como categorias distintas, não devem ser desarticulados por completo, podendo ocasionar o completo apagamento das relações de poder sob o signo da diferença de gênero que foi estabelecida. Acrescenta o referido pesquisador:

Se, por um lado, gays e lésbicas sofrem os efeitos do discurso heteronormativo, por outro, a pertença ao gênero feminino transforma radicalmente a experiência das lésbicas, diferenciando, assim, a socialização e, conseqüentemente, a textualização dos significantes gay e lésbicas na literatura (ALÓS, 2012, p. 40).

Entendemos com isso que ainda existe um certo distanciamento em relação à população lésbica construído pela sociedade patriarcal, a partir do momento em que se identificam no gênero feminino. Partindo da noção de subjetividade, que se inicia com o reconhecimento do outro como sendo um indivíduo igual em seu estatuto e sujeito e não mais como um a menos, Alós (2012, p. 40) afirma que é estabelecida uma nova maneira de relação ética: “Os sujeitos ex-cêntricos são, desse modo, colocados ao lado de, e não sob a lógica do mesmo”. Para tanto, o que o autor pretende com sua análise é trazer um dos vetores ideológicos que tenta

compreender os sentidos que os textos literários produzem e, ao mesmo tempo, aproximar seu exercício interpretativo à vivência da relação com o outro e o diferente.

Em *Sergio Y. vai à América*, o personagem de Sergio/Sandra vai em busca de “asilo político para homossexuais”. Ele busca uma vida completamente diferente em Nova York, um lugar onde ninguém o conhece, sendo uma forma de fugir do preconceito e do estigma, principalmente pelo fato de que seus pais o consideravam uma aberração, ficando isso evidente no encontro de Armando com a mãe de Sergio/Sandra, quando lhe confessa que seu filho é uma aberração, no entanto, apoia a escolha dele, ficando evidente que os pais dele, apesar de apoiarem a sua mudança de gênero, o consideravam uma aberração.

No caso da obra *Cloro*, para o personagem Constantino, sua libertação foi a morte em uma sauna gay, pois apesar de todos terem descoberto seu segredo a respeito de sua sexualidade, ele havia aceitado que era gay, embora ainda mantivesse isso em segredo. Dessa maneira, ele não precisou passar pelo processo de estigmatização e acusações.

Conforme Alós (2012), a literatura caracteriza-se também como o lugar no qual um indivíduo projeta textualmente a enunciação de um artefato cultural, sendo como um princípio articulador de valores. Entendemos que os romances servem como forma política de denunciar direitos estabelecidos por determinados grupos, mostrando que esses mesmos grupos têm valores a serem depositados numa sociedade, como é o caso do grupo LGBTQIAPN+.

Para o pesquisador Alós (2012), existe uma busca de reafirmação da necessidade de se reformular gêneros e sexualidades. O autor defende a necessidade de partir da performatividade, pois ela é entendida como política de resistência, partindo de uma narrativa latino-americana, de um imaginário homossexual subversivo, pois permite que determinada realidade social, ao mesmo tempo que ela é construída, torna-se ficção. Em sua análise sobre diferença sexual, o pesquisador assevera que não é possível pensá-la sem levar em conta o *status* do corpo. Alós afirma que

Dito de outra maneira, o corpo pode ser entendido como o suplemento residual que permitiu a constituição da mente, e mesmo da razão, como categoria analítica no campo da filosofia. Quando se afirma que o sexo e o corpo são construções culturais, não se quer,

em nenhum momento, negar a materialidade dos corpos ou a existência de uma diferença anatômica entre homens e mulheres. O que se quer relativizar é o caráter naturalizado e essencializado de um sistema conceitual de relações que equaciona sexo e corpo (ALÓS, 2012, p. 48).

Para Alós (2012), o corpo é o complemento da mente, pois foi após a construção do corpo que foi possível se constituir a mente. Da mesma forma, destaca a ligação entre sexo e corpo, relacionando as diferenças anatômicas entre o homem e a mulher. Uma das primeiras variáveis identitárias na qual o sujeito é posto é na inscrição do gênero. É importante frisar que a definição de gênero se apresenta de modo relacional: é definido como feminino e não masculino e, a partir das relações de gênero, são construídas distintas identidades sociais e compreendidas como mutuamente excludentes: homens e mulheres. Nessa perspectiva, o homem está associado ao sujeito universal e a mulher ao “outro” da cultura. Dessa maneira, são caracterizados como sujeitos livres das implicações de gênero.

Essa análise condiz com a situação de Sergio/Sandra, quando passa pelo processo de transição, no entanto, chega a Nova York já como Sandra, se vestindo de acordo e agindo como uma mulher, de uma forma refinada e elegante. Assim, fica evidente que o fato de o personagem já ter se inserido como Sandra na sociedade Nova Yorkina facilitou o processo de transição de Sergio para Sandra, pois não houve uma mudança impactante para as pessoas que passaram a conhecê-la, acompanhá-la, de forma a não questionarem (ou questionarem em menor proporção) sua sexualidade.

A literatura contemporânea vem buscando reformular o cenário atual, trazendo a realidade cotidiana, principalmente por debater temáticas de grupos sociais oprimidos. Nesse caso, destaque para a comunidade LGBTQIAPN+ na tentativa de mudar o entendimento da sociedade para com esses grupos, os quais, no Brasil, sofrem até hoje estereótipos, preconceitos e violências.

2.4 A importância da memória e identidade nos estudos de *Sérgio Y. vai à América e Cloro*

A relação entre memória e identidade tem sido assunto cada vez mais relevante nos estudos em diferentes áreas do conhecimento, especialmente na literária. A memória tem a capacidade de contribuir para a formação da identidade,

pois comporta vivências e experiências, com possibilidade de revelar quem somos. Nesse sentido, nas narrativas de *Sérgio Y. vai à América* e *Cloro* os protagonistas invocam suas memórias para contarem suas histórias e entenderem a si próprios.

Candau (2016) afirma que os quadros sociais da memória guiam as lembranças, permitindo ao indivíduo uma visão dos acontecimentos vivenciados no passado e transformados para o presente. As memórias criam uma sensação ilusória de que se pode reviver o que passou a partir do momento que traz para à cena presente experiências de outro momento, tornando-se o passado uma presença evidente.

Para o teórico Pollak (1992, p. 05), “a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”, entretanto, em todos os seus níveis, ela se caracteriza por ser um fenômeno construído de forma social e individualmente, possuindo uma relação estreita com o sentimento de identidade. Desse modo:

Podemos portando dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 05).

Compreendemos que, para a formação da identidade, a memória individual e coletiva se torna um elemento indispensável, uma vez que, através dessa faculdade, o homem vivencia experiências com capacidade de transformar sua vida pessoal e no grupo, entendendo a si mesmo nesse processo de construção.

A memória é um fenômeno construído socialmente, então, podemos dizer que há uma ligação fenomenológica entre memória e sentimento de identidade. Pollak (1992) afirma ser o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Nessa perspectiva, a imagem que um indivíduo adquire, ao longo da vida, é em relação a ele próprio, e que este constrói e apresenta aos outros e a si próprio, no intuito de acreditar em sua própria representação, para que seja percebida pelos outros da forma que ele quer que percebam. Isso se caracteriza por ser a construção da identidade.

Pollak (1992) afirma que os critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade são referências para a construção da identidade como fenômeno, caracterizando por se fazer através de negociação direta com os outros. Contudo,

tanto a memória como a identidade devem ser entendidas como essências de um grupo ou indivíduo e podem ser negociadas.

Se o confronto entre memória individual e dos outros é possível, então podemos compreender, segundo Pollak (1992, p. 205), que a "memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais", ou seja, a memória não se caracteriza apenas por ser vivência, ela pode apresentar conflitos, questões políticas e até morais.

O contexto no qual o sujeito está inserido, de alguma forma, contribui para a reconstrução de vestígios, vivências e impressões. Sendo assim, pensamos a lembrança como "uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores" (HALBWACHS, 2006, p. 91).

Desse modo, compreendemos que não existe um indivíduo que se permita construir sua identidade sem a influência do meio no qual está inserido. Tomamos como exemplo os personagens de Porto: em *Sérgio Y. vai à América* temos Sérgio, um rapaz culto, de uma família bem estruturada, rica, no entanto, em busca da felicidade, pois não se considerava feliz, e em *Cloro*, temos Constantino, um advogado no auge dos seus cinquenta anos, com uma família construída que não aceita a sua sexualidade. Ambos são afetados pelo meio no qual estavam inseridos. No caso de Sérgio, este teve a condição de se reconhecer como Sandra, em contraponto a Constantino, que precisou se relacionar afetivamente em segredo com outros homens. Embora esses personagens pertençam a mesma comunidade LGBTQIAPN+, diferenciam-se por estarem inseridos em círculos sociais distintos, meios diferentes que o fazem ter percepções e ações opostas, assim como escolhas.

Nas concepções de Hall (2006) a respeito da identidade, vigorava uma concepção iluminista que caracterizava o indivíduo centrado, racional e com capacidade de consciência, pautando por um entendimento individualista desse sujeito. Dessa forma, a identidade desse indivíduo nasce com ele e o acompanha por toda a sua vida. O autor destaca a concepção sociológica, partindo da ideia de que a identidade se forma a partir das relações de interação entre o eu e a sociedade, teoria essa semelhante com a de Candau (2016) quando nos diz que a identidade é construída através da interação social. Por fim, esses eventos são

resultado do descentramento e deslocamento do indivíduo cartesiano, construindo o sujeito pós-moderno, o qual não possui identidade fixa, essencial ou permanente.

Para Hall (2006, p.13), “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’, que continuamente se forma e se transforma em referência as nossas representações culturais que nos rodeiam, se define historicamente e não de uma forma biológica”. Contudo, as considerações de Hall e Candau convergem no sentido de que a identidade deve ser pensada na lógica da temporalidade, pois, a partir do momento em que é um processo e não permite demarcação ou estabilização, está sempre em construção.

Le Goff (1990, p. 476) afirma que a memória é um “elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. Nesse ponto, o autor ressalta o fato de, em momentos bons ou ruins, a memória se faz presente. Destaca que é traumático o fim de certas civilizações que resulta na perda da identidade, no caso, por exemplo, dos Incas, que viram seus deuses serem apagados, assim como suas esculturas.

O historiador relaciona a identidade à história e faz uma análise de como é a construção da identidade de cada sociedade ou cultura, citando os judeus e como a história foi importante para a construção da identidade coletiva desse povo. Nesse sentido, os mulçumanos e árabes a têm (a identidade) como uma "nostalgia do passado", dentre outras.

A relação entre memória e identidade é mediada por documentos em seus mais diversos suportes, desde os mais tradicionais. As culturas materiais consistem em elementos que trazem memórias como cadeias de elementos que remetem ao passado, seja real ou fantasioso e são, do âmbito da consciência individual ou principalmente coletiva, referenciados ou reconhecidos no que se refere ao patrimônio cultural.

Candau (2016) analisa como a forma individual de memória e identidade passa para a forma coletiva, seguindo o entendimento de que a memória individual não se desvincula da coletiva. Ao mesmo tempo em que realiza essa afirmação, ele propõe um questionamento que abre margem para refletir se essa questão realmente é procedente, se, por acaso, resolvermos pensar dessa forma. Dessa maneira, abrimos uma prerrogativa que cogita a possibilidade de a memória e a identidade de um indivíduo não serem, de um todo, livre da influência coletiva. No

entanto, autores como Pollak e Halbwachs não desmembram a memória e a identidade do coletivo.

Não podemos pensar memória e identidade como duas entidades diferentes? Para Candau (2016), mesmo que a memória e a identidade sejam ligadas antologicamente, a memória é anterior em relação à identidade, pois esta não passa de uma representação ou de um estado adquirido, enquanto a memória é uma faculdade desde o nascimento do homem.

Candau (2016) distingue três qualidades da memória: a protomemória, descrita como a memória social incorporada no indivíduo e que se expressa a partir de seus gestos, práticas e linguagem; a de evocação, a qual se caracteriza como uma evocação ou recordação voluntária e involuntária de lembranças autobiográficas ou de uma memória enciclopédica; a metamemória, que possui ligação com a construção da identidade do indivíduo através de interação. Para o teórico, numa perspectiva antropológica, ele classifica as diferentes manifestações de memória como

1. Uma memória de baixo nível, que sugiro denominar protomemória. Esta, tal como 'protopensamento', 'não pode ser destacada da atividade em curso e de suas circunstâncias'. O antropólogo deve privilegiar essa modalidade de memória, pois é nela que enquadrámos aquilo que, no âmbito do indivíduo, constitui os saberes e as experiências mais resistentes e mais bem compartilhadas pelos membros de uma sociedade. [...]
2. A memória propriamente dita ou de alto nível, que é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento: evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimentos etc.). A memória de alto nível, feita igualmente de esquecimento, pode beneficiar-se de extensões artificiais que derivam do fenómeno geral de expansão da memória.
3. A metamória, que é, por um lado, a representação que cada indivíduo faz de sua prática memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao 'modo de afiliação de um indivíduo a seu passado' e igualmente, como observa Michael Lamek e Paul Antze, a construção explícita da identidade. A metamemória é, portanto, uma memória reivindicada, ostensiva (CANDAU, 2016, p. 21-23).

Pollak assevera que a protomemória apresenta um viés histórico e político. É a partir dessas informações que traçamos um paralelo com a protomemória, mencionada por Candau, ressaltando que a protomemória constitui os conhecimentos e as experiências mais resistentes de uma sociedade.

A memória de alto nível está relacionada ao que aprendemos ao longo de nossa vida. Uma parte está relacionada ao meio em que vivemos, no que tange a crenças e cultura; outra parte, nas relações sociais, familiares e afetivas, são como atitudes involuntárias que aprendemos naturalmente sem precisar de esforço.

Por fim, a metamemória é a própria memória, pois consiste na faculdade da memória, a nossa percepção individual sobre a nossa memória. Ela permite a ligação do indivíduo com seu passado. Desse modo, ela tem um papel de representação no qual atua como marco social, permitindo colocar o indivíduo em um determinado lugar em relação à sociedade. Nesse sentido, o autor conclui:

Enfim, mesmo que exista em uma determinada sociedade um conjunto de lembranças compartilhadas pelos seus membros, as sequências individuais de evocação dessas lembranças serão possivelmente diferentes, levando em consideração as escolhas que cada cérebro pode fazer no grande número de combinações da totalidade de sequências (CANDAU, 2016, p. 36).

Podemos observar, então, que autores aqui abordados seguem análises diferenciadas. Temos os estudiosos Halbacks e Pollak, nos quais situam a memória sob a perspectiva coletiva, assim como se pautam em trazer que as memórias coletivas interferem na memória individual, permitindo a existência da memória coletiva social. Em contraponto, está o teórico Candau, o qual compreende a memória sob uma perspectiva individual, mostrando que as lembranças de um grupo podem até serem comuns, mas o que vai prevalecer são essas individuais, por serem únicas e específicas.

As reflexões apontadas sobre a identidade por Candau (2016) se mostram de forma objetiva, principalmente quando o autor afirma que a memória consiste na identidade em ação. Dessa forma, podemos afirmar que um dos pilares nos quais se constroem a identidade é a memória. A identidade está fundada na memória. Dessa maneira, toda ação de memória possui intenções de identidade e acontecem no plano individual, porque os atos de evocação das memórias e do passado consistem em “trabalho de reapropriação e negociação que cada um deve fazer em relação a seu passado para chegar a sua própria individualidade” (CANDAU, 2016, p. 16). Com isso, memória e identidade se apresentam como fenômenos sobrepostos que, segundo Candau:

Se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até o momento de sua dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente (CANDAU, 2016, p. 19).

O autor reforça que memória e identidade não podem ser pensadas como dois acontecimentos distintos e considera ambas como sendo uma necessidade espontânea do indivíduo, presente desde o nascimento.

Para Candau (2016), a narração memorial consiste em um resultado de alguma tensão, ocorrendo em momentos conflituosos e cheios de incertezas, os quais estão associados à identificação do indivíduo. Pollak (1992), por sua vez, afirma que essa situação ocorre como uma justificação social ou construção de si mesmo.

Contudo, apenas quando a identidade é colocada em dúvida, necessariamente, é preciso recorrer à memória e à narrativa memorial no intuito de o indivíduo reafirmar ou construir a sua identidade. Desse modo, “a busca memorial é então considerada como uma resposta às identidades sofredoras e frágeis que permitiria ‘apoiar um futuro incerto em um passado reconhecível’” (CANDAU, 2016, p. 10).

Todo sujeito possui capacidade de ser protagonista da sua trajetória de vida. Tal trajetória é movida por interesses identitários, com isso, essa prática não consiste em atos de rememoração aleatório. Afirma Pollak (1989) a respeito das histórias de vida:

Devem ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade, e não apenas como relatos factuais. Por definição reconstrução a posteriori, a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência. Além disso, ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre os acontecimentos-chaves (que aparecem então de uma forma cada vez mais solidificada e estereotipada), e de uma continuidade, resultante da ordenação cronológica. Através desse trabalho de reconstrução de si o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros (POLLAK, 1989, p. 13).

Frente ao proposto, não podemos ignorar o papel que a memória possui de ser modeladora em relação à identidade, dando significado, forma e reafirmando essa identidade e rememoração. Todavia, Pollak (1989) assevera que a

rememoração é, muitas vezes, marcada por traumas e rupturas, destacando o trabalho para colocar em prática e construir essas memórias de uma forma coerente. Contudo, realizar esse resgate ocorre em meio a contradições e tensões.

Seguindo essa perspectiva, Candau (2016, p.18) afirma que "a memória é a identidade em ação". Contudo, ela pode, ao mesmo tempo, em sentido contrário, causar ameaças, perturbações e, assim, causar a ruína de sentimentos de identidade, citando o fato de que, em determinados momentos da vida do indivíduo, este passa por situações nas quais as lembranças levam a tragédias, traumas e perdas. Nesse sentido, o autor traz exemplos, como o abuso sexual infantil e até mesmo o holocausto, que ocorreu na segunda guerra mundial, causando traumas em muitas pessoas.

Percebemos que se mostram cada vez mais latentes as discussões acerca da temática da memória na sua relação com a identidade. Compreendemos, ao longo que que foi discutido, que os processos de transformações entre os grupos, obrigatoriamente, permitem a criação de conceitos que passaram a guiar as atividades destes em relação à memória e à identidade.

No próximo capítulo efetivamos uma leitura das obras e seu autor do ponto de vista da fortuna crítica existente sobre estas.

3 ALEXANDRE VIDAL PORTO E A LITERATURA CONTEMPORÂNEA

No presente capítulo contextualizamos a literatura contemporânea e como o autor Alexandre Vidal Porto se relaciona com essa literatura a partir de sua obra memorialística e identitária. Entendemos que, ao longo da formação da sociedade e do desenvolvimento da literatura, as obras nos últimos tempos, principalmente na cena contemporânea, repousam sobre as condições sociais e não se limitam em trazer registros de fatos do cotidiano da sociedade. Traremos informações sobre o escritor Alexandre Vidal Porto e sua produção literária e também acerca de como esta se encaixa na literatura contemporânea.

3.1 Perspectivas da Literatura contemporânea

Entre literatura e práticas sociais existe um vínculo relacionado ao fato de a sociedade impor determinadas condições e comportamentos aos indivíduos. No entanto, a literatura, como uma de suas formas de expressão, passou a ser uma representação de fatos cotidianos ocorridos dentro da sociedade.

A afirmação se confirma nas análises de Figueiredo (2004) que, a partir de suas análises de grandes clássicos da literatura brasileira, construiu um panorama de época, apresentando indivíduos, anseios e problemas tratados. Contudo, a autora identificou que a literatura pode representar, mediar e até levar o leitor a fazer uma reflexão sobre a realidade.

A literatura tem um poder maior que o espaço, mais forte que o tempo, ela guarda ações e relações humanas capazes de influenciar gerações, movimentar massas e transformar consciências. A literatura, a história, a política são formas de expressão da cultura social e a literatura reflete como espelho os anseios, as expectativas e as contestações de um povo, de uma nação. Sob vários regimes políticos, com a força de governantes e governados, o povo sempre pode expressar e observar seus pensamentos através da literatura, por essa razão ela é tão importante, necessária e atual. É através da literatura que o homem descobre uma outra possibilidade de ser e fazer um mundo melhor, mais humano e sem os erros que o mundo de ontem nos apresenta através de seus textos (FIGUEIREDO, 2004, p. 299).

Quando a autora fala que a literatura reflete como espelho da sociedade quer dizer que a literatura tem uma forma peculiar de representar a sociedade. Inclusive,

Figueiredo (2004) nos remete à grande obra machadiana, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, afirmando que Machado de Assis procura um homem que idealiza a sociedade de sua época. Portanto, é através da literatura que o ser humano pode pensar uma sociedade melhor.

Assim como um clássico da literatura pode vir a ser modelo para uma reflexão no tocante a uma sociedade melhor, há obras recentes que não fogem desta perspectiva, como, no caso, de *Sérgio Y. vai à América* e *Cloro*, de Alexandre Vidal Porto, que tratam justamente do estudo em questão. Mas, por se tratar de obras atuais e que trazem outros aspectos de um novo tempo, podemos e devemos pensar esses textos como contemporâneos, questionando: afinal, o que é literatura contemporânea?

Antes de entender o que vem a ser literatura contemporânea, precisamos compreender o que é ser contemporâneo. Segundo Agamben (2009), a primeira resposta vem de Nietzsche, associada em uma anotação de Roland Barthes que disse que “o contemporâneo é o intempestivo”. Compreendemos que seja algo como inoportuno, imprevisto ou aquilo que se produz e chega numa ocasião imprópria. Para abranger uma melhor compreensão no que tange a essa discussão, Agamben (2009) afirma que

Nietzsche situa a sua exigência de ‘atualidade’, a sua ‘contemporaneidade’ em relação ao presente, numa desconexão e numa dissociação. Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adaptado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e aprender o seu tempo (AGAMBEN, 2009, p. 58-59).

Entendemos que, a atualidade está ligada à contemporaneidade no presente, mas, ao mesmo tempo, separada. Ser contemporâneo é pertencer a um tempo, como também ser capaz de manter distância para enxergar e compreender melhor o seu próprio tempo. Dessa maneira, ser contemporâneo, como diz Agamben (2009), é ter um singular acordo com o tempo em que se vive.

Corroborando com o pensamento de Agamben, Schollhammer (2009) diz que o contemporâneo não está relacionado ao sujeito no sentido de se identificar com o seu tempo e “sim” caracteriza-se por ser aquele que, por causa de uma diferença,

defasagem ou anacronismo, consegue enxergar e captar o seu tempo. Acrescenta ele que ser contemporâneo “é ser capaz de se localizar no escuro” e, a partir daí, ter a coragem de admitir e se comprometer com um presente que não pode coincidir com ele. Contudo, é possível perceber, a partir das análises do autor, que existe na contemporaneidade uma busca constante por novas formas literárias. Contribuindo ainda sobre o termo contemporâneo, Agamben (2009) considera que o tempo é cronologicamente indeterminado, e conclui:

Isso significa que o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de ‘citá-la’ segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder (AGAMBEN, 2009, p. 72).

Partindo dessa explicação sobre o contemporâneo, entendemos que os autores contemporâneos dialogam com o contexto ao qual pertencem, colocando uma luz para iluminar os problemas que afligem o seu próprio tempo. Nesse sentido, alguns escritores brasileiros têm desafiado a tradição clássica da literatura, priorizando elementos narrativos contrários ou alheios a ela.

Quanto à literatura contemporânea, Schollhammer (2009) diz que esta não é necessariamente uma literatura que representa o presente, exceto por suas inadequações, uma sensação de estranheza histórica que a faz perceber as fronteiras e ambiguidades do presente, desviando-se de sua lógica. A partir do que foi colocado pelo autor, compreendemos essa relação de que, na cena contemporânea, há um resgate do passado em que esse passado se transforma numa nova roupagem para se encaixar no presente.

De acordo com Ginzburg (2012), o período que compreende a década de 1960 até a atualidade, referente à produção literária brasileira, representa um desafio para a historiografia e a crítica literária que são responsáveis por analisar, de uma forma exclusivamente voltada por valores canônicos e periodização, principalmente nos últimos anos, temas socialmente complexos e controversos, sendo que eles estão sendo abordados em muitas obras, ou seja, há uma nova forma literária que foge dos valores que, por muito tempo, eram os propostos pela literatura. Diz Ginzburg:

Em razão da elevada diversidade em estilos, vocabulário e ênfases temáticas, é inviável abstrair um estilo de época, dentro da periodização convencional, sem reduzir o alcance das obras. Mesmo respeitando a singularidade de cada livro, é possível observar alguns tópicos constantes, e interesses recorrentes (GINZBURG, 2012, p. 200).

Ginzburg (2012) faz uma reflexão de como se torna complicada a maneira para definir a produção literária brasileira, dos anos de 1960 até os dias de hoje, por causa da diversidade de temas complexos e contestáveis. Para ele, existe um número expressivo de estilo literário, dificultando, assim, sua separação.

Alexandre Vidal Porto desponta na contemporaneidade com seus romances *Sérgio Y. vai à América* e *Cloro* por abordar esse resgate do passado nas suas narrativas, como dito por Schollhammer (2009). De forma simples, podemos exemplificar, através de Armando, personagem da primeira obra, um senhor de 70 anos que precisa adequar suas concepções com o novo, carregando a culpa de não ter identificado o real motivo de Sérgio tê-lo procurado. Devido a esse fato, ele vai em busca de respostas para saber em que falhou. Isso mostra o interesse dele em se adaptar ao contemporâneo para compreender a vida de um paciente no próprio tempo em que vive.

Os romances *Sérgio Y. vai à América* e *Cloro* trazem a temática LGBTQIAPN+, como o caso de uma mulher trans e um homem que viveu “no armário”, respectivamente, que se revelam contemporâneos por conter características que vão de acordo com o pensamento de Agamben (2009) no que tange a pensar sobre questões do tempo presente, sob perspectivas também atuais.

Conforme Agamben (2009), o que define o tempo que chamamos de contemporâneo é a moda. O fato de estar ou não estar mais na moda realiza essa divisão de acordo com a atualidade ou a inatualidade. Essa metáfora trazida pelo autor revela uma comparação indicando que, assim como a moda, a literatura acompanha as transformações que vão acontecendo na sociedade, no cotidiano, e vai se adequando a elas. Desse modo, a temporalidade da moda possui um outro caráter que a aparenta à contemporaneidade, no qual ela pode se reatualizar a qualquer momento e, aquilo que hoje não mais é moda, pode retomar em um outro momento de forma revitalizada. Conforme Agamben:

De fato, a contemporaneidade se escreve no presente assinalando-se antes de tudo como arcaico, e somente quem percebe no mais moderno e recente os índices e as assinaturas do arcaico pode dele ser contemporâneo. Arcaico significa: próximo da *arké*, isto é, da origem. Mas a origem não está situada apenas num passado cronológico: ela é contemporânea ao devir histórico e não cessa de operar neste, como o embrião continua a agir nos tecidos do organismo maduro e a criança na vida psíquica do adulto. (AGAMBEN, 2009, p.69).

Agamben (2009) coloca que historiadores da literatura e da arte reconhecem um compromisso secreto entre o arcaico e o moderno, não porque exista um certo fascínio pelo que é arcaico, mas pelo fato de trazerem para o moderno um certo tom de vanguarda. Portanto, os que procuram pensar a contemporaneidade realizam uma fusão entre os tempos, como um divisor, pois há essa introdução do passado no contemporâneo. Essa fala do autor nos mostra esse resgate do passado e a readaptação do presente. Desse modo, não há uma novidade, existe um passado que foi transformado para se consolidar no presente.

Pode ser considerado complexo realizar uma descrição, conceituar e analisar a memória e a identidade a partir da contemporaneidade, uma vez que esses fenômenos se completam e podem ser entendidos a partir de inúmeros âmbitos, principalmente pelas diversas áreas de conhecimento que as estudam e pela gama de autores com suas percepções. Dessa maneira, de acordo com Ginzburg

Se essa hipótese tiver pertinência, conseguindo alçar um grau razoável de generalização, poderíamos avaliar a contemporaneidade como um período em que parte da produção literária decidiu confrontar com vigor tradições conservadoras no país, em favor de perspectivas renovadoras. A generalização, neste raciocínio, não significa de modo algum, totalização, universalidade ou essencialismo. Trata-se de avaliar um processo histórico, em que a recorrência de alguns recursos de escrita pode ter um significado político crítico e afirmativo. Para fazer isso, cabe examinar como temas e formas se relacionam, entendendo que o deslocamento com relação aos princípios tradicionais de autoridade social, que estruturam o patriarcado, é um movimento de escolha de temas, questões, e também de construção formal, em suma, de elaboração de linguagem (GINZBURG, 2012, p. 201).

A literatura atual tem um papel de ser crítica, ela foge daquilo que lhe foi imposto por muito tempo, na qual obedecia a padrões sociais ligados ao patriarcalismo, trazendo temas contemporâneos que causam impactos sociais e

debatendo outros que por muito tempo encontravam-se no submundo. Se considerarmos as obras de Alexandre Vidal Porto, ambas trazem uma perspectiva fora desses padrões conservadores e patriarcais sobre os quais o autor discorre. No tocante a essa discussão, reflete Ginzburg:

Contrariando o campo patriarcal, algumas obras redefinem as relações entre espaço público e vida privada, desmistificando concepções tradicionais. Com isso, assuntos usualmente considerados como intimistas ou universais (como maturação, sofrimento amoroso, luto por um ser amado, paternidade, comportamentos corporais) são tematizados em perspectivas inscritas na história, enfocando conflitos e posições presentes no contexto social (GINZBURG, 2012, p.205).

Percebemos, a partir do que foi tratado, que os escritores contemporâneos parecem movidos por um senso de urgência para se conectar com a realidade histórica, mas percebem que é impossível capturá-la em sua especificidade atual, em seu presente. Essa percepção se confirma com Schollhammer (2009, p.11), pois este afirma existirem dois argumentos que se juntam: “uma escrita que tem urgência [...] que se impõe de alguma forma” e, ao mesmo tempo, possui uma escrita que atua para “se vingar”, que busca atingir eficientemente seu alvo. Desse modo, a escrita de Porto nos revela essa concepção, uma vez que sua narrativa se mostra com certa urgência: ao mesmo tempo que apresenta uma escrita acessível, ela se impõe de forma sutil, fazendo com que seu leitor se sensibilize com a temática e compreenda nela uma realidade.

Nesse sentido, podemos entender que a urgência é uma expressão sensível de os escritores lidarem com dificuldades mais próximas e atuais, ou seja, distanciando-se do presente, começam a trazer realidades das margens que permitem serem desnudadas, vistas de frente, capturadas diretamente.

Corroborando com essa ideia, Ginzburg (2012) discorre que, nos textos contemporâneos brasileiros, com frequência nos deparamos com narrativas pautadas na vida humana que trazem tragédias cotidianas, dificuldades de personagens lidarem com conflitos familiares e questões sociais. Neste sentido, a obra *Cloro* mostra essa situação com abordagem de conflitos a partir do momento em que discorre sobre a violência e a impunidade: o filho de Constantino é

assassinado e, até aquele momento de seu relato póstumo, nunca foi descoberto os motivos do crime nem os culpados, conforme descrito em *Cloro*:

Um pescador achou o corpo em uma área remota do Parque estadual Lagamar, de Cananeia. Meu filho tinha as mãos atadas para trás com um fio de náilon, os olhos vendados com esparadrapo e um pedaço de toalha enfiado na boca. Foi abatido – ‘abatido’ foi o termo que o policial usou – com dois tiros na nuca. [...] Nunca se descobriu por que ele foi executado do jeito que foi. Se seu corpo não tivesse sido achado com dois tiros na cabeça pelo tal pescador, poderia ter sido tragado pela maré cheia e desaparecido no mar, comido por peixes, simplesmente suprimido da face da terra (PORTO, 2018, p. 52-53).

No que tange às gerações mais recentes de escritores contemporâneos, Schollhammer (2009) relata que existe uma preocupação por criar suas próprias presenças, tanto em um sentido temporal como realístico, levantando questionamentos a respeito da eficiência estilística da literatura, dos impactos causados por ela em determinada realidade social e no que tange a problemas sociais e culturais.

No entanto, existe outra preocupação, que é a utilização de outros meios para trazer as narrativas contemporâneas. Segundo Schollhammer (2009), hoje as tecnologias permitiram novos caminhos para a divulgação de textos, dentre elas os *blogs*, surgindo assim um espaço mais democrático e com formas mais rápidas para debates. Desse modo, se faz necessário destacar que os *blogs* não trazem concorrência real para o mercado e se caracterizam como uma minoria.

Além de *blogs*, temos as plataformas *online* de autores. Podemos citar, como exemplo, a do autor Alexandre Vidal Porto e de outros, que usam as redes sociais para divulgar seus trabalhos, levantar debates por meio das *lives*, por exemplo. Assim, de acordo com Schollhammer:

Outra tendencia clara é a abertura do mercado impresso em função do barateamento dos custos de produção do livro, o que possibilita, hoje, a estreia de muitos escritores em pequenas editoras autofinanciadas, embora a divulgação nas livrarias continue a ser o principal obstáculo. Entretanto, mais interessante é focar as consequências dessa urgência sobre as formas e os gêneros literários entre os escritores do momento (SCHOLLHAMMER, 2009, p.14).

Com o avanço da tecnologia, e as novas formas de escrita, temos um mercado amplo para publicações em vários formatos, sejam físicos ou digitais. Corroborando com as palavras de Schollhammer, destacamos o que traz Drey (2017), o qual afirma que a literatura brasileira contemporânea desperta o interesse e assegura a crítica por apresentar fertilidade, qualidade e multiplicidade, permitindo, assim, que novas editoras e novos escritores surjam dia a dia, justificando a abundante quantidade de publicações que se tem atualmente. Engana-se, no entanto, quem pensa que essas produções são desprovidas de cuidado: ao contrário, todos os textos que estão surgindo revelam-se escritas inovadoras, cuidadosas, trazendo o conhecimento das muitas possibilidades de nossa sintaxe.

Para Schollhammer (2009), ainda sobre as novas possibilidades para a literatura, seja por meio de *blogs* ou de pequenas editoras, o autor cita como exemplos as formas ultracurtas de minicontos, estruturas complexas e fragmentadas, como sintoma que ganha popularidade, assim como a escrita literária pessoal e íntima, como os diários e a autoficção.

A geração mais recente de escritores possui uma resistência quando se trata de intervir e recuperar a atualidade, propondo desafios para criar novas formas históricas do realismo literário numa escrita que expõe questões sociais, dentre elas: a violência, a pobreza, as desigualdades, as corrupções, dentre outras. Na verdade, há uma utilização de distintas técnicas não muito representativas para se apropriar da realidade, buscando-se uma eficiência estética numa linguagem e estilo mais enfáticos.

Nessa esteira, para tratar sobre o real, a utilização da crônica é considerada uma das expressões de urgência. Para alguns autores, “essa demanda de presença é um traço que [...] se evidencia na perspectiva de uma reinvenção do realismo” (SCHOLLHAMMER, 2009, p.15), no intuito de que a relação de responsabilidade e solidariedade no que tange os problemas sociais e culturais sejam refeitas.

Não há um consenso entre os estudiosos quanto ao marco que delimita o início da literatura contemporânea no Brasil, porém Schollhammer (2009) optou por uma divisão em décadas: 1970 se caracteriza como a de contistas urbanos, a de 1980 da literatura pós-moderna e a de 1990 geração de “transgressores”, tempo relacionado ao uso de computadores e da internet. A Geração 2000 não possui ainda perfil específico.

Faz-se necessário destacar que Schollhammer (2009) realiza uma breve contextualização dos períodos literários ao longo dos anos, no entanto, o presente estudo busca limitar-se à literatura contemporânea, sem se esquecer de reconhecer a importância dessas correntes para se chegar até aqui.

Um outro ponto importante nas análises de Schollhammer (2009) está em relatar o interesse de autores em recriar vertentes históricas, dentre elas o realismo, pois é comum para a história da literatura brasileira reconhecer sua tradição.

Ainda nessa perspectiva, no século XXI, Schollhammer (2009) traz um estudo realizado que caracterizou uma nova geração por sua multiplicidade e heterogeneidade tolerante, pois esse momento teve início com inúmeras amostras de temas e estilos. Nessa esteira, há uma série de novos escritores que, na virada do século, conseguiram seu espaço no mercado e frente à crítica, estando muitos deles abordando o tema da diversidade.

A escritora Perrone-Moisés (2016) traz, em suas análises sobre a literatura contemporânea, a filósofa judia Hannah Arendt, cujas reflexões são consideradas as mais equilibradas e de acordo com a nova época que surgia no que tange à crise da cultura. Esta autora dedica sua atenção a analisar a arte em um momento em que a cultura de massas dominava a sociedade. Dessa maneira, Perrone-Moisés (2016) ressalta que

Arendt explica que, embora cultura e arte estejam inter-relacionadas, são coisas diversas. A palavra 'cultura', desde sua origem romana, implica criação e preservação da natureza e das obras humanas. As obras de arte são, para ela, a expressão mais alta da cultura, 'aqueles objetos que toda a civilização deixa atrás de si como quintessência e o testemunho duradouro do espírito que animou' (PERRONE-MOISÉS, 2016, p.31).

Contudo, Perrone-Moisés (2016) destaca que a filósofa confirma em suas análises que atitude de carinho e cuidados são implicados pela cultura. Hannah Arendt traz que, no século XVIII, existiram os chamados "filisteus educados", os quais, embora deturpados, atribuíam um valor à arte. No século XX a cultura na sociedade de massa foi relacionada à diversão, sendo comparada a bens de consumo. A sociedade se deparou com a indústria do entretenimento.

Com o avanço das tecnologias e o passar dos anos, as análises de Hannah Arendt fazem todo sentido, pois, com a televisão e a internet, a arte e a cultura se

tornaram muito mais abundantes, no entanto, em forma de entretenimento e de consumo mais fácil e rápido, e a literatura tem sofrido com essas mudanças.

Schollhammer (2009) cita que, logo no início do século XXI, a pequena editora chamada Livros do Mal lançou um grupo de novos escritores. No entanto, a editora não existe mais, porém os autores permanecem resistentes em suas publicações e fazendo sucesso, tais como Paulo Scott, Daniel Pellizzari, Daniel Galera, dentre outros. Sobre Daniel Galera, sua contribuição foi com a obra *Mãos de Cavalo*, uma obra que se assemelha muito aos romances de Bernardo de Carvalho, os quais nasciam prontos para enfrentar os desafiadores olhares dos críticos e dos leitores.

Conforme Perrone-Moisés (2016), o fim do século XX se destaca por grandes mutações, dentre elas, na literatura, da qual muitos divulgaram sua extinção e o desaparecimento dos grandes escritores. Todavia, a literatura nunca teve uma definição específica, apesar de todo seu prestígio desde o século XIX. Perrone-Moisés (2016) destaca

Portanto, ao falar de literatura, a primeira preocupação consiste em precisar em que sentido a palavra é empregada. A literatura de que aqui falamos é a que foi definida em meados do século XVIII, quando a palavra deixou de significar o conjunto da cultura letrada para designar uma atividade particular, uma prática de linguagem separada (e superior) das outras práticas verbais, uma arte e um meio de conhecimento específicos (PERRONE-MOISÉS, 2016, p.19).

Segundo Perrone-Moisés (2016), no intuito de levar a literatura para uma grande massa, apresentam-se autores e obras como se fossem espetáculos, promovendo eventos, tais como: feiras, salões de livro e festas de premiação. Por conseguinte, uma variedade de pequenas editoras surgiram, assim como aproveitaram que o custo tecnológico da produção barateou. Desse modo, elas passaram a investir em novos nomes e permitiram que novos autores conseguissem espaço com custos bem mais baratos nas edições, ou seja, surgiram mais flexibilidades nas opções de publicação e crítica. Nessa perspectiva, cresceu a atenção em torno do escritor, o qual ganhou/ganha mais visibilidade na mídia.

Schollhammer (2009), em suas análises a respeito do pós-modernismo, afirma que esse processo literário possui como auge a década de 1980, período de redemocratização do país, encontrando um novo caminho, sendo assim uma fase de

destaque para a profissionalização e atuação do escritor nacional. Já a geração de 1990, ele caracteriza como sendo um golpe de publicidade muito bem armado.

Schollhammer (2009) reconhece uma tensão na literatura brasileira entre a vontade experimental e o engajamento social e considera esse fato normal, citando Guimarães Rosa como um dos autores que realiza essa conciliação em sua obra, principalmente pelo fato de, ao longo da história da literatura brasileira, ela possuir uma tradição realista, diferenciando-se da literatura latino-americana. Na atualidade, para os escritores, a questão também se coloca nesta perspectiva de trazer a realidade nessa conciliação. No entanto, em uma realidade diferenciada frente às demandas, pois hoje a mídia é o pano de fundo e ela está interessada na vida real. Schollhammer (2009) complementa:

Notícias em tempo real, reportagens diretas, câmera oculta e serviço do furo jornalístico ou do mero entretenimento, televisão interativa, *reality shows*, entrevistas, programas de auditório e todas as formas imagináveis de situação em que o corpo-presente funcione como eixo. Na literatura, a situação não é muito diferente nem melhor; como fito anteriormente, o que mais se vende são biografias e reportagens históricas, confissões, diários, cartas, relatos de viagens, memórias, revelações de *paparazzi*, autobiografias e, claro, autoajuda (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 56).

Conforme Perrone-Moisés (2016, p. 37), a nossa sociedade contemporânea está marcada pelo consumismo e utilitarismo, ou seja, "na cultura atual, dominada por um mercado que trata as obras de arte como mercadoria [...]". Contudo, pode-se assim afirmar que a literatura se caracteriza como um dos poucos exercícios da liberdade e ela pode se inserir como mercadoria ou ela pode resistir e se manter como bem imaterial.

Desse modo, a busca por demandas de realidade (escritos que tragam temas do cotidiano) se faz mais presente no mercado editorial, com interesse por biografias históricas e reportagens jornalísticas. Diante desse cenário, popularizou-se, além desses tipos de gênero, os livros de autoajuda, dando, assim, ressurgimento a uma nova literatura chamada pelo autor de testemunhal, na qual seus escritores geralmente são aqueles excluídos do meio literário. São eles ex-presos, meninos de rua, prostitutas, criminosos e pessoas que relatam suas vivências dentro de instituições. Dessa maneira, criou-se um fascínio por esse tipo de literatura marginal.

Schollhammer (2009) destaca ainda o crescimento do teatro e do cinema brasileiro, todos baseados na realidade.

Segundo Perrone-Moisés (2016), com a virada para o século XXI, a literatura passa a ser considerada contemporânea, por não ter outra designação, de literatura de "virada do século", o tempo vai se encarregar de mudar sua adjetivação. Contudo, ela se caracteriza por falta de propostas realmente inovadoras, notando-se a existência de uma presença generalizada de intertextualização. Há um aumento do ceticismo, a impossibilidade de um grande relato histórico e se faz presente trazer vivências contemporâneas, assim como não explicitar mensagens políticas.

Ainda de acordo com Schøllhammer (2009), a vida real é o que mais interessa hoje, com frequência, o que mais é veiculado pela mídia são reportagens diretas, televisão interativa, entrevistas etc. Desse modo, não poderia ser diferente na literatura, conforme Schøllhammer (2009)

A luz disso, a midiaticização da literatura também ganha outra dimensão, tratando-se agora não apenas de um recurso para revitalizar as formas literárias, mas de diferentes momentos de produção textual numa cadeia de produção em que o livro deixou de ser o produto final e apenas representa uma etapa provisória de um desdobramento de significantes em novos formatos mais voláteis e porosos da mútua penetração dos diferentes níveis (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 62-63).

Drey (2017) se utiliza de uma das obras aqui trabalhadas, o romance *Sergio Y. vai à América*, e acrescenta que hoje existe uma ruptura com o tradicional que utilizava, como exemplo, a literatura europeia, trazendo para a atualidade uma literatura democrática, ao invés de se limitar a uma tradição restrita, que corrobora com as análises de Schollhammer.

Esses padrões fogem a temas que não têm relação com aquilo pré-estabelecido, a partir do momento em que Alexandre Vidal Porto utiliza em sua obra a transexualidade e a descoberta da identidade *queer* depois dos 50 anos, em um homem estável e com uma família dita "estruturada". Para Drey (2017)

Assim, tal proposta deixa para trás a imagem do realismo histórico, que se aproxima de uma alegoria pictórica do visível para registrar formas de realismo que buscam visualidades. Isto é, no lugar de reivindicar verossimilhança por meio de abundâncias descritivas, passa-se a valorizar a presença performática e transformadora da linguagem (DREY, 2017, p. 283).

Ainda de acordo com Drey (2017), pautas atuais e que pertencem à sociedade moderna não podem ser deixadas de lado pela literatura contemporânea. Desse modo, o romance de Alexandre Vidal Porto se inscreve nessa conjuntura a partir do momento em que se propõe a contar uma história na busca pelas memórias tanto em *Sergio Y. vai à América* como em *Cloro*, apesar do citado autor tratar apenas da primeira obra. Drey (2017) acrescenta que

Dessa forma, o ‘tudo’ que o leitor deve saber será mediado pelo narrador, conforme suas pretensões. Quer dizer, o título na página em branco pode sugerir que o leitor não terá acesso ao que realmente seria pertinente tomar conhecimento. Parece-me possível ainda, em outra aproximação, relacionar o silêncio à psiquiatria, como se fosse uma pausa de um sujeito para organizar a fala, no caso, a do próprio narrador que se coloca no divã na busca por compreensão e superação daquilo que se configurou como um trauma para sua vida, inesperado e decisivo para um profissional renomado de 70 anos. O movimento, portanto, é previsto pela análise clínica de orientação psicanalítica – não por acaso, corrente teórica na qual o personagem se inscreve – que reconhece a fala do sujeito sobre o outro como uma fala de si mesmo, isto é, quando o sujeito fala do outro ele está falando de si (DREY, 2017, p. 285).

Drey (2017) analisa de uma forma técnica a obra de *Sergio Y vai a América*, traçando detalhes na estrutura do texto quando cita a página em branco em referência às mudanças de capítulo na obra e também caracterizando o personagem narrador, o qual não permite ao leitor surpresas, e foca em descrevê-lo como um psiquiatra de 70 anos, egocêntrico, que se achava um profissional completo, entretanto, deparou-se com um caso no qual não conseguiu solucionar e isso impactou o seu ego.

O foco narrativo da obra *Sergio Y vai a América* se apresenta em primeira pessoa, ritmado, e se mantém com um caráter de confissão, inserindo-se no rol do novo realismo, conforme tratado anteriormente por Schollhammer.

No entanto, deparamo-nos com o debate acerca de uma das expressões da questão social, pois dentro da obra nos deparamos com Sergio/Sandra mudando-se para os EUA no intuito de dar seguimento ao seu processo de construção de sua identidade de gênero, assim, ele/ela fugiu dos estereótipos e do preconceito que são investidos aos indivíduos transgêneros no país, mesmo não conseguindo evitar o de sua família. Desse modo, mostra uma realidade que poucos conseguem no país:

passar pelo processo de mudança de gênero, sem enfrentar os estigmas da sociedade, os traumas e dificuldades que esse processo expõe.

Schollhammer (2009, p.98) traz em suas análises a literatura marginal, considerada um fenômeno recente no mercado brasileiro, que, conforme o autor, trata de “uma literatura que, sem abrir mão da verve comercial, procura refletir os aspectos mais inumanos e marginalizados da realidade social brasileira”. Sobre a literatura marginal, Drey (2017) analisa que Porto tem consciência dessa realidade.

O relato carcerário *Carandiru*, obra do médico Drauzio Varella, no ano de 2001, marcou o início da primeira remessa de textos marginais que apresentou sucesso extraordinário e surpreendente. Em seguida, a obra foi adaptada para o cinema, reflexo disso foi o aumento do número de publicações de romances, biografias e relatos diversos a respeito da realidade marginal brasileira sobre crime, prisões e periferias, todos trazidos sob a forma de romance autobiográfico.

Na cena contemporânea, cresceram as ambiguidades, pois, em função da banalização do conceito de literatura, ela tem perdido seu conceito de efeito estético, ficando evidente quando comparada com obras de autores do século passado. Conforme Perrone-Moisés (2016), esse efeito é perdido a partir do momento em que, ao falar de literatura, essa palavra perde o sentido ao ser empregada, ou seja, desde o século XVIII, quando deixou de trazer o significado da cultura letrada para designar uma atividade particular. A referida autora ainda cita Jean-Paul Sartre e sua obra, datada de 1948, intitulada *Que é literatura?*, no qual, ao longo de seus ensaios, realiza algumas formulações sobre a literatura, sobre o livro. De acordo com Perrone-Moisés (2016), ele chega a conclusões importantes, tais como: escrever transforma a realidade, a literatura caracteriza-se como desvendamento, o texto literário é livre, dentre outros.

Perrone-Moisés (2016, p. 21) levanta a questão de que existe a possibilidade de um declínio da literatura, trazendo em suas análises um ensaio sartriano para afirmar sua concepção. Segundo ela, existem outros autores que concordam com essa perspectiva do declínio da literatura, mas prefere trazer apenas os mais recentes, já que o interesse não é de fazer uma análise histórica, e sim destacar a sua preocupação com a literatura. Acrescenta que, a partir do momento em que os textos são relidos, já são interpretados como antigos, pois a forma como trazem a literatura e se expressam é considerada como arcaica para a nossa época frente à expansão editorial, aos textos eletrônicos e aos escritores midiáticos.

Contudo, para a autora Perrone-Moisés (2016), apesar do impacto das mutações tecnológicas e informatização, isso acarretou a prática da leitura rápida no lugar da lenta e reflexiva e da quantidade ao invés da qualidade.

Há mais de um século, conforme Perrone-Moisés (2016), já existia o debate a respeito do fim da literatura. Rimbaud foi o primeiro a trazer à tona esse assunto. No entanto, quando se fala a respeito disso, trata-se do fim daquela literatura da alta modernidade, sendo que o que há hoje são inúmeras publicações sobre ficção, assim como nunca aconteceram tantas feiras de livros, prêmios, eventos literários, nunca se midiaticizaram tanto os escritores. Todavia, não se fala da mesma coisa quando o assunto é o fim da literatura. Nesse caso, o que acontece é o fim de determinados tipos de textos, com uma linguagem peculiar em sua escrita, complexa, visto que as obras atuais não carregam essa definição.

Nas últimas décadas ocorreram inúmeras transformações na literatura que não conseguiram trazer uma definição específica. Desse modo, Perrone-Moisés (2016) traz o conceito de Iouri Tynianov sobre “fato literário”, uma discussão ainda necessária em tempos atuais. Perrone-Moisés (2016, p.28) acrescenta que, para Tynianov, “toda definição de literatura que busque seus traços essenciais se choca com ‘o fato literário vivo’”. A evolução da literatura não é regular, mas ocorre por saltos, por deslocamento e não por desenvolvimento. Desse modo, textos que antes eram tidos como não literários, no século XX passaram a ser considerados como literatura, entre os quais, por exemplo, a correspondência.

No entanto, Perrone-Moisés (2016) discute, quase um século depois das análises de Tynianov, a respeito da revolução da literatura. Na nossa atual realidade, algumas dessas análises se tornaram inadequadas. Ele ainda organizou a evolução literária em etapas que se encadeiam de uma forma literária, conforme descritas por Perrone Moisés (2016)

- 1) Diante de um princípio de construção automatizado, um princípio de construção oposto se delineia, de modo dialético;
- 2) Ocorre, em seguida, a aplicação desse novo princípio, o qual busca a via mais fácil;
- 3) Ele tende a estender-se no maior número de fenômenos;
- 4) Ele se automatiza e suscita o aparecimento de princípios de construção opostos (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 29).

Conforme o que traz Perrone-Moisés (2016), o princípio dialético funcionou até o período caracterizado por alta-modernidade. Para tanto, até a alta modernidade, conforme Perrone-Moisés (2016), funcionou esse processo dialético, porém, o que ainda possui utilidade é considerar que a literatura se caracteriza como uma das séries da cultura e existe a possibilidade de ela passar por mudanças ao longo da história, por isso as mutações literárias são estudadas e precisam estar associadas às mutações culturais.

Com a ascensão poderosa da cultura de massa, no século XX, e a democratização do ensino e da leitura, houve, por parte de inúmeros pensadores, a desvalorização daquilo que antes era chamado cultura, vista como uma decadência para os mais conservadores. Segundo Perrone-Moisés (2016), esse tema, que se iniciou no século XIX, no Ocidente, avançou pelo século seguinte e se tornou uma crítica saudosa e temerosa da modernidade.

Para Perrone-Moisés (2016), o avanço capitalista, a hegemonia burguesa e as sociedades democráticas permitiram que a cultura se popularizasse e se tornasse um bem comum no Ocidente. Com um potencial de alcance de multidões, o que se esperava era que, com a democratização da educação para todos, a cultura se expandisse, além de ser preservada. No entanto, isso não aconteceu, na prática, como se esperava, porque esse novo entendimento de cultura tornou evidente uma contradição entre velho e novo, tradicional e moderno, preservar e destruir.

Ainda conforme Perrone-Moisés (2016), a cultura passou a ser produzida de modo industrial, assim como indiscriminadamente consumida no Pós-Segunda Guerra Mundial, causando um certo temor naqueles que fizeram parte e se formaram na alta cultura anterior.

A cultura passou a ser atacada, passando a ser classificada de “indústria cultural” para “mistificação das massas” por grandes pensadores, como Adorno e Horkheimer, que seguiam a linha de pensamento marxista. Esses autores “culparam indiscriminadamente o cinema, o rádio, as revistas e a televisão por serem meros negócios” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 30). Porém, como todas as transformações no mundo em pleno século XX, essas críticas, apesar de terem fundamentos, foram ultrapassadas.

Em suas análises, Perrone-Moisés (2016, p. 35) afirma, a respeito da importância da literatura na cultura contemporânea, que esta não pode ser defendida fora de uma prática, pois quem define as mutações da literatura em suas

obras não são os teóricos, mas os autores. Os pensadores do século XXI ainda estão mantendo algumas qualidades tradicionais que geralmente são chamadas de “alta literatura”. Para Perrone Moisés (2016)

Essa prática, que felizmente ainda é a de vários escritores contemporâneos, se caracteriza por alguns valores básicos: o exercício da linguagem de modo livre e consciente; a criação de um mundo paralelo como desvendamento e crítica da realidade; a expressão de pensamentos e sentimentos que não são apenas individuais, mas reconhecíveis por outros homens como correspondentes mais exatos aos seus; a capacidade de formular perguntas relevantes, sem a pretensão de possuir respostas definitivas (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 35).

Atualmente os escritores acabam por desapreciar alguns valores modernos, não se caracterizando mais como um mandamento a busca pelo “novo” ou “*make it new*” das vanguardas. No entanto, ainda é um valor a originalidade, pois é atemporal o gosto pelo novo. Perrone-Moisés (2016) diz que o romancista contemporâneo, de um modo geral, permanece fazendo uso de narrativas tradicionais reformuladas no que tange aos diálogos e às descrições em suas escritas, contudo, evitando a utilização de belas formas verbais como era realizado à época.

O processo acelerado de modernização, as drásticas mudanças na economia, o medo de frequentar espaços públicos nas grandes cidades e a influência da tecnologia nas relações humanas são fatores sociais que têm constituído paradigmas para a representação literária, não apenas porque sempre há visões diferentes desses processos, mas também porque a criação de cenas que envolvem recordações de fatos dolorosos em um mundo hostil correria o risco de cair na irreabilidade ou na banalização, se não fosse a literatura.

Portanto, Perrone-Moisés (2016) diz que o valor de uma obra literária não pode estar relacionado apenas à questão de gosto, nem ser medido pelo consumo, pela venda ou por sua propaganda. Isso é especialmente importante no mundo de hoje, no qual o valor de uma pessoa é medido pelo número de seus seguidores na internet e o valor das coisas é determinado pelo seu preço no mercado. Dessa maneira, em nossa sociedade consumista e utilitária, a poesia pode continuar sendo um ‘inutilidade’ e a ficção pode continuar sendo um convite à crítica ou à evasão dessa sociedade.

Pellegrini (2001) nos mostra que, no momento atual, os romances históricos não sumiram, apenas são construídos de outra forma, levando em consideração a pesquisa documental, cada detalhe do período que enfoca, mas não deixam de abordar as práticas culturais, hábitos, fatos e costumes. Sendo assim, Pellegrini (2001) ainda nos diz que

Nesse sentido, a diversidade e o hibridismo das perspectivas ficcionais brasileiras apontadas, que incorporam os *petits récits* das mulheres, dos negros, dos homossexuais; que se valem da autoconsciência textual, da ironia reflexiva, da metalinguagem, da intertextualidade, assim expressando um paradoxo, a contradição e a ambivalência constitutivos da sensibilidade pós-moderna, não estão conseguindo, *in totum*, funcionar como “uma forma de desmascarar a própria ficcionalidade e de tentar contestar as múltiplas formas da hegemonia e autoridade sociopolítica e literária, as quais se expressariam sobretudo por meio das “grandes narrativas” de caráter normativo, unívoco e totalizante, conforme afirmam as teorias dominantes sobre o pós-moderno (Pellegrini, 2001, p. 62).

Sendo assim, percebemos que a autora faz uma revelação da importância de se ter uma maior diversidade e múltiplas linguagens trazidas por narrativas que desafiam a “alta literatura”, dando abertura para uma maior reflexão e questionamento acerca de questões atuais. Não queremos dizer aqui que as “grandes narrativas” sumiram, mas não são as únicas, nem hegemônicas. Cresce, então, a literatura minoritária que envolve, na sua maioria, a ficção voltada aos grandes centros urbanos, levando em consideração os problemas sociais e existenciais, como em *Sérgio Y. vai a América e Cloro*.

Nesse sentido, ao analisar pesquisas feitas a partir dos romances em questão, observamos que a nossa proposta, dada a relevância do estudo, desenvolve-se de uma forma que oportuniza trazer um debate a respeito da memória e da identidade, assim como o fato de debater temas que na, nossa sociedade contemporânea, ainda são muito discriminados e sofrem com o conservadorismo que se faz presente, que é a transexualidade e a aceitação de sua sexualidade depois dos cinquenta anos.

3.2 Contexto contemporâneo das narrativas de Alexandre Vidal Porto

Alexandre Vidal Porto é um escritor contemporâneo, diplomata brasileiro e mestre em Direito pela Universidade de Harvard. Dentre as suas obras, os maiores destaques são para *Matias na Cidade* (2005), *Sergio Y. vai à América* (2014), sendo que este último foi ganhador do Prêmio Paraná de Literatura e *Cloro* (2018), finalista do prêmio Jabuti 2019. O presente estudo se debruçou nas duas últimas.

Até o momento, Porto possui três romances publicados, sendo o primeiro: *Matias na cidade* (2005), seguido de *Sérgio Y. vai à América* (2014) e *Cloro* (2018). Atualmente, o escritor está trabalhando no seu próximo romance, ainda sem título, baseado na biografia do violeiro português Luiz Delgado, processado por sodomia pela Inquisição na Bahia no século XVII.

Em uma entrevista no dia dez de setembro de dois mil e quatorze, Alexandre Vidal Porto afirma que, em seu romance *Sergio Y. vai à América*, menciona sobre esse conflito de cultura e esse paralelo que existe entre seu bisavô Areg, Angelus e o próprio Sergio Y, que precisou sair do seu país ou região para ser feliz em outro lugar. Ainda cita sobre a saída de Areg um pouco antes de seu país sofrer o “Genocídio dos Armênios”. Questionado o porquê de seu livro ter capítulos curtos, Porto explica que é uma de suas características, e que, o fato de o livro possuir uma linguagem simples não significa dizer que foi fácil escrever. Ele gostaria que qualquer leitor que fosse no mínimo alfabetizado pudesse ler a sua obra.

Os romances de Alexandre Vidal Porto são narrativas envolventes, com uso de uma linguagem direta e de fácil compreensão, principalmente porque o autor faz uma escolha consciente de escrever em português simples. Além disso, possui uma capacidade única de enaltecer temáticas complexas, como a transexualidade, faz uso de nomes e verbos exatos e diretos e também realiza a exploração das palavras de uma forma poética. Podemos conferir em Porto (2014) quando diz que

Meus olhos não foram cegos. Minha língua não calou aos segredos que me foram revelados. Eu sei. Mas tenho princípios. Minha intenção, ao contar esta história, nada tem de nocivo. Quero tornar-me um médico melhor e um ser humano mais íntegro. Quero apenas aprender (PORTO, 2014, p. 17).

O trecho acima representa um exemplo da escrita poética e simples do autor. As obras de Porto, em sua maioria, trazem a temática LGBTQIAPN+. Então, partindo desse pressuposto, e por nossa pesquisa trazer dois de seus romances que

abordam essa temática, surge a necessidade de diálogo com pesquisadores que as discutem.

O escritor possui inúmeros artigos publicados, alguns dos quais podemos citar aqui, como: O Itamaraty e as mulheres, com Gisela Padovan, Folha de S. Paulo, 05/06/2022; Educação pela poesia – perfil de Eucanaã Ferraz, Ilustríssima, Folha de S. Paulo, 19/02/2022; Sobre Escravatura/Slavernij, no Rijksmuseum, Folha de S. Paulo, 26/08/2021; O patrono assassinado, Folha de S. Paulo, 02/08/2021; A idade do ouro no Brasil é insólito e o livro mais político de João Silvério Trevisan, Folha de S. Paulo, 16/02/2020; Cloro: em processo, blog do IMS (Instituto Moreira Sales), 01/02/2017; Tom do discurso do Itamaraty com os bolivianos é adequado, Folha de S. Paulo, 06/09/2016; O transexual visível, Folha de S. Paulo, 02/05/2015; Baile à fantasia, Folha de S. Paulo, 18/04/2015; Mais médicos e mais respeito, Folha de S. Paulo, 04/04/2015; Conversando a gente se entende, Folha de S. Paulo, 21/03/2015; Ninguém quem?, Folha de S. Paulo, 17/05/2014; Três escritores mastigam Machado de Assis (com Joca Reiners Terron e Santiago Nazarian), Folha de S. Paulo, 10/05/2014; Os haitianos estão chegando, Folha de S. Paulo, 03/05/2014; País do futebol, mas não apenas, Folha de S. Paulo, 19/04/2014, dentre outros. Todos esses artigos são reconhecidos pela crítica e seu papel de escritor.

Sua obra também é reconhecida pelos trabalhos acadêmicos. Dessa maneira, podemos citar *Literatura brasileira contemporânea, gênero e estereotipação: uma análise de Sergio Y. vai à América*, de Marina Siqueira Drey, publicado em *Cardernos do IL*, Porto Alegre, nº 54, outubro de 2017, p. 281-294. O estudo propõe discutir três tópicos sobre *Sergio Y. vai à América*, de Alexandre Vidal Porto: uma avaliação e reflexão acerca do contexto da obra; uma explanação e análise geral do livro; e uma interpretação sobre a representação da personagem Cecilia Coutts.

O *Armário e a “Vida de Silêncio” de Constantino Curtis em Cloro*, de Alexandre Vidal Porto, de autoria Elton da Silva Rodrigues, pesquisa publicada na revista *Macabéia*, volume 9, número 3, julho-setembro de 2020, revista eletrônica do NETLLI, observou a construção da “vida de silêncio” de Constantino Curtis no romance *Cloro* (2018), de Alexandre Vidal Porto, tendo em vista a metáfora do “armário” como um dispositivo que regula a vida de sujeitos de sexualidades desviantes em uma sociedade heterossexista.

A *Transexualidade e Preconceito: conflitos presentes na obra Sergio Y. vai à América*, de Alexandre Vidal Porto, dos autores Elisena Bertotti Pereira, Jefferson

Jonathan dos Santos e Melissa Salinas Ruiz, publicado pela revista *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, em outubro-dezembro de 2017, analisou a temática da transexualidade na obra *Sérgio Y. vai à América*, de Porto, tendo como objetivo entender a própria composição do texto literário e os conflitos suscitados, sejam eles individuais ou coletivos, na busca pelo pertencimento e pela conquista da felicidade.

O estudo *Entre metáforas e epifanias: a (trans)formação de identidades em Sérgio Y. vai a América*, da autoria de Lidiana de Moraes, publicado pelo *Journal of Lusophone Studies*, no ano de 2018, tem como foco a análise da legitimidade do discurso sobre a identidade sexual e a diáspora *queer* em *Sérgio Y.*, trazendo à tona questionamentos que podem despontar quanto ao tratamento que a sociedade heteronormativa oferece ao público LGBTQIAPN+, em especial aos transexuais. E por último, o artigo *A obscena identidade homoafetiva em Cloro, de Alexandre Vidal Porto: uma leitura via Materialismo Lacaniano*, de autoria de Cleber da Silva Luz, publicado na revista *Verbum*, v.10, n.1, p. 144-157 em maio de 2021, compreende as características do discurso retrospectivo, possibilitado pela condição de morto do narrador e observa como figura “o Outro” e “o *superou*” enquanto manifestação de regulamentação do gozo, sob o prisma de materialismo lacaniano.

O motivo de os trabalhos mencionados estarem sendo apresentados tem por finalidade a busca de outros autores que discutem essa temática. Nesse sentido, procuramos aprofundar o estudo para a construção das ideias no capítulo de análise, em que foram discutidas as obras *Sérgio Y. vai à América* e *Cloro* na perspectiva LGBTQIAPN+.

O diferencial que se pretende trazer é um comparativo entre as duas obras mencionadas anteriormente, sua caracterização como literatura contemporânea a partir dos aspectos refletidos por elas da realidade e como elas contribuem para a análise da memória e da identidade. Serão elencadas discussões acerca da literatura comparada, que consistem em perceber as contribuições relevantes entre as duas obras, a partir de uma observação de como ocorre o diálogo entre os romances.

A realização do presente estudo, de uma literatura comparada, possibilita, ao mesmo tempo, analisar as obras em suas aproximações e distanciamentos. São dois personagens distintos: de um lado um médico que não se desligou de seu paciente e, de outro, um homem que faz uma autoanálise póstuma.

No intuito de conhecer um pouco mais sobre esse autor, será feito uso de uma entrevista realizada recentemente no ano de 2020, por Joelma Santana Siqueira (Universidade Federal de Viçosa) e Vivaldo Andrade dos Santos (Georgetown University) com Alexandre Vidal Porto, para a revista *Gláuks: Revista de Letras e Artes*. Inicialmente, o escritor foi questionado a respeito sobre como é escrever e publicar literatura no Brasil.

Conforme Alexandre Vidal Porto, é muito sacrificante em nosso país escrever e publicar literatura, principalmente por razões financeiras, sendo que poucos se destacam e, para a maioria das pessoas, não é possível viver da literatura nem se dedicar exclusivamente a ela. O autor ressalta que o escritor brasileiro precisa muitas vezes assumir outras atividades, dentre elas: jornalista, funcionário público, tradutor, professor, e / ou depender de amigos e familiares.

Mesmo em países mais desenvolvidos e com mercados mais sólidos no que tange à leitura, poucos são os escritores que conseguem se manter apenas com a escrita, contudo “nunca se publicou tanto no Brasil como recentemente com a popularização das plataformas digitais”, segundo *Gláuks* (2020, p. 161).

Sobre a diferenciação da recepção de sua obra no Brasil e no exterior, o autor confirma essa diferença, ressaltando que, no Brasil, possui uma maior aceitação, ainda mais porque suas três obras possuem uma versão em português. Outro ponto que ele destaca é o fato de, nos Estados Unidos, existir um certo preconceito que limita o alcance da obra referente à tradução, sendo assim, o mercado para esse tipo de obra é pequeno e a competição enorme. No entanto, o acesso é o principal desafio para se publicar no exterior.

Por fim, questionado se a sua literatura buscava responder a alguma urgência na atualidade a respeito da realidade social brasileira, Porto afirma que não possui essa preocupação. Todavia, pelo fato de ser brasileiro e a maioria de seus personagens serem brasileiros também, surgem naturalmente algumas respostas, contudo, essas “urgências” acabam se tornando cotidiano no qual esses personagens vivem, acabam transparecendo na literatura, ou seja, respigam em questões sociais, tais como: desigualdade, discriminação, preconceito e minorias.

De Moraes (2018) elogia Alexandre Vidal Porto pela à sutileza e delicadeza em tratar a temática da homossexualidade, ainda tão cara aos nossos dias. Destaca principalmente a obra *Sergio Y. vai à América*, por usar um “olhar heteronormativo sobre um tema que transcende as barreiras impostas pelo conservadorismo”,

Moraes (2018) ressalta que não existe uma característica *queer*, revolucionária ou vanguardista na maneira como o escritor discorre sobre Sergio, uma pessoa transgênero. Mesmo a leitura sendo prazerosa, o autor precisa ser questionado sobre a forma como traz esses temas, dando voz apenas a um lado da discussão. Porto utiliza suas técnicas de contar histórias inspiradas no cinema, as quais se sobrepõem e se misturam harmoniosamente com as melhores narrativas de suspense: espaço e tempo tornam-se componentes fundamentais de suas histórias. Sendo um homem do século XXI, e como morou em grandes metrópoles, conhece, entende e aprecia as facetas desses lugares e seus romances têm o ritmo e a multiplicidade de tais cidades.

Nesse estudo, queremos frisar que os romances contemporâneos de Alexandre Vidal Porto tocam no quesito da necessidade de recordar as memórias dos protagonistas, mesmo que haja a necessidade de evocar lembranças dolorosas, mas que, ao mesmo tempo, são libertadoras.

Sobre a primeira obra, *Sérgio Y. vai à América*, ela se caracteriza por ser um romance contemporâneo. Nessa história, o narrador personagem, doutor Armando, psiquiatra bem sucedido e convicto de sua excelência profissional, conduz o leitor a uma reflexão sobre o comportamento humano por meio do convívio que teve com um de seus pacientes.

Sergio Y. inicia terapia com Armando mostrando-se um rapaz bastante seguro e provocando dúvidas sobre suas necessidades de estar ali na clínica. O jovem guarda com bastante respeito as lembranças de seu avô que viera refugiado para o Brasil e constrói uma carreira consolidada, o que possibilitou a Sergio nascer em uma família bem-sucedida.

Durante o recesso do fim de ano, Sergio viaja para o exterior e, ao retornar, decide voluntariamente finalizar as terapias, decisão que deixa seu terapeuta sem entender o motivo pelo qual resolveu finalizar suas sessões.

A partir do que foi exposto, destaca-se o que traz Drey (2017), quando trata da literatura contemporânea. Esta não pode fugir de temas que tenham relação com a sociedade moderna. E o romance *Sérgio Y. vai à América* se insere nessa conjuntura, principalmente quando se propõe a relatar a história do psiquiatra Armando, que traz em sua memória um caso antigo de seu paciente que foi assassinado e, no entanto, considerou inconclusivo, após várias descobertas que fez. A obra se caracteriza como tal, pois em algumas situações apresenta um teor

com o social, pois trata de questões relacionadas ao exílio, à identidade de gênero, à felicidade, à identidade LGBTQIAPN+, às narrativas que correspondem ao século XXI.

Para Drey (2017), a citada obra traz vários pontos que são cruciais para o desenrolar do enredo, desde a capa, na qual inicia-se pela exteriorização do nome Sergio e a proteção de sua identidade a partir da utilização do “Y” como sobrenome, e que, ao mesmo tempo, indiretamente, faz referência aos cromossomos sexuais e à transexualidade, discutida na obra.

No que tange à questão da transexualidade, Drey (2017, p. 285) afirma que a narrativa se encaixa no conceito de um novo realismo quando se volta para essa temática, “na medida em que não se perde na proposta do realismo tradicional e ingênuo em busca da ilusão de realidade nem em um realismo propriamente representativo”. Essa autora reforça sua análise, trazendo a repercussão do Projeto de Lei de Identidade de Gênero, que estabelece que qualquer pessoa pode requisitar em sua certidão de nascimento mudança de sexo e nome, assim como essa temática ainda é deturpada no país e alimenta discursos intolerantes.

Drey (2017) acrescenta que Alexandre Vidal Porto, conhecedor dessa realidade, coloca seu personagem Sergio que se identifica como transexual para assumir Sandra em um outro país, no entanto, apesar de o foco de seu romance ser a transexualidade, ele coloca com objeto central a narrativa de Armando, como o personagem narrador, que discorrerá sobre todo o processo no qual Sergio/Sandra passou para se reconhecer. Conforme destaca Drey (2017):

Quer dizer, nem na obra a realidade trans pode ser lida no centro; nesse sentido, parece-me possível identificar a construção de uma dupla negação, intencionando demarcar que não basta a visibilidade, ela precisa estar acompanhada da legitimidade para que possa fazer a diferença (DREY, 2017, p. 286-287).

No entanto, Drey (2017) destaca que o novo realismo quer se expor na obra. A partir do momento que não existem atitudes transfóbicas pela via da hostilidade, a autora destaca que não se apresenta de uma forma na qual Sandra sofreria esse tipo de atitude nas ruas de São Paulo, mas se apresenta nas declarações feitas pelo seu pai e a sua mãe, que são ricos e instruídos, porém não se conformam com a

decisão referente à identidade de gênero da filha e isso fica expresso na fala deles quando afirmam que geraram uma monstrosidade.

Já a obra *Cloro* também é narrada em primeira pessoa e retoma a técnica machadiana utilizada em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. O romance conta a história de Constantino, um narrador-defunto que volta para reviver momentos importantes da sua vida. Constantino é homossexual não assumido, mas desde cedo descobriu que não seria bom ser gay, então resolveu reprimir seus desejos durante boa parte da vida. Casou-se com sua namorada de infância, teve dois filhos e passou a ter uma vida de ilusão familiar perfeita.

Constantino, após um determinado momento de sua vida, aos 50 anos, e com a trágica morte de seu filho, começou a rever sua vida, sua família e principalmente seu casamento, abrindo caminho para vários questionamentos e descobertas, inclusive com reconhecimento da sua verdadeira sexualidade que, ao longo da vida, ficou obscurecida. Para tanto, em seu novo emprego, iniciou um autoconhecimento, buscando, inicialmente, na internet, vídeos de relacionamentos entre homens, em seguida, procura por homens na internet. Foi o que se concretizou após uma viagem de trabalho a Brasília, na qual teve um encontro com um homem que conheceu pela internet. A partir daí, a sua vida começa a tomar outros rumos. Constantino conhece a vida de uma outra forma e a “família perfeita” passa a ficar para um segundo plano. É na voz de Constantino que o romance *Cloro* desperta no leitor a sensibilidade de conhecer a história de um homem reprimido e que vive um conflito íntimo ao se apaixonar por Emílio.

Em *Sergio Y. vai à América e Cloro* há forte teor testemunhal e seu lugar problemático na teoria literária, pois o fato de os romances conterem tais características propicia questões referentes ao estatuto do discurso narrativo na fronteira entre o real e a ficção. Na obra *Cloro*, quando Constantino conhece Emílio nos deparamos com essa fronteira.

Encontrei Emílio pela primeira vez no dia 5 de outubro de 2015. Sei disso porque guardei na gaveta do meu criado-mudo o convite da cerimônia em que nos conhecemos. Durante o tempo de nossa relação, aquele convite foi para mim uma espécie de retrato cifrado, um stratagem a qual eu recorreria quando queria lembrar-me de seu rosto.

[...]

É que o governo japonês tinha firmado um acordo de cooperação com o governo brasileiro e iria patrocinar projetos de capacitação e

desarmamento de policiais nas periferias de oito capitais. Para a assinatura do acordo, houve uma cerimônia na embaixada do Japão em Brasília para o qual haviam sido convidados representantes das organizações com projetos contemplados. Eu era o representante da Semprepaz. Emílio, pelo lado governamental, representava o Itamaraty. (PORTO, 2018, p.84-85)

A vida dos personagens se cruza com a vida do autor. Alexandre Vidal Porto é escritor e diplomata, como mencionado anteriormente. Foi um dos primeiros homossexuais assumidos do Ministério das Relações Exteriores, quer dizer, é funcionário público, fazendo parte do escalão do Itamaraty. Sendo assim, Porto, autor e escritor da obra, relaciona sua vida pessoal a um de seus personagens. Embora essa realidade exista, devemos ressaltar que o texto se trata de uma ficção.

Os romances aqui estudados trazem, para dentro do texto, discussões a respeito da heteronormatividade, da homossexualidade, dos estigmas e buscas sobre reconhecimento de sexualidade, transexualidade, dentre outras questões sociais.

Na seção seguinte, encaminhamos a análise de *Sérgio Y. vai a América e Cloro*. Dessa maneira, propomos empreender um estudo comparativo acerca da construção memorialística e identitária das personagens das referidas obras de Alexandre Vital Porto.

4 SÉRGIO Y. VAI A AMÉRICA E CLORO E A CONSTRUÇÃO MEMORIALÍSTICA E IDENTITÁRIA

Nesta última seção faremos análise das obras numa perspectiva comparativa, pois os textos nos permitem fazer essa comparação a partir das temáticas, que são semelhantes. Na primeira subseção abordamos a memória identitária da obra *Sérgio Y. vai à América*. Na segunda subseção, discutimos sobre a memória do defunto narrador Constantino no romance *Cloro*, e na terceira subseção, tentamos fazer uma aproximação dos dois romances, uma vez que a presença da sexualidade é de teor forte e presente nos textos.

4.1 Construindo a memória identitária de Sandra Yacoubian em *Sérgio Y. vai à América*

No primeiro capítulo de *Sérgio Y. vai à América*, Armando se apresenta, falando um pouco da sua vida. Com suas palavras, acha justo que se faça isso, uma vez que ele fala da vida dos outros. Armando é o narrador personagem da história de *Sérgio Y. vai à América* que acabou de completar setenta anos de idade. Para ele, aparenta ser mais velho, mas justifica dizendo que esse envelhecimento precoce se dá pela sua profissão, pois é Psiquiatra. Orgulha-se de ser um dos melhores médicos da cidade, pois tem seu trabalho reconhecido por todos que o contratam.

Os capítulos da obra *Sérgio Y. vai à América* são curtos, cada um aborda determinado assunto, alguns da vida do narrador e outros (maioria) da vida de Sergio/Sandra. No primeiro, “Tudo o que você precisa saber sobre mim”, fala da apresentação de Armando, de como é como pessoa e como profissional. Armando também fala um pouco de sua família, de seus pais, de suas tias, da sua viuvez e da sua única filha, Mariana. Aponta a grande importância que seus pacientes passaram a ocupar desde do momento que ficou sozinho na vida.

Mas o que interessa para essa análise é falar sobre Sergio, o paciente interessante que chegou ao consultório do Dr. Armando, procurando o caminho da felicidade. Ele foi recomendado pela diretora da escola em que estudava, pois a diretora tinha sido amiga da época de faculdade do médico. No e-mail que encaminhou ao seu amigo descreveu o aluno como “articulado, inteligente e confuso”, para ela seria um caso interessante. Armando resolveu seguir em

consideração o que foi dito. No horário correto, Sérgio chegou sem atraso ao consultório, como descrito em seguida

No entanto, às cinco em ponto, a campainha do consultório soou. Para minha surpresa e admiração, ele chegara sem atraso à consulta. Como a recepcionista havia saído mais cedo por causa da chuva, eu mesmo lhe abri a porta. Vestia jeans, tênis e uma camiseta branca com uma estampa do Mickey Mouse. Antes de me cumprimentar com um aperto de mão, apresentou-se: “Eu sou o Sergio Y., vim recomendado pela professora Heloisa Andrade, do Colégio Rousseau. Tudo bem? Reconheci o sobrenome e deduzi que ele fosse filho de quem era mesmo. Conhecia seu pai de nome. À época, porém, não sabia que seu cabelo negro e liso era como o de sua mãe. No consultório, esperou que eu o convidasse a sentar. À minha frente, de forma muito desenvolta, tomou a iniciativa da conversa. Falou que havia pedido à diretora de sua escola uma recomendação de terapia porque “queria garantir um futuro minimamente feliz”. “Eu sou pessimista”, me disse. (PORTO, 2014, p. 22)

Devemos ressaltar que Sergio contava com todos os elementos para ter uma vida feliz: tinha saúde, era bonito, tinha situação financeira boa, gostava de estudar e seus pais sempre foram compreensivos e bons com ele. Só tinha um problema: não se sentia feliz, quando tinha oportunidade dizia que “a minha natureza é deprimente. Sempre foi, não consigo escapar dela” (PORTO, 2014, p. 23). Mas de que natureza Sergio estava falando? Por que não era feliz, já que tinha todos os motivos para isso, “família perfeita, dinheiro e saúde”? Será que tudo isso não é o bastante para um jovem de dezessete anos ser feliz?

Já ouvimos muito essa expressão na vida. Talvez Armando não, por não fazer parte da comunidade LGBTQIAPN+. Mas todos e todas que fazem parte da comunidade ouviram uma vez ou outra o nome “natureza”, relacionado a orientação sexual. Pensando dessa forma, imaginamos essa natureza como algo imutável, o que não é bem o caso, pois se formos pensar no termo natureza, ela se transforma a todo instante. E foi com essa transformação que apareceu Sandra.

O certo é que Armando realmente achou o caso de Sergio Y. interessante, como sugerido por sua amiga da época de faculdade. Para o psiquiatra, Sergio procurava uma independência da família e de poucas pessoas que o conheciam, como havia dito ao seu terapeuta, era um jovem sem amizades e isso não o deixava solitário e nem infeliz. Contudo, ainda não tinha despertado um desejo vocacional, deixando seus pais preocupados. Sergio confessou, em suas terapias, uma

admiração por uma colega de sala “[...] às vezes, mencionava uma colega de escola chamada Sandra [...] contou-me que ‘admirava sua maneira de ser.’” (PORTO, 2014, p.28). Nesse ponto já nos remete para o nome adotado por ele quando mudou de gênero e de país para poder se aceitar e se fazer aceito pela sociedade sem chamar atenção por sua transformação e mudança de gênero.

Para Armando, as sessões mais interessantes era quando Sergio mencionava seu avô Areg Yacoubian. Seu avô sempre foi uma referência em sua vida, por tudo que conquistou, deixando um patrimônio que se estendia por todo o Brasil ao morrer. Sergio tem lembranças do último aniversário de Areg, que aconteceu em Belém, onde toda família estava presente. Essas lembranças fazem Sergio lembrar o discurso do seu avô.

Tenho orgulho de ter tido coragem de sair da Armênia para buscar minha felicidade, de ter encontrado e de ter garantido a continuidade do nome de minha família. A família que perdi em Erzerum eu recomecei aqui em Belém.

[...]

Se eu tivesse me conformado e ficado na minha cidade, no lugar onde nasci, o nosso nome nem existiria mais. Não haveria Areg, não haveria Hagop, não haveria Elias, não haveria Salomão, nem Sergio nem José. Não haveria ninguém. O nosso nome teria desaparecido. Nenhum Yacoubian estaria aqui.

Por isso, a mensagem que eu gostaria de deixar aos mais novos é que acreditem que a felicidade existe. Vão atrás dela, mesmo que para isso vocês tenham de fazer uma coisa nova, que nunca imaginaram fazer. A felicidade vem da coragem de fazer algo novo. A felicidade existe. Eu sou a prova viva disso (PORTO, 2014, p. 40).

O discurso era como um tipo de talismã para ele, no qual dizia assim: “[...] se a felicidade não está onde estamos, temos que ir atrás dela. Ela às vezes mora longe. Tem de ter a coragem para ser feliz” (PORTO, 2014, p.28). E foram essas palavras que fizeram Sergio ir embora do Brasil, assim como seu avô foi embora da Armênia.

Antes dessa decisão, só houve uma vez que Armando suspendeu a sessões de Sergio, foi no final de ano, quando ele resolveu viajar de férias com seus pais, para Nova York, o que não deixou seu terapeuta surpreso, já que algumas vezes tocou no nome da cidade, era a cidade de que mais gostava. Armando sugeriu a Sergio alguns passeios, pois havia morado lá. Ao retornar às sessões de terapia, Sergio deu a Armando um livro de capa dura e uma pequena gravura emoldurada.

Na sessão conseqüente, Sergio criou coragem e resolveu contar a Armando o que tinha decidido.

[...] Sergio preferiu não se deitar no divã. Pediu para se sentar na poltrona em frente à minha escrivaninha, no mesmo lugar em que tinha se sentado a primeira vez em que viera me ver. Calmamente, olhando-me nos olhos, disse-me que já não queria se tratar comigo. Foram estas as suas palavras, sentado diante de mim, com as chaves do carro nas mãos: Dr. Armando, acho que descobri uma maneira de ser feliz. Tive uma revelação numa de nossas conversas e acho que já sei como encaminhar a minha vida. Sinto que já não preciso voltar aqui. Desculpa-me não ter dito nada antes, mas eu não sabia. Obrigado por tudo". (PORTO, 2014, p.45-46)

Armando ficou muito abalado com toda essa situação. Como Sergio pode ter rompido bruscamente suas terapias? Apesar de ele ter grande admiração por Sergio, o achar inteligente, saber usar bem as palavras, admirava-o como ser humano, essa decisão o entristeceu, deixando-o várias noites sem dormir. Inclusive, fez comparações desse abandono como um passageiro de ônibus, no qual estivesse indo ao determinado local, mas que do nada, levantou da poltrona, foi até o motorista, pagou e desceu no meio da estrada. Mas aos poucos Armando foi tentando apagar Sergio de suas lembranças, mesmo que não totalmente. Este paciente havia conquistado não o terapeuta, mas o homem que passou a admirar outro homem como pessoa, e a desenvolver por ele um verdadeiro sentimento de amizade que transpassa a relação paciente/ terapeuta.

Depois de quase quatro anos, Armando teve notícias de Sergio, ao encontrar sua mãe em um balcão de um supermercado comprando queijos. Soube que Sergio estava muito feliz, fazendo faculdade de gastronomia e que seu pai iria colocar um pequeno restaurante para começar seu negócio. Teresa Yacobian agradeceu Dr. Armando pelo seu trabalho, principalmente por ter ajudado Sergio Y. naquela ocasião. Dr. Armando ficou muito satisfeito com esse encontro e a partir daquele momento seu paciente entrou para o rol de clientes satisfeitos do grande Psiquiatra.

Dr. Armando tinha costume de ler seu jornal todas as manhãs. Percebendo que o jornal sempre sujava seus dedos, procurou comprar luvas e com o avanço da tecnologia passou a usar mais o computador para ler as notícias que aconteciam no Brasil e no mundo. A primeira vez que uma notícia o pegou de surpresa foi o atentado do dia onze de setembro de dois mil e um, deixando-o sem dormir e sem

conseguir digerir seus pensamentos. A segunda vez que isso aconteceu foi em fevereiro de dois mil e onze, quando leu a seguinte notícia:

Na manhã da última quinta-feira, a polícia de Nova York encontrou o corpo de Sergio Yacoubian, filho do empresário salamão Yacoubian. Sergio tinha vinte e três anos e vivia em Manhattan, onde era dona de um restaurante. O brasileiro caiu do quarto andar de sua casa no bairro do West Village. A polícia acredita que possa ter sido vítima de homicídio, embora não haja ainda indicação de suspeitos. Procurada pela reportagem de São Paulo, a família não quis dar declarações. (PORTO, 2014, p.59)

Armando demorou um pouco para fazer a ligação de seu antigo paciente a esse crime noticiado, mas logo sua ficha foi caindo, ficou espantado, claro que seu primeiro sentimento foi negar que isso teria acontecido. Até ele mesmo pensou que poderia se tratar de um homônimo, pois há pouco tempo a mãe de Sergio tinha dito que ele estava feliz em Nova York. Com o passar do tempo, Armando leu uma nota no jornal dizendo que os pais comunicavam o falecimento de seu único filho e, que convidavam a todos para uma missa em intenção de sua alma. Armando foi até a missa, desejou seus sentimentos aos pais de Sergio. Mesmo com todo esse doloroso momento, não saía da cabeça de Armando os motivos que levaram a esse assassinato. Passou a ter vários pesadelos em relação à morte de Sergio.

O médico resolveu investigar o assassinato de seu ex-paciente, então telefonou para seu primo que morava nos estados Unidos, dois dias depois ele retornou à ligação dizendo que não encontrou absolutamente nada que revelasse sobre o crime, mas que tinha apenas uma coincidência que pudesse desvendar essa morte, era a morte de uma mulher com o mesmo sobrenome, com as mesmas referências, dizia: “Sandra Yacoubian, nascida em São Paulo, Brasil, em 10 de janeiro de 1988, fora encontrada pela diarista brasileira Edna Alves, morta, de bruços, numa poça do seu sangue [...]” (PORTO, 2014, p. 65). Armando ficou surpreso, pois descobrira que Sergio e Sandra era a mesma pessoa. Ele resolveu buscar informações, então, foi até seus registros conferir o que tinha acontecido durante as sessões de terapia de Sergio.

Passei toda uma tarde sentado relendo as notas. Muitas me pareciam desconexas. Em cinco anos, a memória apaga e seleciona. Tinha de aceitar que muitas das palavras e ilações que anotara sobre Sergio já não faziam sentido algum para mim. Nem sequer lembrava

a que se referiam. O que havia eram frases soltas e palavras sublinhadas. Em nenhum lugar no caderno havia menção às palavras “transexual” ou “transexualidade”, coisa lamentável para um médico do quilate que eu julgava ser. (PORTO, 2014, p.67)

Tudo o que o médico percebeu era que essa condição de infelicidade estava ligada à imigração, mudar de um lugar para outro, buscar a felicidade em outro ambiente, assim como fez seu avô. Para ele, Areg era fruto da coragem. A verdadeira identidade de Sergio acabava de ser revelada e Armando ainda não conseguia entender essa enorme falha profissional, segundo ele. Contudo, o terapeuta passou a se culpar com a morte de Sergio Y. ou melhor dizendo, Sandra Yacoubian. Em um ato de impulsividade, ligou para Tereza Yacoubian, para saber de detalhes sobre essa tragédia, mas a mãe de Sergio ainda não tinha condições de falar sobre o assunto naquele momento e, como forma de ajudar Armando, repassou a ele o endereço eletrônico de e-mail da médica de Sergio que vivia em Nova York.

Quatro dias antes de ir para os Estados Unidos, a convite da formatura de sua filha, Armando resolveu enviar um e-mail a Cecília Coutts, dizendo que gostaria de alguns minutos com ela, para falar de um paciente que tiveram em comum. Obviamente não esperava um retorno com sucesso, mas aconteceu tudo ao contrário, a médica marcou dia e horário, o que deixou Armando ansioso e surpreso. Então, aproveitou sua ida para os Estados Unidos, no intuito de prestigiar a formatura de filha, o que ele chamou “coisas que a gente faz por amor”, como também para entender o que tinha acontecido com Sergio.

Durante sua estadia em Nova York, foi a quase todos os eventos de sua filha, exceto ao baile, os dois entraram em comum acordo que não seria interessante a Armando. Sentiu-se mais à vontade para ir ao encontro de Cecília Coutts. Gostou muito da aparência de sua anfitriã e resolveu ouvir atentamente tudo o que lhe dizia. Começou falando “Sandra sempre falava do senhor. É um grande prazer conhecê-lo. O senhor é um dos meus heróis” (PORTO, 2014, p. 104). Armando disfarçou em relação a mudança de nome do seu ex. paciente, tentando se acostumar e superar. Cecília continuou dizendo que “Sandra era um caso inequívoco de disforia sexual” (PORTO, 2014, p. 104).

[...] Já na primeira consulta identificou-se como transexual e declarou-se disposta a iniciar o processo de adequação sexual. ‘Ela me dizia que não queria perder mais tempo’.

Sandra lhe contara que, aos doze anos, ao ler um artigo sobre transexualidade em uma revista, deu-se conta de que poderia ser transexual. Foi assim que identificara o que sentia em relação ao próprio corpo.

'Ela tentou falar com os pais, mas eles ficaram constrangidos. Sandra reconheceu o constrangimento que causara. Decidiu que, daquele dia em diante, não tocaria mais no assunto. Tereza e Salamão tampouco voltaram a mencionar a questão. Foi o que ela me contou. Talvez tenha pensado que o tempo mataria esse sentimento. Pode ter achado que conseguiria se render ao que esperava dela. Poderia, da mesma forma, ter se suicidado. Mas nada disso aconteceu. O exemplo de Angelus deu a Sandra um sentido de possibilidade existencial que a vida de Sérgio nunca havia tido. Esse sentido de possibilidade só chegou a ela graças ao senhor', disse. (PORTO, 2014, p.104-105)

Armando não queria confessar a sua derrota diante de uma mulher tão exuberante e sábia. Para ele, tudo o que estava contando era novidade, mas tinha que ficar calado e continuar ouvindo. Afinal de contas, Cecília Coutts sabia mais de Sandra do que qualquer outra pessoa. A médica explicou a Armando que os aspectos psicológicos de Sandra pareciam estabilizados. Ela fez algumas sessões de avaliação, depois passaram para terapia hormonal e por fim, a cirurgia de adequação.

O certo é que Sandra consegue romper as barreiras do preconceito, no momento que sai de um país para outro, onde ninguém a conhece, podendo fazer seu processo de adequação mais tranquila. Isso só possível por conta do exemplo que teve do seu bisavô, Areg Yacoubian. Como dito anteriormente, seguia seus ensinamentos como algo precioso e que, assim como ele, poderia ser feliz. Esse processo de migração a beneficiou e soube lidar com a situação, como descreve Cecília Coutts.

[...] Minha opinião é que Sandra conseguiu escapar muito bem do machismo e do preconceito nas cozinhas que trabalhou. O preconceito que sua transexualidade poderia enfrentar era neutralizado pelo apoio entusiasmado de seus professores junto aos chefs de restaurante. Sandra chegava cedo, saía tarde e trabalhou duro. Não teve problemas. No final, o fato de ela ser transexual significava apenas evidencia adicional de sua singularidade. Era apenas uma das tantas coisas raras que ela era. Funcionava quase como uma vantagem relativa. (PORTO, 2014, p.106)

Cecília Coutts, não cansava de elogiar o bom trabalho feito pelo Dr. Armando, junto a Sandra Yacoubian. Armando fingia que entendia tudo que a médica falava,

para não parecer ignorante e que não sabia da transexualidade de sua ex-paciente. Uma palavra chamou atenção do doutor, o nome do restaurante, que se chamava Angelus. Para parecer seguro diante dela, ele confirmou que sabia sobre o nome 'Angelus'. Segundo Cecília, “'Angelus' era em homenagem ao título do livro que você lhe fez chegar às mãos. Ao que lhe causou a epifania mais importante da sua vida” (PORTO, 2014, p. 107).

Inconformado com sua própria atitude, Dr. Armando escreve um e-mail para Cecília Coutts, avisando-a que não tinha sido honesto no seu primeiro encontro, disse que tinha algo importante ao revelar e pediu que o recebesse mais uma vez. Ela respondeu seu e-mail confirmando o encontro, antes mesmo que o médico pudesse retornar ao Brasil, e ele lhe revelou que não sabia sobre a transexualidade de Sandra, que se sentia mal, por ser um médico do seu gabarito e nunca ter percebido sobre isso. Cecília o acalmou, falou que não são só coisas ruins que fazemos sem perceber, também fazemos coisas boas. “Foi por suas mãos que ela tomou conhecimento de que poderia ser mais feliz do que era em São Paulo. O seu papel não foi encaminhá-la para a morte. Ao contrário, Armando, você a encaminhou para a vida” (PORTO, 2014, p. 113).

A história de “Angelus” se encaixa com a de Areg, por isso Sergio não teve dúvidas, apenas se confirmou aquilo que já tinha vontade de fazer. Para Armando, “é que a história de Adriana se coincide com a de Sérgio Y., a de Angelus deveria coincidir com a de Sandra [...] foi em Nova York que Adriana e Sergio conseguiram renascer” (PORTO, 2014, p. 137).

O narrador do texto pode tudo, inclusive criar falas que não existiram na história, mas a sua imaginação vai muito além. Sabemos que tudo o que é dito parte de sua concepção, do seu ponto de vista. Nessa perspectiva, Dr. Armando, personagem e narrador, usa sua imaginação para criar um capítulo da história que não aconteceu, chamado “O que Sergio Y. teria dito se não tivesse caído da Janela e quebrado o pescoço”.

Eu teria ido ao seu restaurante de calça, camiseta social e blazer sem gravata. Iria sozinho, numa das noites em que Mariana tivesse programa com seus colegas da faculdade.

Sandra apareceria vestida de chefe, com um dólma e uma touca para conter os cabelos compridos. Por cima, um chapéu de chef de cozinha, desses que a gente vê nos programas de televisão.

Depois de cumprimentá-la lhe perguntaria: “Onde está Sergio? Você sabe o que aconteceu com Sergio?”

Sandra daria um sorriso e me diria:

“Sergio e eu trocamos de lugar, dr. Armando. Eu também ia ao seu consultório. Mas o senhor não me via. Quem falava por Sergio era eu. Aquela voz grossa era minha. Agora, sou eu, Sandra, quem de nossa pessoa é visível. Minha pena de prisão perpétua foi suspensa. Sérgio continua a existir, mas ele está dentro de mim, oculto, no passado.

“Fiquei contente quando minha mãe me disse que o tinha encontrado no supermercado. Sempre quis vê-lo. Sempre quis contar-lhe meu segredo.

“Nunca falei da minha transexualidade com o senhor porque, na verdade, nunca tive ocasião. Falávamos de tantas outras coisas...

“No começo, eu esperava que o senhor me confrontasse a respeito. Mas, como isso nunca aconteceu, e, ainda assim, eu aproveitava e aprendia com as nossas sessões, continuava o tratamento. Não tinha nada a perder. Nem tudo na vida é identidade sexual. Certo? (PORTO, 2014, p.146)

Como percebemos, a identidade sexual de Sandra, como dito por Cecília Coutts anteriormente, era “apenas uma evidencia adicional de sua singularidade”. A maioria das sexualidades é invisível aos olhos da sociedade. Quase sempre está na sua frente, mas você não consegue enxergar. Na primeira sessão de terapia que Sergio fez com Dr. Armando, ficou nítido e claro, quando ele disse que sua natureza era deprimente, não por que não aceitava sua condição de ser, mas porque sabia dos preconceitos que existiam e de sua voz que era velada em seu seio familiar. As vezes que tentou contar as seus pais e viu que ficavam constrangidos, desistiu. Sergio precisava lidar com a situação de maneira cautelosa e foi assim que aconteceu, procurando entender cada passo que dava em direção a sua liberdade.

Ainda buscando respostas para o caso do seu ex-paciente, o psiquiatra resolveu enviar uma carta ao pai de Sergio pedindo uma entrevista com a justificativa de um estudo clínico. Mesmo achando estranho aquele pedido, Salamão Yacoubian resolveu ceder ao pedido. Falou de sua resistência sobre a nova identidade de Sergio, mas também ponderou e acolheu o filho como sempre fez. Podemos ver em sua fala:

“Eu gerei duas monstruosidades: um anencéfalo e um transexual. [...] Foi duro ouvir do meu único filho que ele era uma mulher, que queria ir para Nova York porque lá poderia viver como mulher, fazer uma operação de troca de sexo, mudar de nome, ser quem ele achava que era. [...] Demorei para entender a natureza do que Sergio sentia, mas não rejeitei ninguém. Dei todo o apoio que pude. Lamentei por

ele e por mim. Eu não teria netos. Ele não me sucederia nos negócios. [...] A morte de Sergio foi uma grande – a maior – perda que eu tive na vida, mas eu tenho que continuar vivendo. Ele foi feliz, e isso me tranquiliza, me dá paz.” (PORTO, 2014, p.155-158)

Sabendo do encontro de Salamão com Armando, Tereza Yacobian faz um convite a Armando, que o próprio narrador titula “Recado disfarçado de convite”. Durante o encontro, ela tenta deixar o médico tranquilo, embora participasse da mesma ideia de Salamão, do sentimento de fracasso, achando que gerava coisas imperfeitas, afirmando até que seu ventre não era saudável. Tereza tinha uma coisa para deixar claro a Armando, era que Sergio foi feliz, então fez tudo aquilo que estava ao seu alcance, se não fosse assim, não saberia como ia dar seguimento a sua vida. Isso foi o seu conforto. Portanto, se era o conforto dos pais, que foram os que mais sofreram nessa ocasião, pela perda da filha, Armando teria todo o motivo para ficar sereno, calmo.

Ao visitar a assassina de Sandra na prisão, Armando tentou ouvir e entender o que lhe disse Laurie Clay. Segundo o narrador, só pode interpretar o que ela contou, pois não falava língua portuguesa, apenas inglês. Apesar de ser óbvio sobre o crime, relatou sobre um cogumelo que tinha costume de ingerir e foi para casa. Sua chegada coincidiu com sua vizinha Sandra Yacobian, eram também colegas do tempo de faculdade, e ao chegar em casa, Sandra a convidou para subir e tomar uma taça de champanhe, para comemorar a matéria que o New York Times ia fazer de seu restaurante, então, resolveu acompanhá-la, não viu nenhum problema, mas o princípio ativo do cogumelo é a psilocibina, que misturado com a bebida pode trazer consequências graves, foi isso que aconteceu. Laurie começou a ter alucinações, de repente viu Sandra ser agressiva e ameaçadora, acabou empurrando-a junto de uma cadeira, com toda força. Para Laurie Clay “dói saber que eu matei estupidamente uma pessoa feliz, que faria coisas boas pelo mundo. Eu roubei alegria. Subtraí felicidade do planeta. Terei de compensar esse roubo” (PORTO, 2014, p. 165).

A identidade de Sergio/Sandra foi construída a partir de relatos memorialísticos de um narrador personagem. Já nos últimos anos de sua vida, esse narrador se coloca como um aprendiz que, mesmo depois de erguer uma vida baseada no sucesso financeiro e profissional, ainda teve muito que aprender e continuar aprendendo.

Partimos agora para a construção memorialística e identitária do personagem Constantino no romance *Cloro*, a fim de entender como se deu esse processo de testemunhar sua própria vida depois de morto.

4.2 Construindo a memória identitária de Constantino em *Cloro*

No romance *Cloro*, de Alexandre Vidal Porto, assim como em *Sergio Y. vai a América*, temos um narrador personagem. Só que, diferentemente, em *Cloro* encontramos um defunto narrador personagem. Constantino volta para contar sua história. O curioso é que ele mesmo dá voz aos demais personagens, como uma espécie de testemunho. O livro está dividido em duas partes e capítulos curtos. A primeira parte: Eu, a segunda parte: os outros.

Constantino, começa contando sua história um dia depois de sua morte, “Morri ontem de manhã” (PORTO, 2018, p. 11). Para o narrador, o único movimento são seus próprios pensamentos e para quem vê você morrer o que vale é o último momento. É através desses pensamentos que pretende analisar sua vida, precisou morrer para se libertar de uma prisão. Não vale a pena fugir a vida toda aquilo que você não é, foi o que disse.

Tem gente que passa a vida toda fugindo de uma coisa sem compreender que não existe fuga possível, que não adianta lutar, que não adianta ter controle. Foi o que aconteceu comigo, e, antes que minha memória se apague, preciso entender como gastei minha vida.

Quero me distanciar de mim mesmo e me analisar como se eu fosse outro – como nunca fiz. Mostrei minhas fraquezas e avaliarei os meus limites. Terei de ser capaz de fazer minha defesa, no caso de um possível juízo final. (PORTO, 2018, p. 12)

Para Constantino, que viveu cinquenta e um anos de vida, ele precisava avaliar como os gastou. O que está por trás da morte de Constantino é a descoberta e libertação da sua própria identidade, quando ele exemplifica uma história de cinema, com uma queda de avião, na qual uma mulher sofreu um grave acidente de avião com seu marido, o marido morreu na hora, ela sofreu graves ferimentos, mas foi socorrida pelo amante, que a escondeu em uma caverna, e tentou buscar ajuda em uma cidade própria, sem sucesso, o que fez sua amante morrer. Do lado de seu corpo foi encontrado um caderno que dizia: “Nós morremos” (PORTO, 2018, p. 13),

escrito três vezes. Remeteu à ideia de que, a partir daquilo que foi escrito, a mulher estaria revelando sua verdadeira identidade.

No capítulo “A identificação do corpo”, Constantino se apresenta apenas pelo primeiro nome, no intuito de facilitar a identificação de seu corpo morto. Ele é um homem branco, alto, quase cem quilos, que morreu de acidente vascular cerebral. Pai de André e Léa e casado com sua amiga de infância Débora. Tinha um irmão, sua mãe se chamava Ana Amélia e seu pai Pedro. Apesar de não ser religioso, tem afinidade com os sentimentos cristãos. Então, usa sua imaginação, se aparecer algum santo ou divindade e fizesse algum questionamento sobre sua história, o que iria lhes dizer.

Como morto, aqui neste limbo, meu presente é escuro e estanque. Meu futuro inexistente. Minha realidade é esta. A única coisa que me sobrou foi a memória de certos momentos de minha existência acabada. Que esses momentos definidores de mim me cheguem espontaneamente, e que a lembrança do que foi mais importante em minha vida se impunha. Sinto-me como o artista louco que preparou o roteiro de sua apresentação a Deus. A diferença é que não sou nem louco e nem artista e ignoro tudo o que acontece comigo nesta dimensão. Terei que falar de mim, e você saberá coisas que eu não gostaria que ninguém soubesse. Mas não faz sentido mentir. Morto, tenho de ser honesto. Um cadáver encontrado nas condições em que foi o meu perde todo direito à privacidade. (PORTO, 2018, p.15)

A vida de Constantino não foi diferente da vida de outros que, assim como ele, sofreu *bullying* na escola. Um colega do tempo de escola, chamado Marcos Bauer, o ridicularizava, ria dele, arremedava seus gestos, o chamava de “bicha”, a partir do que Constantino pensou até em se matar. Ele tinha apenas oito anos de idade. Isso ecoou em toda sua vida, ao passo que ia crescendo e se tornando um adulto. Com tudo isso, Constantino passou a se preocupar em ser mais masculino, controlava todos seus gestos, maneira de ser e andar. A palavra “bicha”, durante muitos anos, foi um termo pejorativo.

Assim como todo homossexual, Constantino não foi diferente. Desde criança e adolescente teve que provar para família e para a sociedade que se enquadrava no modelo heterossexual, para não ser discriminado e sofrer preconceitos. Ainda nos anos iniciais da escola, conheceu Anna, a quem pediu em namoro, como esclarece:

Era um namoro prosaico e platônico, que tinha o nome de namoro, mas o corpo ou os hormônios e pouco modificava minhas atividades

rotineiras. No entanto, me dava proteção social de que eu precisava contra os tipos como o Marcos Bauer ou meu tio Carlos, que todas as vezes me via, perguntava: “E aí, Tino, já desencantou? Já arranjou namorada? (PORTO, 2018, p.21)

Como a mãe de Constantino já sabia do que se passava com filho, tinha ansiedade para responder todas as perguntas. Mas isso incomodava muito Constantino, era muito constrangedor esses tipos de pergunta, nos parece até um clássico, de quando se é homossexual. Mas também o que acontecera com Constantino dava a possibilidade de esconder ou deixar para trás a antiga identidade, percebida por Marcos Bauer.

Aos 15 anos de idade, Constantino conhece a mulher de sua vida, Débora. Era uma mulher alta, seus cabelos eram castanhos, a pele era pintada de sardas, isso encantou Constantino. Constantino tinha um irmão mais velho que lhe servia como exemplo, então, tinha que seguir seus passos. Como George foi primeiro a casar, ele logo saberia que casaria também, afinal, Débora era a maior interessada.

Débora tinha um irmão chamado Sílvio, que pouco tinha contato com Constantino, a única questão que os ligava era o time de futebol, Palmeiras. Suas conversas eram apenas o essencial, não tinham assuntos. Em um feriado de Carnaval a família de Débora viajou para a casa de seus avós, Constantino foi junto, ficava hospedado no mesmo quarto de Sílvio, era chamado o “quarto dos rapazes”. Sílvio muitas vezes ficava sem roupa, passeando pelo quarto, e aquela cena atraía os desejos homossexuais de Constantino.

A nudez de Sílvio despertava meu interesse. Nunca tive coragem de encará-la. Ainda assim, a conhecia de cor. Seria capaz de descrever o corpo peludo do meu cunhado, visto da cama de cima do beliche, ou pela fresta da porta do banheiro. Tenho uma coleção de imagens mentais dele que colhi, toda vez que pude, durante nossa convivência no quarto dos rapazes. Acho que Sílvio nunca percebeu minha curiosidade. (PORTO, 2018, p.34-35)

Sendo assim, Constantino se deixou crescer em meio a mentiras que ele inventava e sustentava. Achava que já havia superado as piadas de seu colega de turma quando era adolescente. Sempre refletia sobre a situação. Será que teria escolha ou uma outra opção? Mas agora, é como falou anteriormente, não faz mais sentido não ser honesto.

Falando em honestidade, a história da morte de seu filho André, foi o maior desafio para Constantino e sua esposa continuarem vivendo. Para Constantino, apesar da morte ter sido algo cruel, ao mesmo tempo foi algo que precisou acontecer, para somente assim ele viver a vida de verdade, coisa que o mesmo disse nunca ter feito. Com a terrível morte de seu filho e como se procedeu, ficaram muitas indagações, como: “Será que a culpa foi de eu ter sido quem fui? Será que era uma maldição pessoal inescapável?” (PORTO, 2018, p. 51). Mas a morte de André nunca foi desvendada, principalmente dada as circunstâncias em que aconteceu.

[...] Meu filho tinha as mãos atadas para trás com fio de náilon, os olhos vendados com esparadrapo e um pedaço de toalha enfiado na boca. Foi abatido – “abatido” foi o termo que o policial usou – com dois tiros na nuca.

A notícia pôs fim à agonia da busca e marcou o início de um período de dor interminável. Seu cadáver havia sido levado para o Instituto Médico Legal mais próximo, na cidade de Registro, a oitenta quilômetros de distância, meu cunhado Sílvio foi comigo. Lá reconheci, com os dois tiros que entravam pela nuca e saíram pela testa. Ao lado de seu corpo, num saco plástico, as balas que o mataram, amassadas. Vê-lo esfacelado foi como vê-lo pela primeira vez. Senti uma espécie de amor definitivo. (PORTO, 2018, p.52)

Após a morte de André, Constantino percebeu que a vida se findava. Débora ficara sobrevivendo, não conseguia mais se alimentar, nem ao menos fazer coisas básicas, como tomar banho. Mesmo tomando os antidepressivos, vivia catatônica. Entretanto, para o pai de André, apesar de sentir a maior dor do mundo com a perda, a morte de André acabou abrindo portas para o mundo real, o que ele considerou de uma forma positiva, se é que existe algo positivo com a morte de um filho, como ele mesmo falou.

Constantino, em um dia qualquer, encontrou Alberto Sperafico no aeroporto de Brasília, amigo de seu irmão, que acenou para ele e depois começaram a conversar na fila para entrar na aeronave. Trocaram cartões e marcaram de se ver. Alberto fundou uma organização não governamental, Semprepaz, para combater a violência urbana, pois, assim como Constantino, ele também perdeu um filho de forma violenta. Desta forma, Alberto convidou Constantino para fazer parte do projeto, e este prontamente aceitou, visto que os dois passavam pela mesma dor da perda.

O casamento de Débora e Constantino sempre foi de muito companheirismo, mesmo quando passavam por problemas, superavam através do diálogo e do respeito que um tinha pelo outro. Com o passar do tempo, transavam pouco, por conta da correria do dia a dia, o trabalho, a vida doméstica, o cansaço. Depois da morte de André e as ocupações com a Semprepaz (ONG), o sexo foi totalmente extinto pelo casal. Será que não eram desculpas? Afinal, sexo faz parte da vida de um casal. Entretanto, o esposo justifica “[...] percebo agora que o trabalho sempre foi uma maneira socialmente aceitável de eu me ausentar de minhas obrigações conjugais” (PORTO, 2018, p. 66).

Os desejos de Constantino foram sufocados por ele, mas continuavam adormecidos, embora ele não desse abertura para isso. Há coisas na vida que vão acontecer, mesmo que você não queira. A internet é uma ferramenta perigosa, assim como pode descontrolar qualquer pessoa, descontrolou o personagem principal dessa história. Não adiantava, o desejo estava ali adormecido sempre, seja no pensamento, seja na atitude, como “Na aula de educação física, sentia impulso de olhar para os corpos dos meus colegas, mas achava que isso trairia a natureza que eu rechaçava e queria ocultar. Então não olhava para ninguém” (PORTO, 2018, p. 72).

Contudo, os desejos de Constantino finalmente explodiram, e ele começou a frequentar *sites* e *chats* de relacionamentos. Antes de conhecer Emílio, teve dois encontros com homens desconhecidos. O primeiro foi um médico que conheceu pela internet, estavam hospedados no mesmo hotel, foi a primeira vez que ficara com um homem. O segundo, ele pagou pelos seus serviços, como se tivesse alugado um carro. Quando conheceu Emílio, estavam no mesmo evento e com o mesmo objetivo, em Brasília, Constantino representando a Semprepaz e Emílio representando o Itamaraty. Emílio era diplomata.

Houve logo uma afinidade entre os dois, os assuntos eram os mesmos, sem falar de como Constantino se sentia quando se encontravam ou estavam juntos, o tempo não passava. Essa situação foi se encaminhando para uma paixão avassaladora, afinal de contas, nunca tinha acontecido um fato assim com Constantino.

Com Emílio eu finalmente entendi um poema surrealista que havia estudado na aula de francês muitos anos antes, que falava de olhos

profundos que roubavam a memória de quem os fitasse. Algo como se a gente apagasse todos os arquivos armazenados no nosso computador cerebral; como se a gente recomeçasse do zero. Minha relação com Emílio me fez perder a memória de quem eu era. Com ele, eu pensava no que queria ser, não no que até então havia sido. Ele me deu sentido de possibilidade, me abriu sentimentos que eu não sabia que existiam e aos quais não sabia se sobreviveria. (PORTO, 2018, p.89)

Com esse encontro da vida, Constantino estava disposto a jogar tudo para o alto e refazer sua vida com Emílio, mas Emílio ocupava um cargo que não era tão simples assim, ser diplomata não requer local certo para moradia e ele sabia disso. Portanto, Constantino pensava que sua morte talvez tenha sido uma saída para um término não doloroso, embora a morte seja para alguns um pesadelo. No caso dele e de Emílio, foi uma salvação.

Previendo o que aconteceria, Constantino resolveu seguir sua vida sem Emílio, mas antes resolveram se ver. O último encontro se deu em Brasília, onde se conheceram, passaram a noite no hotel, a despedida foi infeliz. No dia seguinte, o levou ao Aeroporto para que fosse visitar sua família, antes de embarcar para Indonésia. Depois, Constantino entendeu que Emílio não o estava abandonando, apenas seguindo seu caminho.

A vida continuava. Constantino voltara ao trabalho e as suas viagens de negócios. Ainda envolvido pelo sentimento com Emílio, pensava de vez em quando nele. Surgiu uma viagem para o Japão pela Semprepaz e resolveu ir. Quando chegou no país, depois de cumprir com seus compromissos, deu uma desculpa para os outros colegas e se encaminhou para uma sauna gay. Através desses episódios referentes à sauna gay, podemos compreender porque a obra recebeu o nome *Cloro*:

Lembro que as piscinas não estavam todas em funcionamento. Algumas passavam por limpeza. Senti o cheiro de cloro que exalava da lavagem. “Desculpa o transtorno”, é o que deveriam dizer os sinais. Vi uma porta com uma pequena janela de vidro retangular. “Mist sauna”, dizia o letreiro. Resolvi abri-la, e entrei numa sala completamente sem luz. Senti jatos de vapor na cara e me dei conta de que se tratava, na verdade, de uma mistura de sauna e quarto escuro, com bafos de névoa quente, como nos grandes viveiros para plantas tropicais em países frios. Fiquei desconcertado pela escuridão. Quase retrocedi. Mas acho que já tinha me programado tanto para ter coragem que reduzi o passo e continuei. Esperei que meus olhos se acostumassem à falta de luz. Quando isso aconteceu,

divisei contra a parede um banco reto de azulejos, no qual me sentei. Fechei os olhos. O cheiro de cloro seguia em minhas narinas. (PORTO, 2018, p.107)

Então, a morte se aproximava de Constantino. Embora ele estivesse se sentindo mal, não tinha certeza de que seu fim estava por chegar. Mas chegou. A única coisa que pôde perceber e sentir, foi sua garganta que travou, quando não conseguiu mais gritar. Percebeu seu corpo envolto de água morna e por último, ouvindo a música de Doris Day, "*It's later than you think*" (PORTO, 2018, p. 107).

O narrador deu voz aos seus testemunhos na última parte do livro. Como ele mesmo define: os outros. A primeira voz é de um cliente desconhecido, a quem chamou de "o obcecado", pois frequentava a sauna assiduamente, no qual pensava em sexo todos os dias, e resolveu ir naquele dia. Foi ele que encontrou o corpo de Constantino Curtis e avisou a gerência do estabelecimento para tomar as devidas providências.

Também deu voz a Artemísia, que foi quem recebeu a notícia pelo inspetor de polícia, ao Cônsul-geral, responsável pelo consulado em Tóquio, o cunhado de Constantino, Sílvio, que acompanhou Débora e a filha para o reconhecimento do corpo no Japão. O interessante é perceber nessa fala de Sílvio como ele reage sobre o caso de seu cunhado, embora não diga nem uma palavra sobre Constantino na frente de sua irmã, preservando-a por conta da dor e do constrangimento.

Sempre achei o cara um canalha. Veja que eu estava certo. Pense nas circunstâncias em que ele morreu. Imagine como minha irmã e minha sobrinha se sentiram. Fui eu que acompanhei Débora e Léa ao Japão para o reconhecimento e a liberação do corpo. Vimos Constantino, meu cunhado, nu no necrotério, com lábios azuis, dentro de uma bandeja de aço inoxidável. Ele não precisava ter feito as duas passarem por isso. (PORTO, 2018, p.126)

Durante essa passagem, Sílvio ressalta sobre a sua infância, dizendo que apesar de serem só os dois como filhos, seus pais não foram pessoas fáceis, primeiro porque sua mãe era alcoólatra, tudo bem, alcoolismo é uma doença. Mas quando fala de seu pai, resume dizer apenas que foi mulherengo até a morte. Vejam como é nossa sociedade. Quer dizer, um homem passa a vida toda traindo a mulher, parece ser naturalizado essa atitude, mas porque um "homem gay" traiu sua esposa e teve o azar de morrer em uma sauna, é um canalha e tudo o que não presta, não é levado em consideração nem o trauma que teve na infância.

Débora, por sua vez, tentou levar o máximo natural possível o que acontecera com seu esposo, mesmo a sua homossexualidade depois de morto, que foi descoberto pela sua filha através de um relatório da perícia. Para ela, foi até uma espécie de consolo, pois se culpava muito por sua relação sexual. Já Emílio, soube um pouco mais tarde da morte de seu ex-amante, Constantino escreveu-lhe e por algum motivo, ele só recebeu a carta trinta e um dia depois. Apesar de Emílio ter fantasiado uma relação à dois, decidiu pelo lado racional das coisas, foi embora para seu destino. O importante é que Constantino conseguiu se libertar, sua morte foi seu nascimento. Só assim, pode dizer tudo o que acontecera enquanto estava vivo. Agora renasce de uma outra forma. O que nos leva a pensar que Constantino morreu para sua vida de heterossexual e pai de família e renasce para outra vida como homossexual.

A partir do que foi exposto, como analogia individual memorialística identitária das duas obras, abordamos na subseção seguinte essa relação das duas obras, no sentido de entender quais aproximações e distanciamentos têm os dois romances.

4.3 A relação do diálogo em *Sérgio Y. vai à América* e *Cloro*, de Alexandre Vidal Porto

Sérgio Y. vai à América e *Cloro* são romances que abordam as temáticas memória e identidade na literatura contemporânea, a partir de debates que trazem relações com o movimento LGBTQIAPN+, mesmo sendo um discurso debatido há muitos anos e inovado com essa nova ambientação da contemporaneidade, ainda causam com frequência impactos sociais frente à onda conservadora que assola nossa sociedade nos dias atuais.

As obras *Sérgio Y. vai à América* e *Cloro* não são aquelas leituras para quem não possui uma visão periférica se confortar, para quem não está habituado com textos de acordo com outras crenças e ideologias, e não estão dispostos a perceberem outras possibilidades. Se levarmos em consideração o perfil do escritor Porto, mesmo trazendo esses debates, identificamos uma posição de conforto, levantando a bandeira LGBTQIAPN+ numa perspectiva diferenciada, pois percebemos, através de seus personagens, um reflexo da sua condição social.

Um escritor assumidamente gay, no entanto, que vem de uma família abastarda, que durante toda a sua vida possuiu uma condição privilegiada e que não

precisou militar ou lutar por conta de sua condição sexual. Assim, são seus personagens, um jovem neto de imigrantes, cuja família construiu fortuna no Brasil, permitindo sua ida para os Estados Unidos, e lá, assumiu sua transexualidade, e, um advogado bem sucedido, casado, que nunca assumiu sua sexualidade, tendo relacionamentos extraconjugais com homens bem sucedidos.

No romance *Sérgio Y. vai à América*, o narrador é o personagem Armando, psiquiatra, pai, viúvo, aos seus 70 anos de idade, e que a partir de sua narração aborda os acontecimentos através de fragmentos, e esses pedaços vão construindo o enredo, contudo, não perde o sentido, mostrando com precisão os pontos mais importantes da história.

Na teoria literária e nos estudos sobre o narrador personagem, compreendemos que a história é contada a partir do ponto de vista do narrador. Através dessa afirmativa, e, apesar da obra trazer uma temática na perspectiva LGBTQIAPN+, temos um narrador personagem heterossexual.

Armando sempre registrava no papel o que acontecia nas seções de terapia com os pacientes, mas após sua filha o presentear com um gravador, percebeu o quanto era necessário possuir o objeto para facilitar seu trabalho, assim, poderia ouvir e analisar por muitas vezes o conteúdo. Desta forma, com o gravador que ganhou da filha, ele consegue rever as sessões quantas vezes for necessário e, a partir da voz e da respiração, observa detalhes mais precisos. O uso do gravador nos traz a chegada da tecnologia para o armazenamento de memórias, o personagem evoluiu da memória escrita, que eram suas anotações, para a memória tecnológica.

Armando descreve sua própria personalidade profissional, ressaltando que gosta quando os casos clínicos instigam seu interesse, e afirma que, quando esse interesse passa, procura dispensá-los. Ele começa a falar sobre um paciente interessante, chamado Sérgio Y., e nos mostra como esse paciente específico lhe trouxe uma nova percepção para sua atuação profissional.

O personagem Armando traz suas memórias individuais e ao mesmo tempo caracterizadas como coletivas, porque elas foram compartilhadas com outros indivíduos que fazem parte do seu meio social. No caso, sua esposa, mãe, suas tias, sua filha e até mesmo seu mais novo paciente, Sérgio.

Essa construção da memória é muito importante de ser destacada, pois reforça o que trouxemos ao longo do estudo. Podemos perceber que antes Armando

realizava anotações de seus atendimentos, e não conseguia absorver com precisão as falas, pois a memória absorve e armazena aquilo que acha necessário, e nem tudo pode ser lembrado com precisão.

O narrador é muito preciso em alguns detalhes, destaca que no primeiro dia que recebeu Sérgio, estava ensolarado. As pessoas que ali passavam, pelas ruas da cidade, desejavam que chovesse, observou o tempo: "Ninguém imaginava, porém, que fosse escurecer tão de repente, ou que fosse cair tanta água do céu" (PORTO, 2014, p. 21). Cada pormenor referente ao dia do primeiro atendimento de Sergio Y., é uma lembrança de Armando.

Armando, relata sobre seus encontros com Sergio Y., desde da primeira vez, descrevendo de forma detalhada o rapaz, reforçando como este estava vestido e como se apresentou. Conforme o narrador, Sergio o procurou por não ser feliz, apesar de ser rapaz bonito, educado e de família abastada, Armando fez questão de reforçar. Reforçou a admiração que surgiu desde o primeiro momento por aquele paciente, percebendo estar muito ligado à sua condição social, um rapaz que sempre teve tudo, e mesmo assim, buscava a felicidade.

Sobre as origens de Sergio Y, Armando sempre ressalta, "As sessões mais interessantes e produtivas que tivemos foram aquelas em que Sergio Y. fala de seu bisavô, Areg Yacoubian, que aos dezesseis anos embarcara em um navio em direção ao Brasil" (PORTO, 2014, p. 33), descrevendo com precisão a história do bisavô e como ele construiu sua família e sua fortuna no Brasil. Podemos afirmar que a obra apresenta características flutuante, mutável da memória tanto individual como coletiva.

Eu tenho um sonho recorrente com o meu bisavô Areg. No sonho, ele faz um discurso para uma plateia, só que a única pessoa na plateia sou eu. Começa a discursar, mas ele fala baixo, e eu não consigo ouvir muito bem o que ele diz. Me aproximo para escutar melhor, mas só consigo ouvir sua última palavra: "feliz". Eu sei o que provoca esse sonho. São as lembranças da festa de cem anos de Areg. Lá no Pará. Eu fui. Toda a minha família viajou para Belém. Meus pais, meu tio Elias, minha tia Valéria, meu primo José. todo mundo. Ficamos todos hospedados na casa do meu avô Hagopinho (PORTO, 2014, p.35).

A partir dessa fala, podemos identificar uma memória herdada e sua ligação estreita com o sentimento de identidade, a partir do fato que ele descreve a família e a cidade na qual estavam.

Temos um capítulo no romance *Sergio Y. vai à América* intitulado "O discurso que ele tem na memória", nesse capítulo percebemos a construção da identidade de Sergio a partir da fala que ele rememora do bisavô. Percebemos, ainda, a construção da memória de Sergio, que detalha com precisão o discurso de seu bisavô, e guarda o papel com o discurso, um exemplo de memória escrita. Sendo assim, toda essa situação é caracterizada como uma memória individual, construída coletivamente, entre ele, seu avô e sua família, que participou do evento.

Armando faz uma reflexão sobre a viagem de Sergio para Nova York, nas férias, junto com a família. Destaca que foi o único momento da terapia de Sérgio que houve a necessidade de ser suspensa. O personagem narrador menciona um ponto chave que mais tarde será importante para o desenrolar da trama, que é a visita a Ellis Island. Foi uma sugestão de Armando a Sergio, para tornar a viagem mais interessante a Nova York.

Armando descreve o retorno de Sergio para sua primeira consulta, depois do retorno das férias. Sergio chegou antes do horário, trouxe um livro de presente para seu terapeuta, que, mesmo tendo gostado da gentileza e do livro que ganhou, não deu muita atenção, pois o livro não tinha um local específico para ser armazenado.

No segundo dia de consulta, relata que Sergio não quis deitar no divã, e sim, na cadeira, como no dia em que iniciou o tratamento. Nesse momento, de forma calma, queria encerrar o tratamento. O ponto importante desse momento foi a afirmação de Sergio, em dizer que encontrou uma maneira de ser feliz.

De certa forma, o narrador destaca sua decepção com a situação, ao mesmo tempo que se questiona pela forma brusca que isso ocorreu e a frustração por perder o paciente ao qual tinha grande apreço.

Durante muito tempo, Armando continuou a lembrar de Sergio, conforme suas palavras: "anos depois, Sergio Y. já não ocupava muito espaço nas minhas divagações, mas tampouco havia desaparecido totalmente de meus pensamentos. Na minha contabilidade profissional, Sergio Y. era um passivo a descoberto (PORTO, 2014, p. 46). Nessa perspectiva, Armando afirma que em suas memórias, mesmo com pouca frequência, ainda lembrava de Sergio, e um fatídico dia, um encontro inesperado com a mãe de seu ex-paciente, acaba por ressignificar essas

memórias com Sergio Y., principalmente quando esta o cumprimenta, e começa a falar sobre seu filho, dizendo que se mudou para Nova York e estava feliz. Armando teve grande contribuição para esse fato. O diálogo entre os dois evidencia essa ressignificação:

"Dr Armando?", falou como se me conhecesse. "Sou Tereza Yacoubian, mãe de Sergio, que foi seu paciente faz alguns anos". De início, não entendi o que ela dizia. Demorei uns dois segundo para recuperar o nome de Sergio na minha memória. Cumprimentei-a quase por reflexo.
 "[...] Deixa eu me desculpar pela intrusão, mas é que, desde o tempo em que o Sergio fazia terapia com o senhor, eu sempre quis lhe dizer algo que eu nunca tive oportunidade de falar. Nós temos amigos em comum, mas o senhor sabe que a vida em são paulo é uma loucura. A gente mora na mesma cidade, mas é como se morasse em outro país" (PORTO, 2014, p. 49-50).

Nesse momento, a mãe de Sergio afirma para Armando que ele ajudou muito o filho, temos uma memória coletiva, pois ela traz à tona uma memória que foi construída por Armando e Sergio Y., e nesse momento está construindo uma memória com Armando.

A fala de Tereza faz Armando reviver as memórias que teve com Sergio, contudo se questiona sobre como o ajudou a chegar à tão sonhada felicidade, pois em suas memórias não consegue identificar. Ela discorre que o filho está muito feliz em nova York, está morando lá a um determinado tempo, terminou gastronomia, estagiou em restaurantes renomados e em breve estaria inaugurando seu próprio restaurante, cujo nome era "Angelus".

A partir desse momento entramos na busca do entendimento sobre os estudos comparados. Trouxemos alguns conceitos abordados por Tânia Carvalhal, que podem esclarecer o nosso entendimento nesse quesito.

Para Carvalhal (2006) "a diversidade dos estudos comparados acentua a complexidade da questão", pois existem estudiosos que comparam obras pertencentes a um mesmo grupo literário e outros que analisam a variedades de temas, causas nas inúmeras literaturas. Por esse entendimento, o estudo não pode ser compreendido exclusivamente por comparação. No entanto, afirmamos que os estudos comparados são o modo de possibilidades para ampliação ou distinção desse estudo.

Ainda que não se trate somente de uma comparação literal, algumas coincidências são apontadas nas obras em estudo, como a revelação do nome completo de Sergio Y., quando Armando passa quatro dias acordado pela notícia que acompanhou nos dois principais jornais de São Paulo.

Teresa e Salomão Yacoubian cumprem o doloroso dever de comunicar o falecimento de seu filho Sergio Emílio Yacoubian, ocorrido em 2 de fevereiro na cidade de Nova York. Missa em intenção de sua alma será celebrada no dia 9 de fevereiro, às 11 horas, na Igreja Apostólica Armênia do Brasil, na Avenida Santos Dumont, 55, centro, na cidade de São Paulo. (PORTO, 2014, p.61)

Será apenas coincidência Sergio ter o mesmo nome do amante de Constantino? Ou essas obras, além de assinar temas idênticos, trazem nomes iguais? No caso, o segundo nome de Sergio é o mesmo nome do amante de Constantino, Emílio, na obra *Cloro*. Não é possível saber. São apenas especulações e apontamentos que nos faz refletir a partir das leituras.

Costa (2008) aponta que na literatura temos variados tipos de romances e que cada um apresenta elementos pertinentes. Tais elementos, como: foco narrativo, história e discurso, espaço e tempo, personagens e modo de representação só fazem sentido quando estão juntos, mas também podem ser estudados separadamente.

Quanto ao foco narrativo, Costa (2008) nos diz que se faz necessário fazer uma distinção entre o autor e o narrador. Para ele, o autor é uma pessoa física que constrói a história e é de carne e osso, enquanto o narrador constitui o produto do discurso narrativo, um ser inanimado, criado pelo autor.

Entendemos que em um romance pode haver a mistura de ficção e realidade, podendo existir um conflito na memória do autor e na memória dos personagens. Em *Sergio Y vai a América* e *Cloro* há uma aproximação dos narradores personagens com o autor, pois, embora Porto tenha criado personagens diferentes, como é o caso de Armando, Sérgio/Sandra e Constantino, eles trazem características parecidas, como, por exemplo, a sexualidade. Além disso, outro fator em comum são as cidades, espaço onde se passa a ação do romance e que foram espaços habitados pelo próprio autor.

A partir dos estudos de Costa (2008), percebemos que tanto o narrador da obra *Sergio Y vai a América* como o narrador de *Cloro*, são intradieгéticos, tipo de

narrador que faz parte de uma classificação proposta por Ginette, em sua obra *Figures III*. Para ele, o narrador intradieético é quando esse é uma das personagens. Nesse sentido, confirmamos essa incidência nos romances aqui estudados, pois essas obras de Porto trazem Armando e Constantino como protagonistas e narradores.

Conforme estudado, a partir dos autores aqui propostos, no que tange à literatura contemporânea, dentre eles Schollhammer (2009) e Perrone-Moisés (2016), ambos possuem uma opinião sobre o tema, principalmente por julgarem que ser contemporâneo não necessariamente possa representar o presente e as profundas transformações ocorridas na sociedade nas últimas décadas, permitindo uma certa dificuldade de definir esse momento. Desse modo, a literatura contemporânea se reinventa a partir de apropriações de outras épocas. Ela transforma o que foi do passado, de outro momento, em algo atual, mas se adequando à realidade do presente. Contudo, nem sempre será fácil resgatar esse passado e trazer para o hoje. Podemos perceber essa característica da literatura contemporânea na narrativa de Porto (2014):

Eu sentia que não estava conseguindo lidar sozinho com esse conflito psicológico e a culpa que as circunstâncias da morte de Sergio haviam desencadeado em mim. Antes que o problema crescesse e me fizesse seriamente doente, resolvi falar com Eduardo, meu colega de faculdade, que conheço há mais de quarenta anos. [...] A fonte principal de minha frustração era não ter detectado qualquer indício de transexualidade em Sergio Y. Senti-me ludibriado por minha única e exclusiva incompetência (PORTO, 2014, p. 73).

O trecho acima evidencia uma característica do resgate do passado para o momento presente. Armando inicialmente se culpa pela morte de seu paciente, em seguida faz um contraponto, relacionando que não conseguiu identificar o conflito psicológico de Sergio, ou seja, sua transexualidade. Isso, para ele, que possui um ego elevado, é frustrante. Nesse momento, percebemos esse resgate, pois, antes, um terapeuta se preocupava com distintas questões, na contemporaneidade é muito presente adaptar a psicoterapia para questões de gênero, seja referente à identidade ou mesmo à sexualidade, conflitos atuais que ganharam visibilidade, pois, mesmo existindo há muito tempo na sociedade, eram obscurecidos pelos padrões de moral estabelecida.

Nesse ponto, trazemos as obras *Sergio Y. vai à América e Cloro*, ambos os romances se adaptam a nossa realidade, abordando, no desenrolar de suas tramas, enredos não convencionais, fato comum na contemporaneidade, como, por exemplo, os temas da transexualidade e o fato de o indivíduo “sair do armário”, reconhecendo sua sexualidade depois de ter sua vida construída obedecendo os padrões patriarcais:

Tem gente que passa a vida fugindo de uma coisa sem compreender que não existe fuga possível, que não adianta lutar, que não adianta querer ter controle. Foi o que aconteceu comigo, e, antes que minha memória se apague, preciso entender como gastei minha vida. [...] agora, que a minha vida sexual já se encerrou, posso dizer que, antes de transar com outro homem, a transcendência do sexo era algo que eu desconhecia (PORTO, 2018, p. 12 - 88).

Temos aqui um contraponto da obra *Cloro*, no qual Constantino relata que passou a vida fugindo daquilo que ele realmente era e faz um balanço de como levou a sua vida até o momento em que descobriu a sua verdadeira identidade, descrevendo como foi a experiência de fazer sexo com outro homem. Também podemos classificar o trecho como exemplo de literatura contemporânea por realizar esse resgate.

Halbwachs (2006) contribuiu com suas análises a respeito da memória, afirmando que, além de ser um fenômeno individual, é também socialmente construída através do coletivo. Essa construção da memória, seja ela de um grupo ou Estado, possui para cada situação propósitos específicos sempre, no entanto, são geralmente referentes às esferas públicas ou culturais. Assumir uma memória coletiva e fazer com que ela prevaleça em relação as outras significa poder, permitindo a determinado grupo demonstrar que é coeso, forte. Buscamos a fala do personagem principal da obra *Cloro*, Constantino, um homem no auge dos seus cinquenta anos, que realiza o resgate da infância:

Lembro-me de minha mãe, tentando disfarçar o orgulho, responder à pergunta do meu tio antes de mim: "Parece que Tino desencantou, não é filho? Arranjou uma namorada na escola. O nome dela é Anna. Até que é bonitinha. Filha de austríacos" (PORTO, 2018, p. 21).

Constantino ressignifica uma cena familiar. O personagem vivencia, em determinado tempo e espaço, a lembrança de um acontecimento vivido juntamente

com a mãe e o tio, caracterizando essa fala como uma memória coletiva, que foi construída juntamente com outras pessoas. Dessa forma, partindo além da percepção oferecida por Halbwachs (2006), na qual afirma que a função principal da memória coletiva está em manter a coesão e a continuidade dos grupos, propomos a compreender a memória no sentido da identificação entre os indivíduos que, através da escolha, constroem sua memória em um determinado tempo e espaço.

Portanto, compreendemos, com o exposto, como os romances de Porto estão relacionados frente às temáticas memória e identidade e, ao mesmo tempo, como eles se caracterizam na esfera contemporânea. Os romances levantam questões de memória quando debatem acerca das vivências e recordações realizadas pelos personagens. Quanto à identidade, percebemos que ela está voltada para a comunidade LGBTQIAPN+, comunidade marginalizada, fazendo-se necessário debater questões que a envolvam. Levantar esse debate sobre identidade é manter a memória dessa população viva e a sua luta sempre atual.

5 CONCLUSÃO

Com as leituras dos romances contemporâneos *Sérgio Y. vai à América e Cloro*, traçamos alguns questionamentos como: Qual o lugar e a importância de Alexandre Vidal Porto no contexto de literatura contemporânea? Como se constrói a memória identitária dos protagonistas nas obras *Sérgio Y. vai à América e Cloro*? Qual a relação dialógica dos romances *Sérgio Y. vai à América e Cloro*?

Embora nas questões levantadas não exista nenhum registro sobre a literatura de testemunho, e que, apesar de existir um entendimento que esses estudos partem de investigações principalmente de textos hispânico-americano, africanos e alemães, esse último voltado principalmente para o Holocausto, devemos ressaltar que as duas obras são consideradas obras testemunhais, pois apreendemos que o testemunho também contempla outras questões, associadas a escrita de resistência e a exclusão social.

Alexandre Vidal Porto ganha sua importância na literatura contemporânea por trazer narrativas envolventes, com uso de uma linguagem direta e de fácil compreensão, principalmente porque faz uma escolha de escrever em português simples, faz uso de nomes e verbos exatos e diretos e também realiza a exploração das palavras de uma forma poética. Possui uma capacidade única de enaltecer temáticas complexas, como a homossexualidade e a transexualidade, temas esses, que fazem parte da sociedade moderna. Por fim, esses temas abrem um leque de debates para questões sociais, como: a desigualdade, a discriminação, o preconceito e outras minorias.

Entendemos que memória não está resumida apenas à vida de uma pessoa, pois ela é uma construção coletiva que herdamos uns dos outros. Nos romances de *Sérgio Y. vai à América e Cloro* detectamos essa memória coletiva. Todo o processo memorialístico se deu através de falas de várias personagens, ainda que nos dois romances tivesse apenas um narrador. Devemos recordar que em *Sérgio Y. vai à América*, Armando utilizou da voz de Sergio Y., da filha Mariana, da mãe e do pai de Sergio, da última terapeuta e de outros para rememorar a trajetória da vida de Sergio. Agora em *Cloro*, Constantino também deu voz a alguns personagens familiares e a seu amante Emílio, que ele denominou de “os outros”. Portanto, houve um resgate da memória coletiva, quando as personagens realizam essa recordação, rememorando sobre momentos vivenciados.

Realidade e ficção se cruzam nesta pesquisa. Todo espaço narrativo usado pelo autor se assemelha ao mesmo espaço vivenciado pelas suas personagens. Outro fator exposto além da sexualidade de Porto é a sua condição financeira e privilegiada como homem branco e rico, embora a temática das obras esteja relacionada à exclusão social.

O estudo proporciona a devida importância, por ainda tratar de um assunto discriminado na sociedade contemporânea. Os textos apresentam a história de uma transexual e de um homem gay que vivia no armário, no entanto, temas como esses, devem ser discutidos e estudado no meio acadêmico, como forma de reparar pessoas que durante muito tempo foram e são invisíveis, mas que também são donos de histórias, identidades e memórias.

É desse modo que conseguimos elucidar as questões propostas pela pesquisa, tendo o entendimento que Alexandre Vidal Porto contribui e vive a literatura contemporânea, e que as identidades dos personagens são construídas a partir da memória coletiva, e por fim, entender que existe uma relação dialógica em *Sergio Y. vai à América e Cloro*.

REFERENCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALÓS, Anselmo Peres. **A letra, o corpo e o desejo:** masculinidades subversivas no romance latino-americano. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2012.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CABRAL, Anne Emílie Souza de Almeida. História, Memória e identidade: aspectos metodológicos de pesquisa. *In:* Encontro de Formação de Professores (ENFOPE), 8; Encontro Internacional de Formação de Professores, 8, 2015. **Anais...** Aracaju: UFPE, 2015.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade.** Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada.** Editora Ática, 2006.

COSTA, Lucas Silva. **Homossexualidade e ambiente de trabalho:** análise das experiências vivenciadas por gays em organizações do Distrito Federal. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Departamento de Administração, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

COSTA, Marta Morais da. **Teoria literária II.** Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

DREY, Marina Siqueira. Literatura brasileira contemporânea, gênero e estereotipação: uma análise de *Sérgio Y. vai à América*. **Cadernos do IL**, v. 1, n. 54, p. 281-294, 2017.

FIGUEIREDO, Roseana Nunes Baracat de Souza. **A Literatura:** um espelho da sociedade, 2004. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7117.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6.ed. São Paulo: Atlas, 2016.

GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. **Revista Conexão Letras**, v. 3, n. 3, 2008.

GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. **Tintas.** Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane, n. 2, p. 199-221, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: Lamparina, 2006.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. 3 ed. Porto Alegre: Arthmed, 2018.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão *et al.* Campinas: SP. Editora da UNICAMP, 1990.

MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de Estado. **Lua Nova**: revista de cultura e política, p. 45-68, 2004.

MARCUSCHI, Beth. A escrita do gênero memórias literárias no espaço escolar: desafios e possibilidades. **Cadernos Cenpec| Nova série**, v. 2, n. 1, 2012. Disponível em: <https://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/92>. Acesso em: 6 jun. 2022.

MENDES, Cristiano. Pós-estruturalismo e a crítica como repetição. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 30, p. 45-59, 2015.

MESSENTIER, Leonardo Marques de. Patrimônio urbano, construção da memória social e da cidadania. **Revista Vivência**, p. 167-177, 2006.

MORAES, Lidiana de. Entre metáforas e epifanias: a (trans) formação de identidades em Sergio Y. vai à América. **Journal of Lusophone Studies**, v. 3, n. 1, 2018.

NORA, Pierre *et al.* Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1989.

PAGEAUX, Daniel-Henri. **Musas na encruzilhada**: ensaios de Literatura Comparada. São Paulo: Hucitec, 2011.

PELLEGRINI, Tânia. Ficção brasileira contemporânea: assimilação ou resistência? **Revista Novos Rumos**, [S. l.], n. 35, 2022. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/2221>. Acesso em: 19 jul. 2022.

PEREIRA, Henrique; ESGALHADO, Graça. A construção da identidade homossexual na América Latina. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, v. 4, n. 1, p. 169-178, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3498/349832337018.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2022.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

PORTO, Alexandre Vidal. **Cloro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PORTO, Alexandre Vidal. **Sergio Y. vai à América**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

POSSO, Karl. **Artimanhas da sedução**: homossexualidade e exílio. Tradução: Marie-Anne Krenner. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SCHØLLHAMMER, Karl Eric. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos. **Leitura**, n. 49, p. 83-108, 2012.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Amor e sexo na Grécia Antiga**. Porto Alegre: EDIPUCRS, Coleção Filosofia, 2005.

VIDAL, Alexandre. Entrevista com Alexandre Vidal Porto. **Gláuks** – Revista de Letras e Artes, v. 20, n. 2, p. 160-164, 2020.